



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

JULIA LINDENBERG BRAGA DE THUIN

Maternidades. O plural pragmaticamente recusado.

(Um ensaio sobre um “eu que fala e se mostra tríplice: ao mesmo tempo autora, narradora e personagem” da *máquina reprodutora humana*.)

Programa de Pós-Graduação: Estudos Contemporâneos das Artes

Linha de pesquisa: Corpo, cena, crítica da representação

Orientação: Tania Rivera

Niterói, 2022.



JULIA LINDENBERG BRAGA DE THUIN

Maternidades. O plural pragmaticamente recusado.

(Um ensaio sobre um “eu que fala e se mostra tríplice: ao mesmo tempo autora, narradora e personagem” da *máquina reprodutora humana*.)

Dissertação de fim de curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação Estudos Contemporâneos das Artes, na linha de pesquisa Corpo, cena, crítica da representação, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora Prof^o. Dr^a Tania Rivera

Niterói, 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES - PPGCA

JULIA LINDENBERG BRAGA DE THUIN

Maternidades. O plural pragmaticamente recusado.

(Um ensaio sobre um “eu que fala e se mostra tríplice: ao mesmo tempo autora, narradora e personagem” da *máquina reprodutora humana*.)

Dissertação de fim de curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação Estudos Contemporâneos das Artes, na linha de pesquisa Corpo, cena, crítica da representação, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Tania Rivera (orientadora) – PPGCA – UFF.

Prof^a Dr^a Jessica Gogan (examinadora) – PPGCA – UFF.

Dr^a Mariana Souza Guimarães – UFRJ

Niterói, 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES - PPGCA

Para o leão dourado, meu Antonio, meu pedaço e um todo por si.



Agradeço

À mulher de quem sou pedaço, Maria, minha mãe.

Às mulheres de quem sou pedaço do pedaço, Inah, Henriqueta, Jônia, Helena, Teresa, Jônia, Helena, Inah, Rose.

Ao meu companheiro, Renato Arruda de Rezende, por todas as ações de estímulo e incentivo.

Às mulheres que me dão a mão: Alexandra Maier, Amanda Scarparo, Betina Paulon, Carol Inácio, Carol Leite, Carolina Soresini, Diva Arruda, Flavia Franco, Flavia Rizzi, Gabriela Checchia, Gabriela Sefarty, Hanna de Thuin, Helena Varvaki, Irene Chaves, Joana Gabriela, Josiene Karla, Julia Enne, Mariana Menezes, Mariana Reis, Miwa Yanagizawa, Rosane Oliveira, Tainá Bevilaqua, Talita Baldin,

Às minhas colegas de profissão que generosamente compartilharam suas histórias: Carol Ferman, Carol Inácio, Gabriela Checchia, Helena Varvaki, Ilunga Malanda, Isabelle Nassar, Julia Rezende, Leticia Colin, Liliane Rovaris, Luciana Brandão, Marcia Pires Torres, Marina Provenzano, Miwa Yanagizawa, Paloma Riani, Raquel Karro, Tassia Leite, Yohama Eshima.

Às minhas entrevistadas, Aline Santos, Gabriela Sefarty e Marcia Soares.

À minha orientadora, Tania Rivera, pela condução cuidadosa.

À Jessica Gogan, que em pouco tempo me mostrou muito.

À Mariana Giumarães, pela acolhida e provocações.

À Celina Sodré, que me sugeriu o mestrado e que contribuiu em grande parte da minha formação como atriz.

À Carolina Rodrigues, que gentilmente relatou sua história e me disponibilizou o curso “Arte e Maternagem Negra” para esse trabalho.



Às mulheres que compartilham seus sextos e abrem caminhos para mulheres como eu.

Às artistas que estão presente nesse trabalho e me ajudam a contar essa história.

Ao Lucas Garbois, que me presenteou com um dos melhores livros que já li e com uma bela parceria para cena.

Aos colegas do curso de mestrado do PPGCA.

Em memória de Alessandro Patrício, secretário do departamento do PPGCA, recém-pai, com quem pude trocar sobre parentalidade, de quem nos despedimos cedo, vítima da pandemia de Covid-19 em 2020.

Em memória de Rosilaine Oliveira, que tanto me ajudou com Antonio, mulher e mãe, amiga, de quem nos despedimos muito cedo.



“Hoje eu fui picada pelo espinho da Medusa. E, todavia, porque há algo de individual nos textos, não posso desejar ver retornar uma Medusa mais comportada ou mais bela do que a minha espinhosa, assim como “Eu não teria desejado que viesse me dizer boa noite uma mãe mais bela e mais inteligente do que a minha””.

(Prout, Marcel *apud* Cixous, Hélène.)



Resumo

O presente trabalho foi escrito durante pesquisa sobre a vida da artista que soma às suas frentes de trabalho o labor materno. A dissertação parte de uma dimensão de análise particular, específica, localizada entre o plano singular e o universal da experiência subjetiva, para quem sabe fazer laços com a experiência contemporânea de outras pessoas que desejem pensar as pressões históricas que nos configuram. A contribuição de atrizes, diretoras, artistas e outras mulheres que também são mães foram essenciais durante o percurso dessa pesquisa para fortalecer a hipótese de que a maternidade tem de ser contemplada diante das subjetividades de cada mãe e não à luz de uma narrativa hegemônica sobre que amor e que trabalho é esse.

Palavras-chave: Maternidade – Arte Contemporânea – Feminismo – Atriz



Resume

The present work was written during research on the life of the artist who adds maternal labor to her work fronts. The dissertation starts from a particular, specific dimension of analysis, located between the singular and universal planes of subjective experience, for those make connections with the contemporary experience of other people who wish to think about the historical pressures that shape us. The contribution of actresses, directors, artists and other women who are also mothers were essential during the course of this research to strengthen the hypothesis that motherhood has to be contemplated in the face of each mother's subjectivities and not in the light of a hegemonic narrative about what love and what work is this.

Keywords: Motherhood – Contemporary Art – Feminism – Actress



Lista de imagens:

- Fig. 1. Julia Lindenberg, *Nó*, fotografia, arquivo pessoal da autora, 2018. 16
- Fig. 2. Julia Lindenberg, *Carne-sangue*, fotografia, arquivo pessoal da autora, 2018. 20
- Fig. 3. Clarice Gonçalves, *Uma causa que a determina*, óleo sobre tela e crochet de barbante, 2009. 21
- Fig. 4. Malu Teodoro, *Da série Você está morta*, bordado sobre impressão em jato de tinta, 2018 – 2021. 23
- Fig. 5. Simone de Moraes, *Roda da Fortuna*, trama de fio de lã de carneiro, 2016. 24
- Fig. 6. Lenka Clayton, *63 objects taken from my sons's mouth*, fotografia, 2013 25
- Fig. 7. Festa de boas-vindas ao Arthur feita por Amanda, a empregadora de Aline, arquivo pessoal de Amanda, 2021. 31
- Fig. 8. Marcia Soares e sua filha, ainda bebê, arquivo pessoal Marcia Soares, 2017. 35
- Fig. 9. Sebastião Salgado, fotografia, projeto “Amazonia”, 2021. 37
- Fig. 10. Tatiana Reis, *Postpartum Body, Notas sobre meu corpo pós-parto*, fotografia, 2020. 40
- Fig. 11. Gabriela Sefarty e Ravi, arquivo pessoal Gabriela Sefarty, 2021. 42
- Fig. 12. A Coletiva e Mapeamento AeM, *Artistas mães produzem enquanto vocês dormem*, lambe, 2021. 44
- Fig. 13. Adriana Varejão, *Mapa de Lopo Homem II*, Óleo sobre madeira e linha de sutura, 1992 – 2004. 47
- Fig. 14. Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. Deep inside my heart*, 2009-10. 55
- Fig. 15. Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. I Lost You*, 2009-10. 56
- Fig. 16. Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. And so I kissed you*, 2009-10. 57



- Fig. 17. Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. I wanted to love you more*, 2009-10. **57**
- Fig. 18. Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. A sparrow's heart*, 2009-10. **58**
- Fig. 19. Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. When my cunt stopped living*, 2009-10. **59**
- Fig. 20. Mother Art, *Choice*, 1981. **60**
- Fig. 21. Hein Koh, fotografia, arquivo pessoal, 2016.
- Fig. 22. Julia Lindenberg, *Antonio só dormia assim*, arquivo pessoal, 2018. **64**
- Fig. 23. À esquerda, Kara Walker com sua filha recém-nascida. À direita, Laurie Simmons com as filhas em 1993. Arquivo pessoal das artistas. **65**
- Fig. 24. Gráfico de Taxas Brutas de Natalidade e Mortalidade. Fonte: IBGE **67**
- Fig. 25. Lucilio de Albuquerque, *Mãe-Preta*, óleo sobre tela, 1912. **69**
- Fig. 26. Infográfico do jornal O Globo sobre a demanda por creche pública na cidade do Rio de Janeiro. **75**
- Fig. 27. Clarice Gonçalves, *Com a cautela das Lagartas*, óleo sobre tela, 2016. **76**
- Fig. 28. Adriane Oliveira, *Mártir*, acrílico sobre papel, e *Projeção astral*; acrílico sobre tela, 2019. **78**
- Fig. 29. Aila Beatriz, *Mulher melancia*, vídeo instalação, 2019. **78**
- Fig. 30. Angelica Nunes, *Sob o véu delas*; instalação, 2019. **79**
- Fig. 31. Barbara Moreira, *Migração*, instalação de parede com modelagem em argila crua, 2019. **80**
- Fig. 32. Carolina de Souza, *Ciclo Peregrino*, instalação de parede, 2019. **80**
- Fig. 33. Camila Melo, *Você vê e não me encontra (mamãe tô orfã) e Desmistificando coração de mãe*, bordado em feltro, 2019. **81**
- Fig. 34. Debora Mazloum, *Novos horizontes*, instalação de chão, 2019. **81**
- Fig. 35. Marta Mencarini, *Âncoras também projetam sombras e Enquanto ela dorme eu posso...*, acrílico sobre tela, 2019. **82**
- Fig. 36. Raissa Miah, *Puerpério: Amor e Luta*, grafitti na pilastra externa à galeria, 2019. **83**
- Fig. 37. Tatiana Reis, *Reentrância*, gesso, 2019. **84**



- Fig. 38. Em cena Bruna Toledo, sua filha, Lis, e Luciana Brandão, *Post it*, 18°
Festival de Cenas Curtas Galpão Cine Horto; Fotografia: Guto Muniz, 2017. **85**
- Fig. 39. Em cena Bruna Toledo, sua filha, Lis, e Luciana Brandão, *Post it*, 18°
Festival de Cenas Curtas Galpão Cine Horto; Fotografia: Guto Muniz, 2017. **86**
- Fig. 40. Em cena Bruna Toledo, sua filha, Lis, e Luciana Brandão, *Post it*, 18°
Festival de Cenas Curtas Galpão Cine Horto; Fotografia: Guto Muniz, 2017. **86**
- Fig. 41. Lenka Clayton, *Declaração da Artista*, 2012. **89**
- Fig. 42. Lenka Clayton, *Fiz uma lista de tudo que minha pesquisa precisaria para ser perfeita*, 2012. **90**
- Fig. 43. Lenka Clayton, *Mother's Days / 1 das 62 páginas de um dia na vida de uma mãe, vivido por mulheres de todo o mundo*, 2012 – 2014. **93**
- Fig. 44. Capa do catálogo da exposição *Arte na Maternidade*, 2021. **96**
- Fig. 45. Iaci, *Eu no lugar que mais fico na casa*, lápis de cor sobre papel Canson, 2021. **97**
- Fig. 46. Iaci, *Eu no lugar que menos fico na casa*; grafitti sobre papel Canson, 2021. **97**
- Fig. 47. Iaci, *Série na cozinha*, em sentido horário: *Sobre a mesa*, tinta acrílica sobre pratos de alumínio esmaltado, *Colher de prova*, tinta acrílica sobre colher de pau, *Tábua de corte*, tinta acrílica sobre tábua de madeira, 2021. **98**
- Fig. 48. Cora, *pé de amora*, guache sobre tela, 2021. **98**
- Fig. 49. Cora e Iaci, *retrato de nós duas*, guache, acrílica e giz pastel oleoso sobre papel panamá cinza, 2021. **99**
- Fig. 50. Lorena Barros, *explosão*, tinta acrílica, spray e giz pastel oleoso sobre papel 300g, 2021. **99**
- Fig. 51. Lorena Barros, *tudo no meu nome*, tinta acrílica, spray e giz pastel oleoso sobre papel 300 g, 2021. **100**
- Fig. 52. Lorena Barros, *apesar dos pesares*, giz pastel oleoso e caneta posca sobre papel 300 g, 2021. **100**
- Fig. 53. Lorena Barros, *retomada*, tinta acrílica, spray e giz pastel oleoso sobre papel 300 g, 2021. **101**
- Fig. 54. Flora Gonçalves, *sem título*, tinta guache sobre papel kraft, 2021. **101**



- Fig. 55. Flora Gonçalves e Lorena Barros, *tinta guache e caneta posca sobre tela*, 2021. **102**
- Fig. 56. Luciana Brandão, *Bisavó Cida com vó Cida no colo*, pintura sobre vidro e solvente, 2021. **102**
- Fig. 57. Luciana Brandão, *Pai Armando e mãe Lili*, pintura sobre vidro e solvente, 2021. **103**
- Fig. 58. Luciana Brandão, *Mãe e eu*, pastel seco, pintura sobre vidro e solvente, 2021. **103**
- Fig. 59. Luciana Brandão, *Tataravó Andreлина e bebê*, pintura sobre vidro e solvente, 2021. **104**
- Fig. 60. Tetê Brandão, *sem título*, pastel oleoso, 2021. **104**
- Fig. 61. Tete Brandão, *Mamãe criança, tete adulta*, pintura guache, 2021. **105**
- Fig. 62. O palhaço Potássio do Circo banana Caturra em uma de suas apresentações durante a exposição do MAM no Memorial do Vale, arquivo MAM. **106**
- Fig. 63. Julia Lindenberg, *Filhe de amiga é filha também*, arquivo da autora. 2022. **108**
- Fig. 64. Bruna Alcantara, *Mums also cum (Mães também gozam)*, costura em tecido, Portugal, 2022. **109**
- Fig. 65. Bruna Alcantara, *Mães também gozam*, costura em tecido, Rio de Janeiro, 2022. **111**
- Fig. 66. Bruna Alcantara, *Série Mãe Pandêmica*, 2021. À esquerda, o lambe na íntegra. À direita, o lambe vandalizado. **112**
- Fig. 67. Cooperativa de mulheres artistas, durante a Ocupação das artistas no Largo das Artes, RJ, com participação de Mariana Guimarães, *Saco cheio*, instalação realizada na exposição *Desordem Ordinária*, 2019. **117**
- Fig. 68. Manuela Navas, *Paciência e Afeto*, estudos em aquarela sobre papel de algodão sobre a maternidade, 2022. **123**
- Fig. 69. Eliana Amorim, *Fogão à lenha*, 2021. **124**
- Fig. 70. Eliana Amorim, *Latra d'água sobre um mundo*, 2020. **125**
- Fig. 71. Márcia Falcão, *Auto ajuda*, acrílica e óleo sobre tela, 2021. **126**



Fig. 72. Thaís Basilio, Da série *Mulheres Máquinas: Colo*, acrílica sobre tela,
2022.

127



Sumário

1. Prólogo	17
2. Ato	44
2.1 Maternidade: o mundo das artes, ter ou não ter? e aborto	44
2.2 Indústria criativa brasileira	66
2.3 Iniciativas de artistas mães para a reflexão no cenário das artes	76
2.4 A mãe e a rua	113
2.5 A maternidade e a mulher preta	121
3. Epílogo	129
4. Referências Bibliográficas	161

JULIA LINDENBERG BRAGA DE THUIN

“MATERNIDADES. O PLURAL PRAGMATICAMENTE RECUSADO.”

(Um ensaio sobre um “eu que fala e se mostra tríplice: ao mesmo tempo autora, narradora e personagem” da *máquina reprodutora humana*.)



fig. 1 – Julia Lindenberg, *Nó*, fotografia, arquivo pessoal da autora, 2018.

Niterói, 2022.



1- Prólogo

(Um ensaio sobre um “eu que fala e se mostra tríplice: ao mesmo tempo autora, narradora e personagem” da *máquina reprodutora humana*.)

Não é à toa que me sinto embrulhada. Que meu estômago se revira enquanto tento colocar no papel ainda a primeira linha deste ensaio. O caminho *autoexpositivo* me acompanha na criação, no trabalho como atriz, impiedoso. Os estudos me levaram ao ator Philip Seymour Hoffman e aos teatrólogos Constantin Stanislavski, Jerzy Grotowski e Eugenio Barba e é por isso que me refiro assim, sobre esta *autoexposição* impiedosa.¹

Meu repertório está sempre disposto a ser vasculhado, investigado, emprestado e exposto nos meus processos artísticos. E, não sei conduzi-los sem disponibilizar meu corpo memória, mesmo que nem sempre o faça de forma consciente. Se trata, *acho*, sem qualquer convicção, do *como* fazer arte que ousou encontrar alguma verticalidade nas palavras de Eugenio Barba em *Novas palavras para antigos caminhos*.

Hoje, da mistura e do diálogo de suas três línguas, poucos atores sabem destilar outras tantas sombras que sussurram. Se essas sombras se manifestam, o espectador as percebe e sente-se interrogado por seu sussurrar. Três sombras se projetam em direções opostas às das três línguas materiais da sonoridade, do significado e dos dinamismos somáticos. Cada sombra sussurra em sua própria língua: Švejk, tigre e anjo. (...) A língua do anjo é a mais difícil de explicar. Como a própria etimologia já diz, os anjos são mensageiros em estado puro. Só existem quando realizam uma tarefa impregnada de destino. Sua vida inteira está na mensagem que lhes é confiada. O mensageiro é a mensagem, e a menor nuance da mensagem também é essencial. O anjo se concentra na potência de cada gente, de cada olhar, de cada sílaba e entonação, da mais suave cadência e da mais fugaz imobilidade. E isso sem ter consciência do que a mensagem diz a quem a recebe. Ele não pretende interpretá-la: apenas transmite. Conjuga tudo isso com sua cega vocação – incompreensível até para si mesmo – de não ser nada mais que um anjo: um mensageiro consciente de sua incapacidade de saber se há um sentido no que ele transmite, e qual é esse sentido para cada espectador.

Não pensem que estou pegando as palavras pelo rabo e que as faça chiar ao rodopiá-las no ar. Só estou dizendo uma coisa óbvia. Quem de nós nunca fez a experiência, ao menos uma vez, da língua angelical de um ator que nos

¹E na sala de edição de "Capote" (filme que Hoffman co-produziu e que concorreu a cinco Oscars), ele brigou com o diretor, Bennett Miller, para tornar seu personagem menos atraente.

"Seria fácil montar o filme e não mostrá-lo sob uma luz tão intransigente", disse Hoffman. "Eu falei: "Para suscitar empatia com esse personagem, é preciso na verdade ser o mais intransigente possível com ele. Quanto menos tolerante se é com ele, mais empatia se conquistará ao final. Ou seja, você ainda terá uma opinião muito forte dele, mas, se você realmente o vir agir de maneira repreensível, conseguirá entender por que ele estaria passando pelo sofrimento emocional que passou."

É assim, com certeza, que pensa um ator que se exige e se critica tanto: que o caminho para se tocar o coração do público passa pela autoexposição impiedosa. É esse sacrifício, afirma Hoffman, que difere os grandes atores dos assalariados comuns. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2202200607.htm>



sussurrou – sem se dar por isso – um dos nossos próprios segredos? (BARBA, 2019, p.37).

Os personagens que interpretei são recortes anacrônicos de mim mesma e de experiências que ficaram no meu corpo – ou de oposição às mesmas, quando necessário, o que reforça o ponto de partida. E, embora o ato possa ser considerado ensimesmado, uma pura experiência de gozo do eu, reluto comigo mesma em torno dessa interpretação, me apoiando na sensação que me atravessa a cada processo criativo, a cada experimento cênico e, agora, nesse trabalho acadêmico. Não é nada agradável. Não é por puro hedonismo. Resisto até não poder mais. Faço por acreditar que assim laços profundamente sinceros podem surgir. Me reviso a *contrapelos*, no intuito de refletir incessantemente sobre o que digo, e concluo: é desejo; faço porque tenho que fazer.

Sou atriz, tenho 37 anos. Me formei também em jornalismo, a profissão que me daria um sustento, formal. Atuei quase dez anos na área e retornei após uma demissão ao meu desejo primitivo, inaugurado ainda criança, de trabalhar com o teatro. Uma transição de carreira, acompanhada de uma nova formação e de suporte financeiro familiar para sua realização. Me apoiei em um contexto privilegiado para esse novo mergulho. Me formei nas Artes Cênicas, comecei a fazer parte de uma cia. teatral e rodei festivais com outra. E, nesse meio tempo, engravidei. Já estava casada há uns seis anos e não me programei; foi um ato-falho. Fazia tabelinha e engravidei absolutamente fora do que seria o período fértil. Um óvulo disparado fora de hora, aparentemente. Um desejo do corpo.

O desejo de ser mãe e a idade, 33 anos à época, pulsavam dando notícias ou de um relógio biológico feminino – ele existe mesmo? Ainda não estou tão convencida –, ou desse período na vida de quem tem útero que nos coloca um peso de uma decisão aparentemente inadiável. Já era desejo, inconfessável; àquela altura, quem acolheria? E não importa, teria eu de ser a casa desse novo alguém, teria também de ser eu quem acolhesse o desejo. O óbvio ululante mais complexo de aceitar. Quando se tem apoio é tudo mais fácil, não é? Não posso já de cara falar sobre “quem pariu Mateus que o embale”. Ou posso?

A casa pra quem chega é meu corpo, que alimenta e que acolhe. Mas, quem se faz casa de quem se torna casa, de quem deixa de ser um alguém conhecido por muitos e se torna outro alguém, desconhecido por si mesmo?

Optei por ter, por nascer família, por renascer.



Me lembro de uma sessão de análise em que, antes de engravidar, falei sobre ter ou não um filho no estágio do desenrolar profissional em que me encontrava; sinalizei que caso engravidasse, me via tendo que parar tudo por estar grávida. O raciocínio foi radicalmente rejeitado, me pondo aparentemente frente a frente com o que eu achava que era gestar. Por que eu achava que não poderia trabalhar e gestar ao mesmo tempo? Não soube reagir a essa fala, mas hoje entendo que o que alicerçava o entendimento, em algum lugar de mim, era o fato de que trabalho com meu corpo e nenhum – quase – personagem acolheria uma barriga de gravidez. A gestação fica no mesmo *entre* composto pelo corpo da atriz e o contrato com o espectador.

Dei sorte; minhas personagens – ou, claro, meus diretores à época – acolheram minha gravidez e a puseram nas histórias. Estive em cartaz com duas peças diferentes e, nas duas, minha barriga esteve em cena comigo até as 36 semanas. Viajei, fui para Belo Horizonte fazer um espetáculo em que chorava a morte de um filho fictício com outro sendo gerado no ventre. Além de trabalhar como atriz, produzi toda a viagem com um elenco de 20 atores, diretor, diretor musical, transporte de cenário, iluminação, levantamento de verba etc. Em cena, caía, subia em baús, fisicamente forte e acompanhada de um bebê quase pronto pra nascer. Até então, tudo parecia possível.

Estando dentro do meu corpo, aquele outro me limitava, mas pouco. Algo bem particular, reconheço. O pari três semanas após deixar os palcos. Num parto natural rápido, fácil, surpreendente. Pari Antonio. E pari a outra pessoa, outra eu, muito despreparada, ingênua e refém da grande narrativa da maternidade forjada pelo sistema dominante. Me vi performando durante bom tempo essa expectativa do que é ser mãe, do que é ser uma mãe 100% – numa competitividade camuflada muito interessante a quem a propõe. Me vi perder pedaços do corpo, da vagina, do bico da mama, tufo de cabelo, quilos, individualidade, sono.



fig. 2 – Julia Lindenberg, *Dias após o meu parto, senti uma dormência forte na vagina. Com uma espécie de contração, expeli esse pedaço. Pedaço de mim. Pedaço da placenta. Carne-sangue*, fotografia, arquivo pessoal da autora, 2018.

Me vi casa de fungos que moravam nos meus seios, tornando alguns períodos da amamentação realmente enlouquecedores. Me vi louca em muitos outros momentos durante os dois anos e dois meses de amamentação. Me vi perder espaço na rua, no mercado, no ir e vir. Me vi sem nenhum orçamento individual, sem pistas de como retornaria à minha arte, à minha arte como inclusive forma de sustento. Me vi longe da vida.



fig. 3 – Clarice Gonçalves, *Uma causa que a determina*, óleo sobre tela e crochet de barbante, 2009.²

Fui acolhida de volta ao teatro pela mesma diretora, Celina Sodré, que havia também acolhido minha barriga anteriormente. Mas, uma cia sem fundos, como tantas no cenário das artes do nosso país. Trabalhávamos, mas não entrava sustento financeiro – e esse também não era o desejo de Sodré; para ela, o teatro não deve se confundir com o dinheiro. Entrei em um espetáculo já estreado, criei minha participação em cena aberta, único tempo que tinha para ensaiar, ali, com o público. A cada espetáculo, aumentava e experimentava mais um trecho da minha personagem. Produzi com um bebê *pendurado* nos peitos uma temporada para a Caixa Cultural do Rio de Janeiro, uma brecha de pauta sem apoio, sinal dos tempos desinvestidos de cultura. Era pela bilheteria. Bilheteria que só pagava a produção – frete de cenários, piano, contas do instituto onde nos sediávamos.

Sem respiro, sem distância do Antonio, exausta do mundo que se estabelecia pra mim, recebi a sugestão da minha diretora: “vai fazer o mestrado, faz uma excelente prova,

² Ao longo desta dissertação, algumas obras feitas por artistas mães irão aparecer sem que sejam objeto de investimento crítico no texto simultaneamente. É o contrário. É com elas, a partir delas, que penso. Elas me ajudam a materializar o indizível da maternidade e desenvolver minha abordagem.



ganha a bolsa e pelo menos por dois anos você vai ter um mínimo de entrada se mantendo na sua arte”.

E, sem outra mínima nesga de porta aberta, me sentei na biblioteca, movimentei umas amigas do teatro e família por dez dias pra me darem suporte com meu filho e engoli o material da prova. Escrevi um anteprojeto sobre aquilo que mais me gerava curiosidade na pesquisa que fazíamos no Instituto do Ator sobre Grotowski: o *Corpo-Memória* – conceito proposto pelo teatrólogo, que já havia sido estudado no próprio departamento de artes da UFF ao qual me candidatava. Queria dar continuidade à pesquisa da minha colega; o caminho que propunha era sobre que repertório é esse que cada um de nós artistas têm e que, no caso do ator, está amalgamado no corpo, nas ações físicas desse corpo, na memória da sua carne em ato em cena.

O anteprojeto foi aprovado. Fui fazer a prova. A sensação que tinha era que era aquilo ou nada. Enquanto atravessava a ponte Rio x Niteroi, recebi a notícia de que meu filho vomitava na escola. Acionei minha mãe, pedi ajuda. Nada me tira da cabeça que ele vomitava o tanto que pus pra dentro de conhecimento em poucos dias. A conexão é mesmo estranha, ou melhor, das entranhas. Tirei 9,5 na prova. 10 na entrevista. E 7,5 no projeto. Fiquei em 8º na classificação geral, empatada com outra concorrente, outra mulher artista. No dia da distribuição das bolsas, uma das bolsas havia sido retirada do departamento pela Capes e ficamos com a última bolsa em disputa. O departamento não havia estabelecido um critério de desempate no edital. Aguardei eles decidirem, em reunião, o que seria feito então. E a outra aluna foi contemplada por ser mais velha do que eu 2 meses. Quando me disseram que aquele seria o critério, escolhido à posteriori, pensei, sem segurança: deveria ser quem tem filho.

Fiquei absolutamente desorientada. Voltei pra casa e num ato de desespero escrevi clamando aos professores. Num segundo ato ainda mais desesperado, escrevi à outra aluna, que havia empatado comigo, que não estava presente na hora da distribuição das bolsas e então não sabia do que havia ocorrido. Sugeri que dividíssemos a bolsa, rompendo protocolos, até que eles remanejassem, no ano seguinte, uma outra bolsa, o que haviam prometido. Ela, diante do constrangimento que a impus, abriu mão da bolsa em meu favor – ato recusado pelo departamento. Em uma conversa com ela, recebi a informação de que ela estava grávida. Pedi infinitas desculpas, desejei sucesso, amor e saúde e me retirei.

Me retirei do diálogo e também “da vida”. Fiquei me revirando, pensando o que faria para conseguir me manter atuando na minha área artística, como me financiaria, como financiaria uma vida adulta que não se resumisse ao trabalho doméstico. O mestrado não me fazia mais sentido, seria uma terceira jornada sem financiamento. Pagaria para estudar, pagaria para estar em cena, pagaria com meu próprio corpo a criação do meu filho e o trabalho doméstico. Não me fazia sentido, minha cabeça já dava sinais de que não aguentaria.



fig. 4 – Malu Teodoro, Da série Você está morta, bordado sobre impressão em jato de tinta, 2018 – 2021.

E, então, os dois anos em que estava à frente da criação e do lar, quase que exclusivamente, como num *Deus ex machina* do impossível, do mais imprevisível, ficção

científica, foram prorrogados – e agora estávamos em casa, todos. Quem poderia prever que em 2022 chegaria uma pandemia como a que vivemos? Como poderia imaginar que diante de dois anos trancafiada pela maternidade seria obrigada a me trancar por mais um tempo simultaneamente com a humanidade? A decisão de se me manteria no mestrado se colocou junto com o isolamento domiciliar e uma nova chance: a bolsa que havia sido retirada do departamento foi devolvida pela Capes e oferecida a mim. Aceitei.



fig. 5 – Simone de Moraes, Roda da Fortuna, trama de fio de lã de carneiro, 2016³

Comecei a estudar e a cuidar do meu filho no mesmo espaço, ao mesmo tempo, todos isolados, sem ajuda – o mestrado que representava o respiro para a rua, para o espaço adulto, para a vida intelectual na qual conseguiria pensar sem ser interrompida, se daria virtualmente, por uma tela, em horário simultâneo ao trabalho do meu companheiro. Durante uma disciplina, após incessantes intervenções do meu filho, sem conseguir discutir, sem conseguir acompanhar o material proposto, um dos meus colegas me disse:

³ A artista Simone de Moraes respondeu à provocação do paralelo feito entre o isolamento proporcionado pela pandemia e o isolamento exigido pelo puerpério vivido por uma mãe após a chegada de um filho, feita pelo projeto Puerperium, criado pelas artistas Bianca Bernardo e Luisa Callegari, com o trabalho *Roda da Fortuna*, de 2016, que se trata de um registro de uma ação em que a artista tece uma trama de fio de lã de carneiro com os braços.



natureza – *mãe natureza* –, enquanto estudava *Ideias Para Adiar O Fim Do Mundo*, do Ailton Krenak, ao me apegar a uma passagem do livro em que o autor *dizia* que a natureza é como a mãe que amamenta: ela precisa de um pouquinho de descanso e já volta para alimentar seu filho.

Não queria um pouquinho de descanso, queria descansar. Queria viver outras coisas que não fossem o revezamento entre o respiro do curto descanso e o cuidado de uma criança. Voltando ao livro do autor, agora, em outro momento, pude ver que nem era exatamente isso que ele dizia e que o monotema tomava conta de mim.

É como parar numa memória confortável, agradável, de nós próprios, por exemplo, mamando no colo da nossa mãe: uma mãe farta, próspera, amorosa, carinhosa, nos alimentando *forever*. Um dia ela se move e tira o peito da nossa boca. Aí, a gente dá uma babada, olha em volta, reclama porque não está vendo o seio da mãe, não está vendo aquele organismo materno alimentando toda a nossa gana de vida, e a gente começa a estremecer, a achar que aquilo não é mesmo o melhor dos mundos, que o mundo está acabando e a gente vai cair em algum lugar. Mas a gente não vai cair em lugar nenhum, de repente o que a mãe fez foi dar uma viradinha para pegar um sol, mas como estávamos tão acostumados, a gente só quer mamar.
(KRENAK, 2019, p. 59 e 60).

E, agradeço a elas, às outras mulheres que, já na academia, faziam desse espaço também um lugar de reflexão do feminino. Consegui entender o que se passava no meu desejo de pesquisa e me arriscar melhor diante do que gostaria de propor durante a disciplina *Arte, Clínica e Cuidado*, da pesquisadora Jessica Gogan. Diante de uma bibliografia que me dava maiores pistas sobre a condição feminina e do cuidado para além do domicílio, fui rascunhando um novo projeto. Como final de curso, Jessica nos propôs uma publicação em conjunto. Decidi, então, entrevistar mulheres sobre suas maternidades para a revista que intitulamos *Avesso*, publicada em 2021.

Aline Santos Nascimento, empregada doméstica, 32 anos, mãe de seis crianças, Marcia Soares⁴, mãe solo, atriz não atuante, funcionária da rede estadual de ensino, natural de Petrolina, Pernambuco, e Gabriela Sefarty, psiquiatra, mãe de um bebê de 1 ano e meio à época e minha colega na disciplina ministrada por Jessica Gogan, foram as mulheres que escolhi para estarem comigo nessas conversas.

Aline por viver a história de quem com seis filhos não consegue fazer a laqueadura pelo Sistema Único de Saúde (SUS) – algo que tenta desde a época em que tinha quatro filhos. Marcia por sua história de parentalidade solo, tão representativa da realidade em

⁴ Um nome fictício foi escolhido para preservar a identidade da entrevistada.



que vivemos. E Gabriela por chamar atenção com seu olhar de psiquiatra para a patologização do momento pós-parto ao invés do reconhecimento da dureza que de fato é e de propostas de práticas de acolhimento para a mulher que renasce. E, embora esses tenham sido pontos determinantes para a escolha, todas as entrevistas surpreenderam por seus relatos extremamente íntimos e materiais.

Encontrei pessoalmente Aline Santos Nascimento, de 32 anos, natural de Canavieiras, Bahia, grávida de 30 semanas, na casa da família para quem trabalha, no Rio de Janeiro, em outubro de 2021. Nos sentamos à mesa e percorremos sua história tomando todos os cuidados para nos protegermos em relação à Covid 19.

Por que você veio pro Rio?

Vim por motivos de emprego, de vida melhor, porque na Bahia é bem complicado. Meu primo me arrumou um emprego na casa de dona Rosa, uma senhora muito legal! Ela me tratava superbem. Dormia tudo lá, ganhava pouco, mas era um lugar que eu podia me aconchegar, porque eu não sabia nem pegar ônibus direito aqui. Mas eu fui aprendendo e foi quando depois de um ano encontrei com meu ex-namorado. Já tinha namorado com ele na Bahia. Eu já estava com 17 pra 18 anos, minha intuição nunca era casar e muito menos voltar pra ele. Nesses encontros, a gente começou a namorar novamente, aí desse namoro veio minha filha mais velha, Amanda, que está com 14 anos.

Como foi?

Foi muito estranho. Eu sempre falei pra ele: “Se for menino, eu não vou criar. Você vai criar e eu vou viver minha vida.”

E menina você achava quê...

Menina eu achava que o pai não ia saber cuidar direito, uma parte mais assim também que é feminista minha que eu acho que menina, ela é mais achegada à mãe. Naquela época, no meu modo de pensar, a menina tinha mais prioridade na minha vida, entendeu? Acabou que quando Amanda nasceu, nasceu menina. Aí, o Gil, ele sempre gostou de mim, ele disse que a gente nunca ia se separar e acabei ficando com ele, acabei morando



com a pessoa e ao longo do tempo pegando gosto. Eu era muito nova quando tive Amanda, ia fazer 18. Eu sempre achei que minha vida ia dar uma acabada ali, né? E dá.

Aí depois veio quem?

A Clarissa primeiro, um ano depois; em seguida, o Eric, que hoje tem 10 anos.

Ele a gente já planejou. De repente, o Yuri, que tem 9, acho que não foi nem seis meses, eu não sei... Então, aí eu falei: não quero mais, já chega, acabou, fiz planejamento familiar do Yuri pra tentar fazer a ligadura, nada, não consegui.

Como que veio essa questão do Planejamento Familiar?

Veio através do Bolsa Família. Eu fiz três meses de planejamento, para ver se eu poderia fazer a laqueadura. Eles têm um acompanhamento com agente de saúde, médico, pra poder ver se realmente a mulher pode fazer a laqueadura. Só que pela minha idade, de quando eu tive o Yuri, eles disseram que não. Mas, pro meu parceiro, eles conseguiriam. Pra minha surpresa, meu sogro no dito dia do procedimento me apareceu lá em casa. Ele é muito machista. Então, começou a falar que meu marido iria ficar brocha e em cima da hora meu marido desistiu. Aí então eu comecei muito no remédio. Pílula, depois eu desisti e comecei a tomar injeção. E com o tempo começou a me dar cisto de sangue, porque minha menstruação não estava vindo. Porque eu tomava a injeção de três em três meses, tinha tanto medo que eu não dava intervalo. Quando peguei esse cisto, me tratei no particular, tomando pílula ainda. Mas, pra minha surpresa, depois de seis meses com isso acontecendo, a Jennifer veio. A Jennifer veio com muita dificuldade. Tornei a fazer o planejamento familiar, fui acompanhada de novo para laqueadura. E aí eles me deram todos os papéis, eu já estava com a idade avançada. E eu não sei o que aconteceu que eu peguei uma equipe no Rocha Faria⁵ que foi muito ruim comigo.

Você anestesiou em algum momento?

Não, não fizeram nada. Só diziam que ia nascer de parto normal. E aí quando essa médica veio na mudança de equipe, ela disse: não podemos fazer mais nada, nem por você e nem pela sua filha. O que a gente vai fazer tem que ser pela via normal. Cesárea corre risco de

⁵ Hospital Municipal Rocha Faria, bairro Campo Grande, Rio de Janeiro.



machucar você, machucar ela. Me botou no soro pra induzir e na hora da contração ela ajudava com a mão abrindo minha vagina pela parte externa. Só que isso fazia minha vagina arder muito, parecia que estava cortando. Foi um parto que me deixou traumatizada. Eu fiquei com muito medo de ter outro. E agora eu estou grávida de novo... (se emociona e pede desculpas). Eles não fizeram a laqueadura. Alegaram que uma cirurgia custa dinheiro, custa grana, e que o hospital não estava com aquele suporte no momento.

Onde nasceram seus filhos?

A Amanda eu tive na Maternidade Escola em Laranjeiras, Rio de Janeiro, muito bom. A Clarissa eu tive em casa, ela nasceu de oito meses. Eu fiquei 3 horas com ela no cordão umbilical esperando o marido chegar porque a gente morava no Caju e estava tendo operação policial. O Eric eu tive também no Rocha Faria e a equipe era ótima. Do Yuri, deixaram mais tempo, foi difícil também. Mas não se compara com o da Jennifer.

Durante o parto, você lembra o que te falavam?

Eu falava com a minha mãe que eu não estava aguentando. Pedia pra chamar a enfermeira. Não era só eu que estava naquela situação. Minha mãe chamava elas, que diziam: “Ah, vizinha, essas meninas gritam demais. Ela não já teve quatro normal, o quinto vai ser fácil pra ela”.

Jennifer tem três anos. E quem vem aí?

Arthur. Vou fazer oito meses agora. Estou meio perdida, não sei mais. Minha filha que anotou pra mim. Eu ia pegar férias agora, eu tinha comentado até com meu parceiro. Com o dinheiro, vou fazer a laqueadura no particular. Descobri do Arthur grávida de três meses, na pílula. Uma cartela da pílula custa R\$ 150, do Yaz Flex⁶, que a médica passou desde quando eu tive a Jennifer. Me cadastrei no SUS para comprar três cartelas por R\$ 250. Eu tomava tudo direitinho. Mas sempre naquele medo. Porque eu sei que eu sou

⁶ Quando utilizados corretamente e sem que nenhum comprimido seja esquecido, ou outro fator como vômito dentro de 3 a 4 horas após a ingestão de um comprimido ou diarreia intensa, bem como interações medicamentosas, a chance de ocorrer gravidez é de aproximadamente 1,0% (uma gestação a cada 100 mulheres por ano de uso). Fonte: Bula do medicamento.



muito fértil, Gil é muito fértil. Minha avó teve 18 filhos, minha mãe 5 porque fez a laqueadura. A parte do meu marido, minha sogra teve 12. Eu estava com medo, falei: “Vou fazer a laqueadura. Porque você não quer fazer a vasectomia, porque você acha que vai ficar isso, aquilo... Eu vou fazer minha parte porque eu não quero ter mais filho”. Estava passando muito mal, podia ser outro cisto. Fiz meu preventivo no particular por causa do Covid. Eu gastei um dinheiro, um dinheiro bastante mesmo, esperando o resultado chegar; quando fui fazer a ultra e a colposcopia, pediram para eu fazer a ultra vaginal primeiro. Quando fiz a ultra vaginal, o Arthur estava lá. Ficaram desesperadas porque eu estava tomando vários tipos de remédio, pra infecção urinária, candidíase, a pílula mesmo. Foi uma surpresa pra todo mundo. Eu só sei que eu chorava.

E como foi a condução do momento em que você descobriu que tinha uma gravidez acontecendo até esse bebê virar o Arthur?

Eu não estava aceitando. Eu queria abortar. Eu fiquei tão desesperada que eu cheguei no trabalho e pedi demissão à minha patroa. Aí vinha na minha cabeça que eu não podia fazer isso; eu tive uma criação com a minha avó que ela dizia que não é certo, que quando um bebê pede pra vir ao mundo, é que ele quer vir, então tem que deixar vir, seja lá como for. Aí, pensei: quer saber... venha.

Nesse momento, você prefere cesárea ou parto normal?

Se fosse pra escolher, eu preferia cesárea. Sendo bem sincera. É o que me passa segurança agora. Porque o normal eu estou cismada.

Se for cesárea, facilita a laqueadura? Você sabe?

Dependendo da ocasião, consigo fazer junto. O parto normal não, não é recomendado. Só depois de três meses⁷.

Você já declarou para os médicos do SUS que te acompanham que você gostaria de fazer uma cesárea?

⁷ “Embora amamentasse, minha mãe engravidou do meu irmão, Rafael, quando eu tinha três meses.” Julia.

Pra todos; todos me disseram a mesma coisa: para um bebê e para uma mãe, o parto normal é o ideal a se ter. A cesárea é só caso ocorra alguma coisa que impeça o parto normal.

E o Planejamento Familiar dessa vez como está?

Está aqui comigo, na minha bolsa. Me aconselharam a andar com os papéis caso aconteça alguma coisa. Quando eu for ter o Arthur, tenho que entregar. E ainda tem isso, o meu parceiro tem que assinar que autoriza. A mulher não pode escolher o que ela quer. Ele teve que colocar o cpf dele e tudo, carimbar⁸. Se ele não fosse, teria que pedir à minha mãe que assinasse. Com 32 anos na cara e seis filhos!⁹



fig. 7 – Festa de boas-vindas ao Arthur feita por Amanda¹⁰, a empregadora de Aline, arquivo pessoal de Amanda, 2021.

⁸ Em 5 de setembro de 2022, foi sancionada a alteração da Lei do Planejamento Familiar e excluída da legislação a necessidade de consentimento expresso de ambos os cônjuges para a esterilização.

⁹ No dia 13 de setembro de 2022, Aline Santos conseguiu enfim marcar sua laqueadura; após seis filhos.

¹⁰ Amanda é minha amiga. Nos conhecemos na adaptação dos nossos filhos na escola, eles com 1 ano, e viramos suporte, estrutura, sanidade, apoio, uma para a outra. Amanda contratou Aline após quase dois anos cuidando sozinha simultaneamente da filha e da mãe, Edileuza, que começou a manifestar uma demência precoce quando Amanda engravidou. O quadro de Edileuza, quando Helena, filha de Amanda nasceu, já era avançado. Me lembro da minha amiga me gravando um áudio durante a pandemia, em que falávamos sobre o desfralde dos nossos pequenos, e ela me dava notícias de que enquanto desfraldava



Márcia Soares é o nome fictício escolhido por mim para contemplar a solicitação de sigilo da identidade dessa minha entrevistada, de 29 anos, natural de Petrolina, Pernambuco. Nos encontramos via plataforma Zoom.

Como foi a chegada da sua filha?

Descobri que estava grávida com 24 anos. Não era meu namorado, eu estava grávida de um romance que não deu certo. Bateu aquela vontade de não dar continuidade, estava no último ano da faculdade. Só que não tive coragem. E prossegui um pouco só (sozinha) mesmo; apesar da figura ser uma pessoa que dizia que iria estar junto, essa figura não esteve junto. Quando os pais dele souberam que eu ia ter uma filha, aí, pronto, foi o apoio que eu precisava. Mas ele eu fui ver no chá de bebê, aos sete meses de gestação. Ali já se mostrava como ele se comportaria quando ela nascesse.

E o pai dela?

É de Recife, advogado de direitos humanos e agora em dezembro resolveu fazer mestrado em Portugal. Está lá. Mexeu muito comigo, porque eu fiquei sabendo pela mãe dele. Eu tô em Petrolina há três anos e ele nunca veio visitar a filha aqui por questões financeiras. E de repente no meio de uma pandemia, dizendo que não tem renda, ele consegue financeiramente ir pra Portugal. Isso me desestruturou muito, porque veio à tona toda a lembrança da minha gestação, toda a lembrança da minha maternidade, do sacrifício que eu tive que fazer, ter ficado fora do mercado de trabalho anos, ter parado de fazer tudo, porque a vida do homem não para, né?

Como é a relação do avô paterno com a sua filha?

Os pais dele são casados e pessoas incríveis, muito acolhedoras. Ela sempre passou férias com vovô, ia pra Recife e ficava fim de semana e via o pai por pouco tempo, iniciativa dos avós. Moramos em Recife por um período depois que ela nasceu e ele começou a querer pegar ela pra passear sem os pais dele. Aí de repente o pai resolveu querer ser

Helena, em paralelo, fazia o movimento de fraldar a própria mãe, aos 60 anos. Quando Amanda conheceu Aline, numa entrevista de emprego, Aline não contou que tinha cinco filhos, uma com dois anos. Foi embora. Dali a uma hora, retornou à casa de Amanda. Disse a ela que tinha mentido. Que achava que se contasse que tinha cinco filhos, que ela não lhe daria o emprego. Amanda a contratou.



papai, né? E a criança tem que entender que vai ver a vovó e o vovô só um pouquinho e vai ficar com o papai. Ela começou a expressar uma tristeza em relação a isso, porque ela gosta muito de papai, mas ela quer ficar na casa de vovó. Então, quando ele está começando a conquistar esse espaço de forma um pouco até inflexível, o rapaz decide fazer mestrado em Portugal.

Você trabalha na sua área?

No final de 2018, botei na minha cabeça que queria trabalhar numa escola pra conseguir uma bolsa pra minha filha. Não consegui porque não tenho experiência. Mas quando foi fevereiro consegui uma vaga na Secretaria de Educação. Hoje eu sou supervisora pedagógica de cerca de 25 unidades daqui de Petrolina. Depois que eu fui mãe, fui vendedora nas Havaianas, virei recriadora. Sou atriz também. E só fui me inserir no mercado agora em 2020. Nas Havaianas eu fiz um apelo a uma amiga. Eu disse: “amiga, pelo amor de Deus, me arranje qualquer coisa, eu preciso me distanciar da minha filha. Eu preciso fazer qualquer coisa fora de casa, fora dessa realidade”.

E quem ficava com sua filha?

Eu coloquei ela numa creche particular perto da casa da minha avó, onde eu morava. Ela passava o dia lá. Foi um alívio muito grande. Mas até trabalhar é uma coisa muito difícil pra mim. Porque minha mãe sempre me questionava muito. Trazia muitas preocupações, sabe? Responsabilidades com relação ao filho que fazem a gente querer desistir do trabalho pra ficar ali só com a criança. Eu tinha que ser muito persistente, porque não era só a grana, era outra função, sair pra fazer outras coisas, respirar em outro lugar.

Esse lugar que a gente acaba ocupando, de que a gente não quer, mas a gente precisa, nos leva pra um lugar de culpa. Você concorda?

Eu fico muito impressionada. Às vezes me sinto uma idiota. Eu levei a minha filha em setembro pra Recife. Eu namorava também. E, assim, passei seis meses, sete meses sem ver minha namorada. Eu namorava com uma mulher, que é outro problema pra minha família, pra minha mãe, que não há uma aceitação. Passamos só alguns dias e quando a gente retornou, teve a recusa da minha mãe pra ficar com ela por medo do Covid-19. Tive



que contratar uma pessoa pra ficar com ela por duas semanas. Em dezembro, levei ela pra ficar com os avós. E fui buscá-la em 17 de janeiro. Quando voltei, eu passei uma semana sem saber como iria trabalhar. Minha mãe se recusou a ficar com ela novamente. Então, pensei: bom, vou pedir demissão do trabalho. Como que eu faço? Aí eu cheguei no trabalho – estou sendo bem assim agora, não vou mentir – e disse: “não tenho com quem deixar minha filha, não tenho como ir trabalhar”. E foi muito ruim experimentar isso. Consegui trabalhar porque uma amiga que tem uma babá, numa outra condição financeira, se ofereceu. Na pandemia, quem se deu mal foi a mamãe. Teve uma hora que eu achei que eu estava ficando doida. Decidi: *não vou assistir mais aula com ela*. Numa das reuniões, eu disse: “gente, larguei inglês, tá?” Eu não consigo entender o que a professora dizia, eu não entendo inglês, eu ficava nervosa. Deixando minha criança nervosa. E alguns riram e outros pais diziam que estavam na mesma.

Como foi seu parto?

Foi normal! Se eu fosse ter outro filho, não falaria pra ninguém. Eu lá, com três meses, alguém me perguntou e eu disse, sem nem ter noção: “Como vai ser o parto? Normal”. Aí começa o povo a bombardear. Eu queria muita coisa, mas não tinha dinheiro pra nada, eu era estudante, né?

Morava com uma médica, dividia apartamento com ela, e ela me enchia de barbaridades, minha família também não apoiou minha decisão. E tinha uma outra amiga médica, que hoje é uma das mais conhecidas de parto normal aqui em Petrolina, na época ela era cesarista. E aí ela riu da minha cara, eu já com barrigão da gravidez. Quando eu comecei a sentir as dores, fui pro hospital que meu obstetra iria estar, mas ele não estava. Recebi um toque, estava com três centímetros e reclamei da dor. Ele muito estúpido me respondeu: “nem se preocupe que vai ter mais”. Mandou me internar. Como eu já tinha lido muito, eu sabia que eu não precisava ficar com a dilatação que eu estava. Seis horas depois minha bolsa estourou e falei: agora posso ir pro hospital e uma hora depois ela nasceu. Foi uma sensação muito incrível que tive: se eu consegui fazer isso mesmo com todo mundo me dizendo que eu não ia conseguir, meu amor, eu consigo tudo que eu quiser nesse mundo. Foi minha primeira conexão com meu poder. A médica que recebeu minha filha não foi humana também, quis silenciar meus gritos. Ela tentou fazer uma episiotomia. Eu disse que não queria e ela disse: “Ela vai lhe rasgar toda”. Eu disse:

“Deixe que rasgue”. “Então tá, que ela lhe rasgue”. Então, eu tinha que estar ali, na *partolândia*, e ao mesmo tempo sendo doula de mim mesma. Porque eu sabia que meu corpo poderia ser invadido.

E a amamentação?

Amamentei até um ano e quatro meses, amava amamentar. Chegou numa fase em que ela só dormia no peito e eu tirava e ela acordava. Eu não conseguia dormir, não tem como relaxar e dormir com a criança no seu peito. Aí entendi que precisava tirar o peito. Foi muito rápido. Dia desses eu pensei que devia ter amamentado mais tempo. Aí, eu pensei, poxa, não é isso. Cada mulher vai num limite.

Seu corpo antes e seu corpo agora.

Perdi peso na amamentação. Meus seios ficaram flácidos, mais caídos. Às vezes eu fico pensando que não estou gostando, mas não é isso. Eu acho que meu corpo tem cara de corpo cansado, corpo sem vida, sabe? Às vezes, fico no espelho procurando um alinhamento, outra postura, mas não dá pra alinhar nele, porque eu preciso buscar outra vida nesse corpo. É isso.



fig. 8 – Marcia e sua filha, ainda bebê; Marcia Soares¹¹ e sua filha, ainda bebê, arquivo pessoal Marcia Soares, 2017.

¹¹ Marcia Soares é atriz. Quando a entrevistei, não tinha ideia de que a dissertação se concentraria no fato da complexidade para a mulher mãe de se manter artista. Marcia não exerce o ofício.



Conheci a psiquiatra Gabriela Sefarty, de 38 anos, do Rio de Janeiro, durante o curso de Arte, Clínica e Cuidado. Nossa troca também aconteceu via plataforma Zoom, durante a pandemia.

Depressão Pós-parto. Eu quero entender melhor como você enxerga essa nomenclatura e essa patologia.

Acho que é muito comum mulheres deprimirem, mais do que a gente imagina. Na verdade, não chamaria de depressão, porque nesse caso estaria muito associada a uma patologização de um processo que é mais comum do que imaginamos entre as mulheres recém mães, que é esta melancolia, uma sensação de luto de um mundo que ficou para trás com a chegada deste desconhecido que depende tanto de nós. Justamente porque a gente tem uma experiência de pós-parto muito individualizada. Eu acho que se a gente tivesse muito mais encontros em roda, aldeia, tribalizasse mais a nossa experiência, uma experiência próxima das experiências indígenas, das aldeias, eu não sei se a gente teria essa depressão pós-parto. A minha ginecologista também é obstetra e ela foi lá pro Xingu com dois filhos, um de 1 ano e 6 meses e o outro de 3 anos; ela queria entender como eram as parteiras do Xingu. Ela deixou os dois filhos na rede e o de 1 ano e 6 meses caiu da rede. E um dos xamãs veio conversar com ela e disse: “Olha, mulher que cria filho sozinha fica doida. Você não pode ficar criando seus filhos sozinha”. E a primeira coisa que a gente pensa é: cadê o pai dessa criança? Mas para além do pai, tem uma galera pra cuidar de um filho. Quando você vira mãe, você percebe que não dá pra criar um filho sozinha. Eu acho que vem daí o que temos chamado de depressão, esse lugar de certa exigência que a mulher pode ser a figura que dê conta dessa criança. Essa experiência ocidental da maternidade e também contemporânea é muito de agora. As nossas avós, elas tinham mais relação com mães, tias, parentes. Acho que a geração das nossas mães inaugura isso: a maternidade com uma relação muito nuclear, familiar. E pra mim a depressão pós-parto tem a ver com isso, com esse fechamento de mundo, o mundo fica muito fechado, pequeno. O mundo que era enorme antes se volta pra um bebê, um companheiro ou companheira e paredes brancas. Acho que todas em algum nível deprimem. Um não dão voz a isso, outras romantizam, mas acho que tem um luto aí de uma perda de uma personalidade que até então você tinha e que tem de criar uma outra.

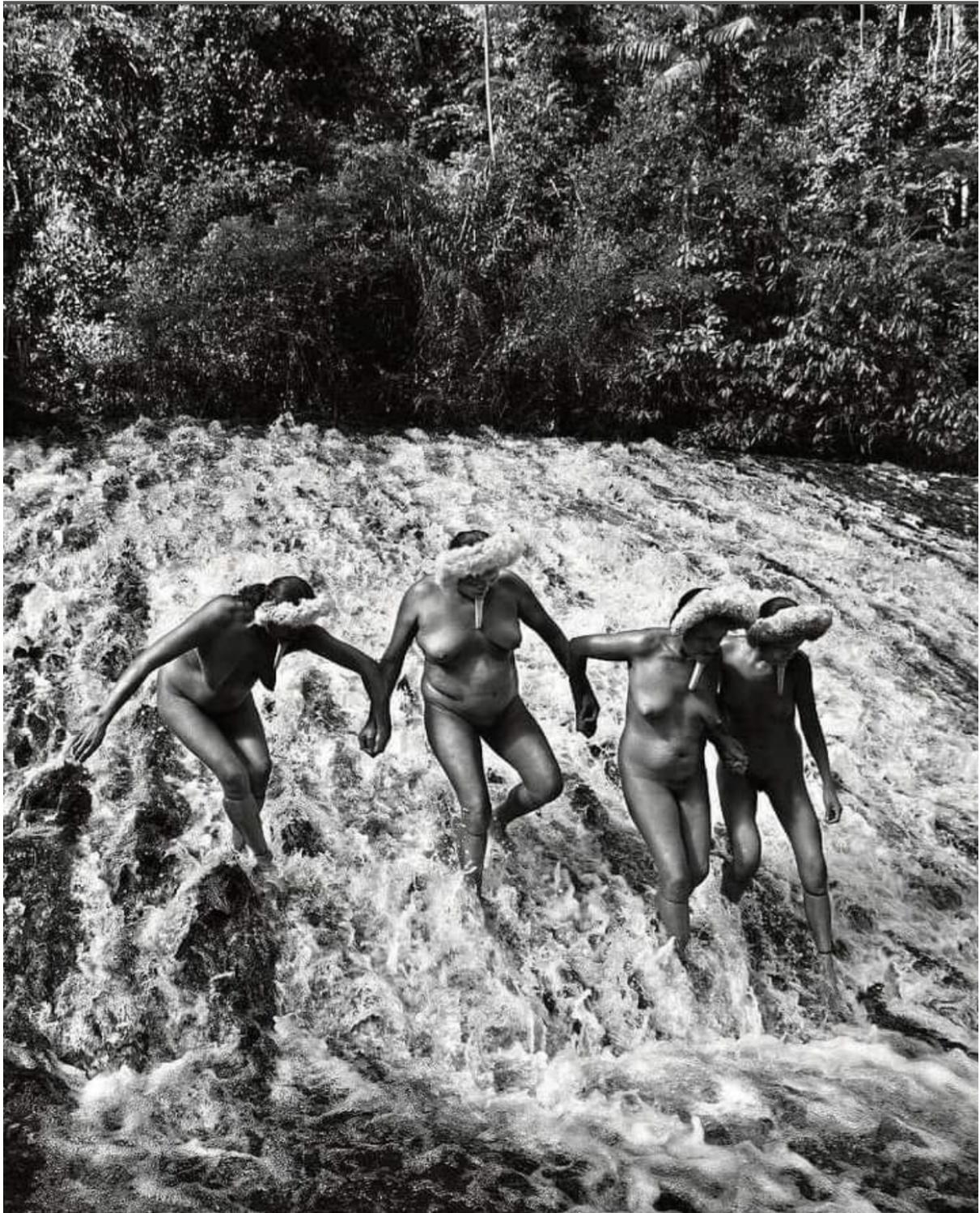


fig. 9 – Sebastião Salgado, fotografia, projeto “Amazonia”, 2021.

Como você se via como figura de cuidado antes da chegada do Ravi, sendo só médica, e como se vê agora, depois que se tornou mãe.



O cuidado que a maternidade exige da gente é um cuidado muito primário, esse cuidado de trocar fralda, dar colo, dar comida, é o tempo todo corpo. Um corpo sensível e braçal ao mesmo tempo. Me sinto às vezes na lavoura, cortando cana. É claro que eu estou exagerando, sabe?

Você acha que você está exagerando?

Não sei. Fico receosa de estar diminuindo o trabalho lavoural.

Acho que pelo contrário. Acho que criar um filho é imenso. Não tem como você diminuir o trabalho de alguém que está na lavoura comparando com o trabalho de alguém que cria uma vida nova. É imenso.

É. Verdade. Então tem isso, o cuidado passou a ser esse cortar cana, essa experiência de lavoura, plantação... essa associação faz sentido. É plantar árvore. E não sobre plantar uma árvore na varanda e sim na lavoura, do dia a dia, 5 horas da manhã acordar com filho. É uma doação muito corporal. Eu me divido entre esses dois cuidados. Materno e depois vou cuidar dos meus pacientes. E é como se cuidar dos meus pacientes fosse o "recreio": ah, ufa, agora eu posso atender a pessoa. E fico numa cadeira, sentada, escutando; a demanda é outra, mais sensível e intelectual. E o Ravi, eu fico de lado, em movimento ininterrupto, preciso fabricar a todo momento um corpo vital-presente. É outro tipo de atenção que me exige muito deslocamento.

A mãe que morre no parto e que renasce uma outra mulher: como você se olha antes e hoje, a mulher que foi e a mulher que está?

Eu às vezes não tenho nem tempo de me olhar. Eu antes circulava muito, fui uma grávida que fazia muita coisa, voltava pra casa 23h, um grupo de estudo, uma exposição, quase todos os dias. Sempre fui um corpo que ocupava muitos espaços. A maternidade me recolheu. Apesar de ter recolhido todo mundo. Eu tenho uma confusão do que é maternidade e o que é pandemia. Eu ainda não parei muito pra me ver, apesar de eu fazer terapia. Ainda estou em construção, ainda estou vendo quem eu estou virando. Essa imagem do espelho quebrado, me sinto ainda com o espelho quebrado. Eu não criei um espelho pra mim ainda tão claro. Até porque eu ainda sou muito eu e Ravi. Eu já estou trabalhando quase todo dia à tarde, a gente tem uma pessoa que ajuda a gente, a gente



colocou porque eu e o meu parceiro estamos trabalhando à tarde, então não tem como ficar com ele a tarde toda... A gente está pensando sobre colocar ele numa escola. Estamos num processo de criar essa separação. É uma exaustão muito grande. É o que você falou: pra mãe e pro bebê, os dois precisam mais do mundo, né? Estamos num processo. A relação do casal mudou muito. Muito. Antes éramos um casal e agora outro... A energia está voltando. Estou no momento de descobrir minha potência mãe-

A maternidade implica nosso corpo desde o início. Eu costumo dizer que a gente gera, faz o parto e segue vinculada ao corpo do bebê pela amamentação, quando isso se dá. E no caso do homem, não há nenhuma intervenção corporal, física. Queria te ouvir um pouco sobre isso.

Tem muito a ver com isso: um corpo que estica, comprime e descomprime, a mamada e as sucções, a gente se estica pra caber esse outro dentro da gente. E é bem concreta essa experiência. É complexo, porque a gente é feminista e a gente quer que o homem faça tudo igual à gente, a gente quer que ele acorde à noite, a gente quer tudo também; não é que a gente queira tudo, mas a gente fica ali, caraca, sabe, tentando explicar a exaustão que a gente está vivendo, e o outro entende, mas também está exausto e às vezes vira uma mega competição de quem está mais cansado, entendeu? Não é da relação, é do momento que a gente tá mesmo. Acho que passa por aí a relação. Eu sinto muita dor nas costas. E ele às vezes parece que sente mais que eu dor nas costas. Às vezes sou eu que tenho que carregar o Ravi. Então, às vezes tem briga mesmo: cuida daí, cuida daqui. Já cuidei demais, agora cuida um pouquinho aqui. E os homens têm uma tendência a se desprender mais. A retornar mais rápido pra sua própria vida. A gente fica culpada. Não se desprende tão rápido. São diferentes experiências que também passam por marcação de gênero, sabe? Às vezes eu fico na dúvida se existe uma possível igualdade. Pelo menos nesses primeiros anos. É um jogo, mesmo. É muito importante o pai nesses primeiros anos. Tem um meme que diz: “para de falar eu te amo, pega seu filho no colo. Vou te amar mais ainda.”

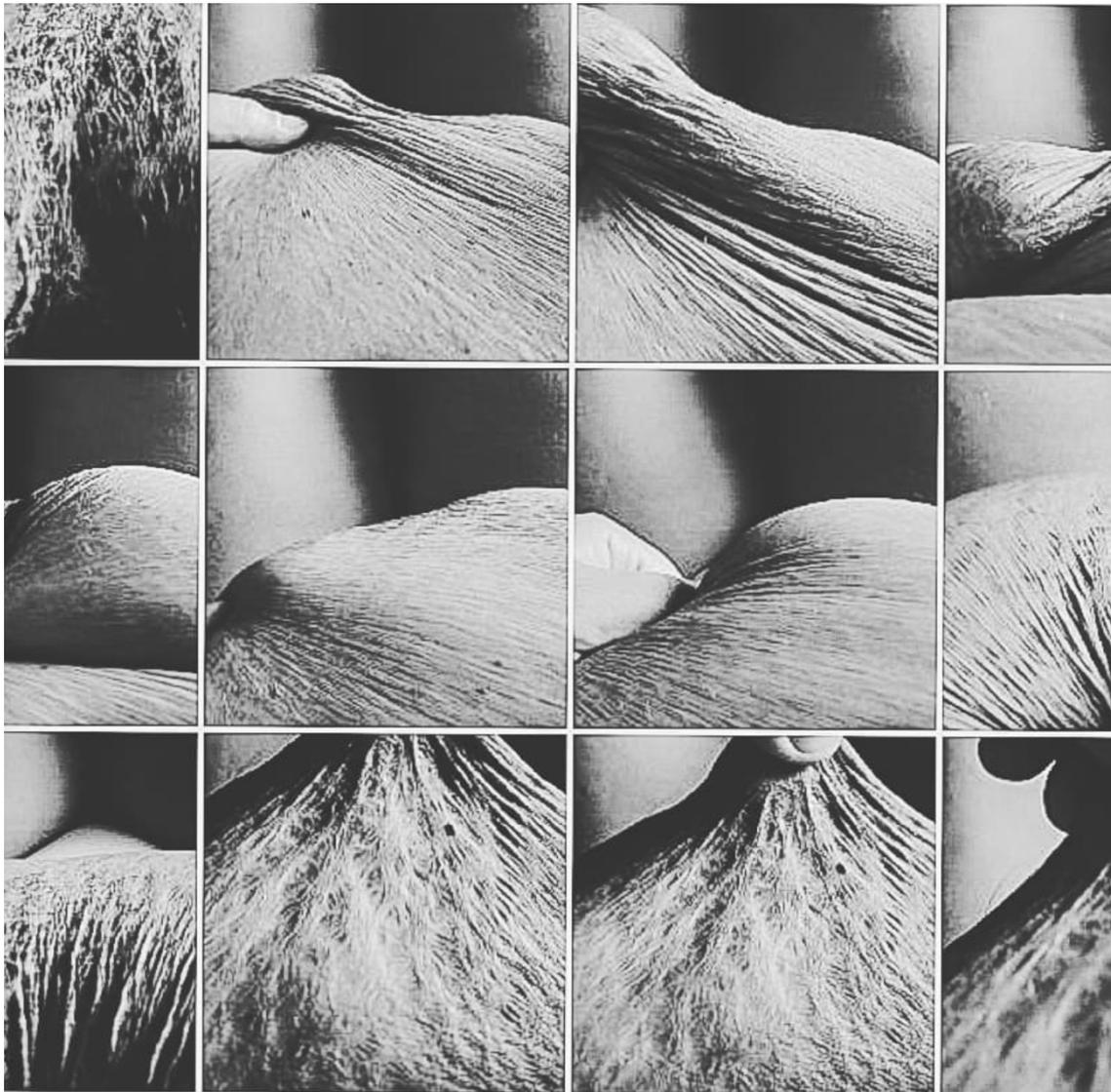


fig. 10 – Tatiana Reis, *Pospartum Body, Notas sobre meu corpo pós-parto*, fotografia, 2020.

De onde você acha que vem a culpa da mulher?

Anos de construção de um feminino materno e cuidadoso. De uma naturalidade que a gente é feita pra amar incondicionalmente, cuidar incondicionalmente. Da construção dessa naturalidade dessa mulher mãe. E aí eu acho que a gente introjetou isso e de certa maneira está em todas nós. De que a gente é mãe e que a gente não pode deixar de ser. Que não é uma escolha. Então, quando a gente sai disso, se desloca um pouco, vai trabalhar, a gente cria muita culpa sobre isso, né? Acho que a culpa vem quando a gente sai desse ideal de mãe, que acho que está no inconsciente, enterrado em nós. Os homens não sentem tanta culpa porque não existe esse ideal. A geração dos homens que são nossos parceiros, eles inclusive estão inventando um outro lugar de paternidade, porque o ideal



de pai é pai ausente, né? Então, assim, meu pai que era um pai presente, não trocava fralda, não fazia nada, era um pai muito mais provedor. O pai cuidador é novo, né? E a mãe cuidadora é histórico. Coisas de séculos. Então é difícil abrir mão desse lugar, né?

Tem uma narrativa muito bem criada e a gente é refém dessa narrativa!?

E a culpa é um sintoma de que essa narrativa foi muito bem feita.

Nosso corpo fica muito implicado, no erótico, no corpo pra si mesma; você observa que esses outros corpos também se alteraram?

Na gravidez eu fiquei com uma sexualidade pornográfica, eu ficava sonhando todo dia um sonho erótico, eu gozava transando, muito tesão na vida, não só no sexo, mas também na produção de trabalho, de arte. Com muita sexualidade. E agora eu tenho nenhuma. Tá muito no lugar de uma libido que se deslocou mesmo, sabe? Quando o filho tá dentro da gente, a gente é uma coisa só, ele tá ali, então a energia tá na gente. Quando o filho sai da gente, a gente joga a energia pra ele e a libido vai pra ele. É um desafio voltar a se erotizar. Tenho que fazer um esforço. Não é normal isso não. Estou num movimento de retorno a mim, aos pouquinhos. Acho que não tem a ver com o outro, mas comigo. Quando eu voltar a cuidar de mim, acho que meu corpo volta a erotizar.



fig. 11 – Gabriela Sefarty¹² e Ravi, arquivo pessoal Gabriela Sefarty, 2021.

Aos poucos, minha orientadora, Tania Rivera, foi conduzindo até entendermos que o único caminho que poderia seguir seria mesmo o de investigar a(s) maternidade(s). Já tinha um desejo de redigir uma dramaturgia para uma peça sobre a maternidade, mas como justificar essa pesquisa dentro do departamento de artes se ainda não tinha o *sexto*¹³? Durante a pesquisa, me encontrei com esse trecho da escritora chilena de

¹² Hoje, eu e Sefarty temos um projeto de uma peça teatral fundado na pesquisa dela sobre as histéricas e o médico Jean-Martin Charcot – que as colocava no anfiteatro do hospital Salpêtrière e as fotografava em crise histérica, a fim de descobrir o que era a Histeria.

¹³ “Vamos mostrar a eles nossos sextos! Hélène Cixous cria, nessa frase retirada de *O riso da Medusa*, um neologismo a partir da aglutinação das palavras “texto” e “sexo”, associando sexo feminino e escrita textual.” (CIXOUS, 2022, p. 12).



ascendência palestina, cátedra de literatura da Universidade de Nova York, Lina Meruane, de 52 anos, na diatribe *Contra os filhos*, de 2014:

Eu diria, voltando à sombria observação de Virginia Woolf, que se a dificuldade é enorme para as mães-profissionais, é ainda pior no caso das mães artistas. Eu acho que elas são as menos livres de todas, as que têm mais trabalhos se não contam com uma herança como a que teve a escritora inglesa. Não é por singularizar umas e esquecer das outras: sei que cada mulher-mãe tem sua vontade e que toma decisões de acordo com sua circunstância específica. Mas consideremos um assunto que Woolf desestimou. As criadoras-sem-filhos exercem dois trabalhos de maneira alternada ou simultânea: o trabalho assalariado e o trabalho criativo raramente remunerado ou remunerado de maneira insuficiente. As criadoras-com-filhos acrescentam outro trabalho ad honorem. Este último, além de ser sem salário, é sem dias livres, sem férias e tem outra complicação: o lugar próprio da criação costuma estar dentro da casa compartilhada com o filho, um ser que não respeita portas, que não conhece limites. Se para a criadora-sem-filhos ter dois trabalhos é pesado e interfere na sua obra, para a outra, com filhos, as horas do dia se mostram insuficientes porque, ao horário assalariado, é preciso acrescentar a implacável rotina materna e então: de onde tira o espaço temporal e mental para o ofício criativo? (MERUANE, 2014, p. 77).

E pensei: seria possível então, dentro do departamento de Artes, propor uma pesquisa ensaística que investigue a(s) maternidade(s) e exponha esse cenário conjuntamente às mães que são artistas? Seria interessante discutir não apenas a arte em si, mas a condição da mulher que produz a arte e que cria uma vida ou mais simultaneamente? A pesquisa propõe conversas entre mim e outras mulheres artistas que optaram ou não por ser mães e seus caminhos, visitando paralelamente a forma da representação da maternidade na arte contemporânea.



#arteematernagem

**ARTISTAS
MÃES
PRODUZEM
ENQUANTO
VOCÊS
DORMEM**



fig. 12 – Coletiva e Mapeamento AeM, Artistas mães produzem enquanto vocês dormem, lambe, 2021.



Maternidade: tabu no mundo das artes

2.1 – Maternidade: o mundo das artes, ter ou não ter?, e o aborto.

Não me sinto sozinha na intuição de que esse pode ser um caminho para essa pesquisa. Em 2019, a crítica de arte e colunista do The Guardian Hettie Judah publicou um artigo intitulado *Cheia, Confusa e Bonita (Full, Messy and Beautiful)* no relatório de representação das artistas britânicas da Freelands Foudation, uma instituição sem fins lucrativos que oferece suporte aos artistas daquele país. Judah investiga o impacto que a maternidade tem na vida das artistas, na capacidade de fazer, mostrar e vender seus trabalhos, questão que ela considera com raras discussões.

Com um convite público, a pesquisadora entrevistou 50 mães artistas de várias regiões, situações econômicas e fases da maternidade, das que ainda estavam gestando até as que já eram avós, e redigiu seu texto sobre esse emaranhado de observações artístico-maternas; no ano seguinte, publicou matéria no The Guardian sobre a pesquisa. Ela inicia o texto com comentário extraído da conversa com Laima Leyton, produtora musical brasileira radicada na Inglaterra:

Ontem, disse Laima Leyton, eu fui pra casa com um pensamento grudento. Eu fiquei pensando no porque que muitas das artistas que eu amo não foram mães: Laurie Anderson, Pauline Oliveros, Marina Abramovic. Eu fiquei triste, era como se elas tivessem tido mais tempo pro trabalho delas porque não tinham que cuidar de outros. Como se o próprio trabalho, sólido e maravilhoso trabalho, fosse o bebê delas. (JUDAH, 2019, tradução nossa).

Hettie Judah, durante a reportagem, passa inicialmente por dois clichês do tema, duas frases que já foram massivamente reproduzidas – para o bem e para o mal – e que de fato têm relevância num início da discussão. Numa delas, o romancista inglês Cyril Connolly afirma que “não há inimigo mais sombrio da boa arte do que um carrinho de bebê estacionado na sala de casa”, pensamento que faz parte de seu livro *Inimigos da Promessa*, uma autobiografia crítica sobre os motivos que podem fazer com que uma carreira literária não prospere. A frase me soa curiosa por alguns aspectos de pano de fundo que gostaria de expor e atritar.

Connolly nasceu no Reino Unido em 1903 e, quando lançou esse livro, em 1938, não tinha sequer filhos ainda – foi pai em 1960 pela primeira vez, algo que também não podemos ignorar já que aos 57 anos sua carreira tinha tido um tempo de dedicação



exclusiva que, caso ele fosse uma mulher e quisesse ter filhos do próprio ventre, teria sido bem mais breve.

Ainda hoje sinto a sociedade *infantofóbica*, acompanhada por tantas, como Esther Vivas, espanhola ativista e investigadora de movimentos sociais e políticas agrícolas e alimentares, que afirma por exemplo no artigo *Em Defesa das Crianças*, publicado traduzido na Revista do Instituto Humanitas Unisinos, em 2020, que “a sociedade adultocêntrica é individualista, arrogante e produtivista demais para olhar para onde as crianças olham e para o que elas precisam”.

A afirmação do inglês então revelaria o desacolhimento da realidade da vida que, queiramos ou não, tem a infância, fase pela qual eu, você leitor e qualquer um que pise na Terra passou ou passará, como parte dos fatos – parece óbvio, mas as constantes invisibilizações e o descaso fazem com que me sinta na necessidade de sublinhar.

“Ô mãe? Da onde vem a imaginação?”, interrompe Antonio.

“Da cabeça, filho.” respondo.

“Só isso?” responde, aparentemente decepcionado com minha resposta, objetiva demais.

(Diálogos com meu filho tidos ao longo da escritura dessa pesquisa)

Invisibiliza-se porque interessa – e a quem, vamos entender aos poucos de modo que a pesquisa vá avançando, embora não seja tão difícil fazermos nossas apostas –. Enquanto invisibilizada, a infância continua tendo uma indivíduo ali cuidando daquilo que a sociedade não se propõe a ver, embora cobre, e, por sua vez, também não sendo *vistæa*. Voltando para Connolly, não há quem me convença que em 1938 o autor daria notícias de uma realidade de cuidados em que o homem estivesse implicado, quando sabemos que à época eles se ausentavam por completo dos dilemas domésticos e isso era absolutamente normalizado.

Não posso deixar de narrar a imagem que me vem à mente: um homem saindo de seu quarto de escrita, caminhando até a sala para pegar um copo de whisky, passando brevemente pela sala onde um carrinho de bebê resguarda seu ocupante que acorda de um breve cochilo e chora, lembrando por segundos muito breves da sua existência e de que alguém deve chegar e acolhê-lo, enquanto o adulto, o homem, bufa diante daquele *inimigo sombrio da boa arte*. A cena rapidamente se esvai quando uma mulher em corrida, afoita, retira o bebê, o acalma e sorri para o pai da criança, como quem sana o incômodo que lhe causava. Pura ficção ou teria visto essa cena acontecer em outras gerações da minha

própria família? Não sei; talvez o whisky viria após um estridente chamado: Fulana!!!! Traga outra garrafa de whisky. E, por conta do berro daquele pai, trabalhador dignificado, o bebê se assusta e então acorda de seu breve cochilo que permitia que a mãe descansasse *um pouquinho*.



fig. 13 – Adriana Varejão, Mapa de Lopo Homem II, Óleo sobre madeira e linha de sutura, 1992 – 2004.

Bom. Fazendo o advogado do meu diabo, caso ele estivesse motivado pela realidade das escritoras e seus empecilhos, para não romancear em polo oposto também os cuidados com a infância numa articulação demonizante da frase e/ou da própria coisa, me pergunto: o que a afirmação de Connolly pode vir a promover numa artista, ou até mesmo num artista, que a leia antes de ter filhos? E, ainda, será que essa frase teria algum efeito social que trouxesse benefícios, mesmo que reflexivos, para quem exerce o trabalho criativo? Conseguimos pensá-la de modo a melhorar a condição de trabalho do/a artista que opta por procriar e também se manter atuante no seu ofício?

Aparentemente no mesmo sentido da frase anterior, a segunda frase citada na abertura da reportagem do The Guardian é da artista plástica britânica Tracey Emin, que



tem como centro da sua arte a própria vida, num caráter autobiográfico franco, íntimo e confessional. O trecho recortado e amplamente repercutido, dito em 2014 em entrevista concedida à jornalista Viv Groskop para a revista inglesa Red Magazine, dizia assim: “Há excelentes artistas que têm filhos. Claro que existem. São chamados de homens.” Tão determinista quanto a frase anterior, a frase de Emin conduz o leitor à nenhuma brecha. *Não há nenhuma artista mulher que tenha filhos que seja excelente em seu trabalho.*

Seria possível colocar na mesma prateleira a frase da artista inglesa e a anterior, de Connolly? Para ampliarmos o entendimento sobre a afirmação de Emin, se faz mais que necessário recuperarmos o restante do pensamento da artista. Frases desse tipo são comumente recortadas de forma intencional para fazer barulho. Tracey Emin dizia à entrevistadora:

“Eu acho que eu não estaria fazendo meu trabalho (se eu fosse mãe). Eu teria sido 100% mãe ou 100% artista. Eu não sou flaky e eu não abro mão. Ter um filho e ser mãe... seria abrir mão de ser artista consequentemente. Eu sei que algumas mulheres podem. Mas esse não é o tipo de artista que eu aspiro ser.”
(Tradução nossa)

E então, ela continua, chegando no trecho polêmico:

“Existem excelentes artistas que têm filhos. Claro que existem. Eles são chamados homens. É difícil para a mulher. Realmente difícil, elas são emocionalmente divididas. Já é difícil pra mim com um gato...”
(Tradução nossa)

Quando Emin diz que não é “flaky”, entendo que diga que não tem o perfil instável em relação aos compromissos afetuosos. Em seguida, a artista diz que mesmo assim não abriria mão, revelando que a maternidade para ela seria uma escolha entre uma coisa e outra. Ela usa o termo *compromise* no intuito de dizer que a escolha implicaria concessões, implicaria que abrisse mão da arte. Me parece também que a imagem que a artista tem do que é o compromisso materno para ela só seria possível se na performance dos 100%, o que é um ponto que retornará com frequência nessa pesquisa. O cálculo de ou 100 % mãe ou 100 % artista ressoa matemática próxima de uma teoria; me questiono se seria possível ter ideia de como nos comportaríamos no trabalho materno sem estar nesse lugar e me comprometo a decantar o ponto ao longo do trabalho.

Nesse momento, enquanto tento escrever, estou trancada no meu quarto e os gritos do meu filho e sua amiga enquanto brincam com seus pais, do lado de fora, invadem qualquer tipo de raciocínio. Em ato, quero explodir.

(...)

Acabo de colocá-los gentilmente para fora, para gritarem todos fora de casa.



(...)
(Recortes de uma casa com crianças)

Um caminho que seria possível sobre a fala de Emin seria o de entender que ela está argumentando sobre o seu caso específico, no qual ela interpreta que só acredita que funcionaria pra ela caso fosse 100% em uma coisa ou outra, reflexão tida a partir de um autoconhecimento elaborado sobre si mesma, que deixaria aberta a situação de outras mulheres e suas formas de agir.

Lina Meruane, em *Contra os Filhos*, livro que nos acompanhará durante essa dissertação, escreve um capítulo sobre *Tipos de Mãe*. A autora, que optou por não ter filhos, estabelece três arquétipos maternos. As **essencialistas – mães totais** – são as mães que

insistem na necessidade de dedicar mais tempo a criar seus filhos: para isso são mulheres! Aplaudem a diferença intrínseca dos gêneros e a singularidade ou a superioridade do corpo feminino no feito de gerar. Elas buscam tornar-se a sustentação emocional e moral da família. (MERUANE, 2014, p. 107).

Para Meruane, essas mulheres são as que proclamam o parto sem anestesia, “porque sentir o filho é uma benção e o outro se chama “parto com violência””. Elas querem voltar a comer a placenta como fazem outros mamíferos selvagens, renunciam às mamadeiras, estendem a lactação e descartam as chupetas. As essencialistas adotam o uso de fraldas recicláveis, de comidas orgânicas livres de químicos e pesticidas, rejeitam o café para que a cafeína transmitida pelo leite ou pelo cordão, quando ainda na gestação, não acelere o bebê, rejeitam vacinas, superprotegem os filhos, realizam elas mesmas atividades educativas e estimulantes para eles – nunca para si mesmas – e optam pelos brinquedos de madeira.

Vocês já devem ter reconhecido: em suma, todos esses princípios são os do retorno à Dona Natureza. Acontece que as essencialistas foram enfeitadas pelo anjo-materno agora vestido de verde. Renunciaram às vantagens e descansos que as feministas igualitárias conseguiram e que algumas de nossas avós e mães aproveitaram para se salvar. (...) As essencialistas rejeitaram as licenças anteriores e se tornaram mães-de-profissão que estudam os infinitos manuais da criação e até pagam por lições de maternidade que as farão mais competentes, mais dedicadas, mais apegadas aos seus filhos. Mães-totais escudadas na retórica da ecologia. Essas mães de aparência progressista deram a volta completa ao círculo, para retornar à retrógrada equação mulher=natureza que exime os homens. (...) É uma filosofia ou uma ideologia que, como bem aponta a flecha da psicóloga e mãe-reincidente Constanza Michelson, é de “semblante libertário, mas de coração totalitário”. (MERUANE, 2014, p. 109).



Citando Virginia Woolf, Lina Meruane ainda no início de *Contra os Filhos*, desdobra um discurso da inglesa feito para uma assembleia de mulheres profissionais dos anos 1930, em que Woolf identifica que o problema que obstrui a circunstância das mulheres profissionais não é de ordem material e sim de índole psíquica, provindos do assédio e do perpétuo retorno do sinistro *anjo-do-lar*.

É um anjo muito real que ela menciona, um anjo que ela viu representado no poema de Patmore, que conhece bem, e nas imagens de Cameron, que também lhe são familiares (...). Essa poderosa figuração do mandado feminino, esse anjo inscrito na literatura e ilustrado na fotografia é o que atravessa as paredes do seu quarto e se interpõe de infinitas maneiras, diz Woolf, entre ela e sua escrita. Constringendo-a com seu inquebrantável afã de sacrifício que ela se sente solicitada a imitar. Distraindo-a com suas destrezas domésticas. Atormentando-a com seus apelos à modéstia. Incentivando-a à simpatia e ao elogio, mesmo quando para agradar seja necessário mentir. (MERUANE, 2014, p. 51).

E, embora a escritora inglesa não faça nenhuma relação com a maternidade no discurso, Meruane se apropria ao longo de seu livro da ideia de anjo trazida por Woolf – que por sua vez trazia Coventry Patmore, do qual podemos ler o trecho de um poema, abaixo –, observando a maternidade dedicada como parte de um ideal feminino que ronda as mulheres e as faz performarem-no.

O homem deve sentir-se agraciado; mas agraciá-lo
É um prazer da mulher; no abismo
De suas condolentes necessidades,
Ela dispõe o seu melhor arremessando-se. [...]
E enquanto o amor dele possui alguma vida,
Ou algum olhar que possa contemplar os seus encantos,
A qualquer hora, ela ainda continua sendo sua esposa,
Graciosamente devotada em seus braços;
Ela o ama com um amor que não se esgota;
E quando, ai, ela ama sozinha,
Por meio de dedicada incumbência, o amor eleva-se mais alto
Como a grama que cresce no entorno de uma rocha.
(PATMORE, 1920, p. 53-4, tradução Josenildo Ferreira Teófilo da Silva).

As **mães divididas**, seguindo na proposta de Meruane, são as pragmáticas mães-pela-metade, mães que ficam entre o amor materno e a paixão profissional. Não têm auxílio e assumem uma atitude materna relaxada. E, embora o equilíbrio pareça ser um caminho interessante, Meruane pontua os “prejuízos” para a criança que a escolha promove na vida dessa mãe. Como nada é simples, é claro que, de acordo com a autora, as mães de um perfil e suas crias serão postas contra as do outro perfil – ou se porão nesse embate.

Ser uma mãe-obsessiva coloca a mulher-mãe-total num lugar ao qual a mulher-dividida não acede ou ao qual renunciou. Essa maternidade-total não só coloca



a mãe num lugar de escada, mas situa os filhos vários degraus acima na hierárquica escalada de sobrevivência e do progresso da qual a mãe parece a única responsável. Porque a obrigação atual da mãe é oferecer a seus filhos vantagens comparativas num mundo cada vez mais competitivo, e essas vantagens começam a ser trabalhadas na gravidez, passam pelo parto e se alongam na lactação e na afeição e continuam no constante estímulo intelectual e nas tarefas feitas em conjunto, até o inalcançável horizonte dos etc. (MERUANE, 2014, p. 119).

Por fim, a chilena traz à tona as **supermães**. É curioso que as mães-totais não já sejam as supermães. Para a autora, aqui está uma outra figura materna quem sabe mais ameaçadora: uma categoria de mães que, “para eludir toda forma de renúncia e ao mesmo tempo evitar as críticas, decidiu fazer tudo. Absolutamente tudo. Dentro e fora de casa, tudo, e num grau superior de perfeição”.

É sacrificada e incansável supermãe. É a esposa-amante. (Para que se casou se não era para ter uma maravilhosa relação de casal em que ela se ocupa de tudo inclusive de se desfazer da competição?)
É a mãe-esforçada-e-responsável. (Para que teve filhos se não era para cuidar e fazer deles os melhores homens e mulheres do universo?)
É a mãe disposta a dar o peito enquanto trabalha, e vice-versa, num alarde de energia.
É a mulher-que-trabalha-de-sucesso, com várias crianças a tiracolo. (Para que estudou ofícios ou carreiras, se não foi para exercê-los, e por que iria reprimir suas urgências maternas?)
Essa é a mãe-máquina, de existência cronometrada, que sai cedo num carro de preferência utilitário e multifuncional como ela.
(MERUANE, 2014, p. 124).

A supermãe pensa que é ela quem deve se adaptar já que escolheu encarar e assumir as duas jornadas. Cabe a ela dar conta e, um eventual atraso no trabalho, por exemplo, por conta de alguma questão ligada à maternidade, é compensado por horas extras para provar que ser mãe “não é uma desvantagem em seu desempenho”. Ela acredita que esse é o preço que deve, um preço que implica sempre conseguir que o marido não mexa uma palha e não se queixe nunca de nada. E, quando chega em casa após cumprir sua jornada de trabalho, não basta perguntar aos filhos como foi seu dia e se interessar pelo que estão estudando. Ela precisa também, nesse tempo com eles, complementar o trabalho da escola, sanando as eventuais dúvidas do rebento e metendo a mão na massa dos seus deveres de casa, cada vez mais rebuscados e inadequados para a faixa etária aos quais são solicitados.

Embora, como supracitei, o livro de Lina Meruane vá acompanhar muito do que farei nessa pesquisa, com pontos de partidas provocadores de discussões, **tenho desde já de sinalizar ainda aqui no início que tenho inúmeras questões de discordância com**



a diatribe. A mim mesma, diante da maternidade que exerço, foi um soco no estômago – do qual absorvi tantas críticas e que sobre tantas outras preciso *devolver*, em oposição extrema ao que propõe Meruane.

A própria autora reconhece, com relação direta a alguns curtos trechos, que não pode nos contradizer, as mães, “por falta de experiência”. Não concordo; reconheço que alegar que ela não poderia ter escrito o livro por não ter vivido a experiência materna, por não ter um *lugar de fala*, seria uma atitude extremamente alienadora e deslegitimadora de sua contribuição para a discussão – que considero enorme. Assim como a vejo criando esses perfis com fim didático, propósito ao qual acho que servem, os escolho para usá-los neste mesmo intuito.

Nesse ponto da discussão, por exemplo, trago os arquétipos para tentar um mergulho maior na fala de Tracey Emin, que vinha esgarçando anteriormente. Retornando a ela, diante do que propôs Meruane, estaria Emin partindo do pressuposto de que a única mãe que ela consideraria possível ser seria a mãe-total, 100% mãe? E, quando o faz, o faz porque isso parte de um modelo que ela percebe, fruto de observação de si mesma, que a atenderia, ou porque a narrativa massiva, moralizante, sobre ser uma boa mãe interfere drasticamente no seu ponto de vista a fazendo achar que seria péssima mãe caso não performasse os 100%?

“Mãe, você ainda está trabalhando?”

“Estou.”

“Ainda...?”

“Mãe, me salva, abre a porta do banheiro.” A porta está emperrada, ele não consegue abrir sozinho. Está um calor de 40° no Rio de Janeiro e eu liguei o ar condicionado – e fechei a porta do banheiro.

“Mãe, quero fazer xixi.”

“Filho, por que você não vai no outro banheiro? A porta dele está aberta. Vou ter que me levantar. Estou trabalhando.”

“Está proibido, mãe.” Ele inventa. Levanto. Poderia ter dito “sinto muito, não vou”. E ele poderia ter feito xixi no chão. Nunca aconteceu. Mas não me arriscaria. Levantar e abrir a porta cortam meu raciocínio, mas limpar xixi do chão tiraria minha sanidade àquela altura por longos minutos preciosos.

(Recortes da gente)

É impossível determinar. Mas considero um ponto de observação interessante na sua fala. Principalmente quando Emin segue sua argumentação e determina que não há mulher que tenha sido mãe e que ela identifique que tenha conseguido excelentes resultados no trabalho de artista, moralizando a questão. Aqui, me parece que diante da questão materna, numa forma de se defender dos prejuízos promovidos pela baixa participação da sociedade na criação de um novo indivíduo, aos quais as mulheres estão



expostas quando optam por ser mães, Emin, no jogo de poder, opta pela decisão de não ser mãe e se aproxima dos privilégios vividos pelos homens na estrutura social do cuidado.

O que quero dizer é que, não sei se conscientemente, mas arrisco que não, sua fala denuncia que sua opção por não ser mãe está diretamente ligada ao que ela entende por um sucesso na carreira artística – sucesso este supostamente *impossibilitado* pelo compromisso materno. Com uma visão crítica limitada, e talvez não por falta de interesse, mas pelo fato de a maternidade ser de fato um tabu e muito pouco discutida na sociedade contemporânea sob aspectos políticos, Emin radicaliza a questão. E o sistema dominante se vale de suas palavras e mais uma vez nutre o desnecessário na discussão.

É preciso deixar claro que a decisão pela não maternidade, em qualquer contexto, é mais que legítima. A maternidade acaba tendo um caráter compulsório na nossa sociedade. Há um lugar de muita solidão também na vida da mulher que opta por não ter filhos e não causada pela ausência dos mesmos, mas pelos julgamentos constantes que sofrem. A socióloga israelense Orna Dornath, em sua pesquisa que resultou no livro *Mães arrependidas, Uma outra visão da maternidade*, se propôs a dar espaço pela primeira vez a tantas coisas não ditas, ouvindo mulheres de diferentes grupos sociais que se arreponderam de ter se tornado mães; algumas delas já avós.

No entanto, não estou interessada apenas em reconhecer a existência do arrependimento de ser mãe em si. Esse tipo de enfoque poupa a sociedade de sua parcela de responsabilidade: quando personalizamos o arrependimento como a incapacidade de se adaptar à maternidade, como se essa determinada mãe tivesse que se esforçar mais, estamos esquecendo como diversas sociedades ocidentais tratam as mulheres, ou, talvez mais precisamente, como ignoram as mulheres, uma vez que as sociedades parecem se eximir da responsabilidade por empurrar de maneira veemente todas as mulheres consideradas física e emocionalmente saudáveis não apenas para a maternidade, mas também para a solidão de lidar com as consequências dessa persuasão. (DORNATH, 2017, p. 13).

O coletivo teatral carioca *Yonis Magnificas*, formado pelas atrizes Diana Herzog, Joana Lerner, Pamêla Côtó e com participação nesse projeto de Rafaela Amodeo, criou durante a pandemia o espetáculo teatral virtual *Mãe de Ninguém*, livremente inspirado no livro de Olga Dornath. A história, exibida pela plataforma ZOOM, segue o fio de uma mulher absolutamente oprimida pelo patriarcado que tem suas tarefas diárias além da maternidade conduzidas pela manutenção do ideal feminino como sugere o sistema dominante. E, no ápice de sua provocação, a peça termina com a seguinte pergunta para



as espectadoras: *Por que você quis ou quer se tornar mãe?* A pergunta causa um apagão na plateia e muitas das mulheres não conseguem respondê-la.

Ainda sobre a fala de Tracey Emin, acho relevante observar que ela também traz o conceito de Meruane da divisão promovida por um filho na vida emocional da mulher mãe, coincidindo mais uma vez de algum modo com os arquétipos propostos pela chilena. A artista inglesa se refere às mães que trabalham com arte como emocionalmente *divididas, rachadas (torn)* – mesmo termo que a chilena usa ao se referir sobre as mães que compartilham a paixão materna e laboral (mães-divididas). O que escapa a Tracey é que ao invés de acusar a estrutura social e as narrativas hegemônicas sobre maternidade como maiores responsáveis pelos prejuízos que vivem as mulheres mães e assim contribuir para uma discussão política da questão – que mesmo que na prática não promova mudanças a tempo de ela querer repensar seus desejos, nem serem realmente relevantes em suas decisões –, ela ignora os fatores, não se vê vivendo um formato inaugural de maternidade e ainda moraliza sua decisão.

Não posso deixar de passar pelo fato de que a artista inglesa vivenciou dois abortos, os quais refletiram em obras performáticas dela em mais de uma oportunidade. Digo isso para deixar claro que não condeno nem Tracey e nem Meruane em suas falas. Me sinto no dever de nessa pesquisa repercutir seus raciocínios, mas o tabu é tão profundo que não acredito que possa haver tanta clareza quando nos deparamos com ele. Sinto inclusive que meu trabalho está atravessado o tempo todo por esse mesmo ponto. Ao mesmo tempo que se intitula “Maternidades. O plural pragmaticamente recusado”, meu trabalho poderia se chamar: “Mulher-mãe? Uma contradição em si”. Temos, mulheres, como nos por a salvo disso? Não está na maternidade a maior ambivalência que já vivemos?

“E aí, mãe? Como tá?” – Ele me visita.
(Recortes da gente)



fig. 14 – Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. Deep inside my heart*, 2009-10.



fig. 15 – Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. I Lost You*, 2009-10

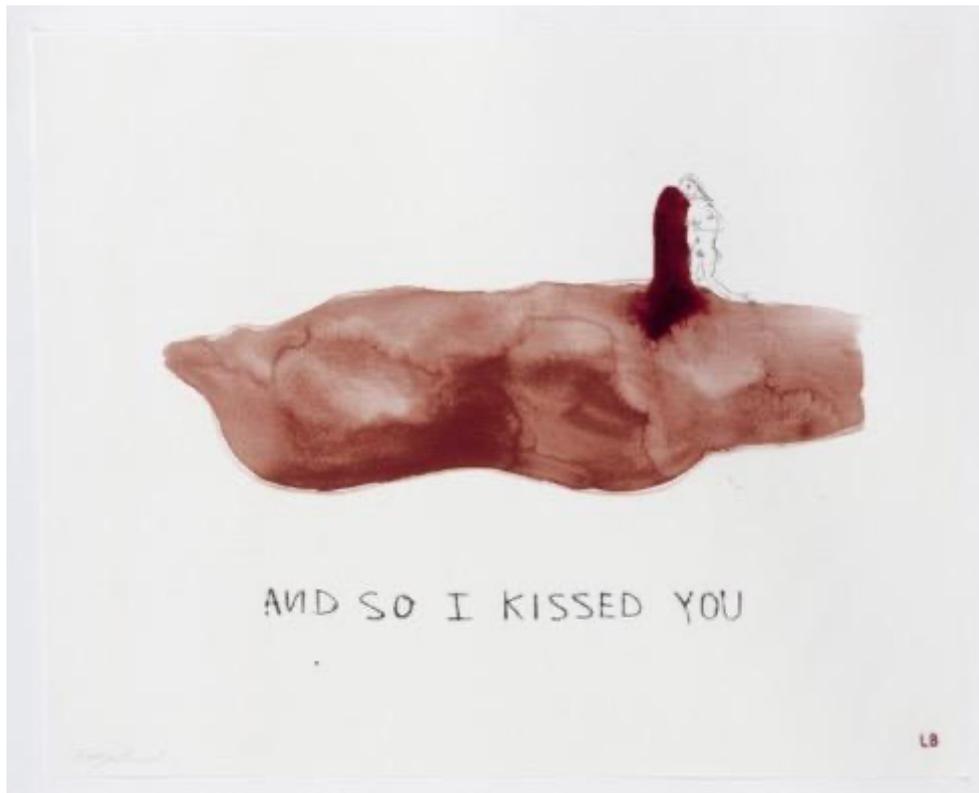


fig. 16 – Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me*. *And so I kissed you*, 2009-10

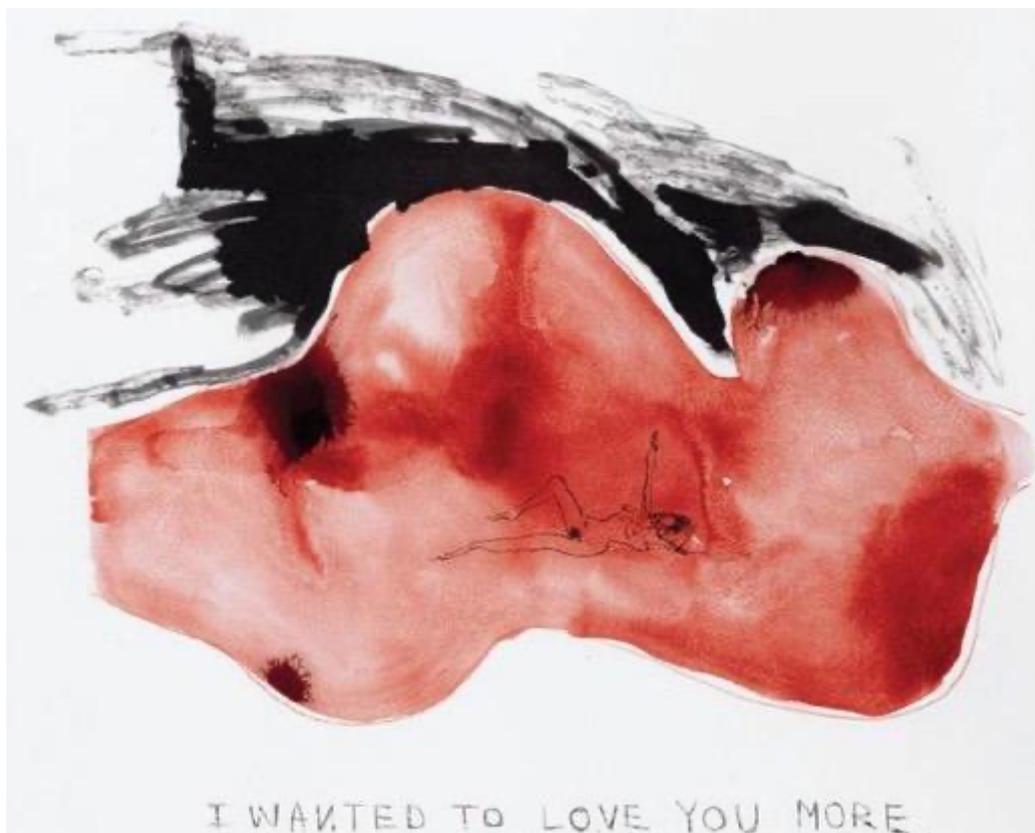


fig. 17 – Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me*. *I wanted to love you more*, 2009-10



fig. 18 – Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. A sparrow's heart*, 2009-10

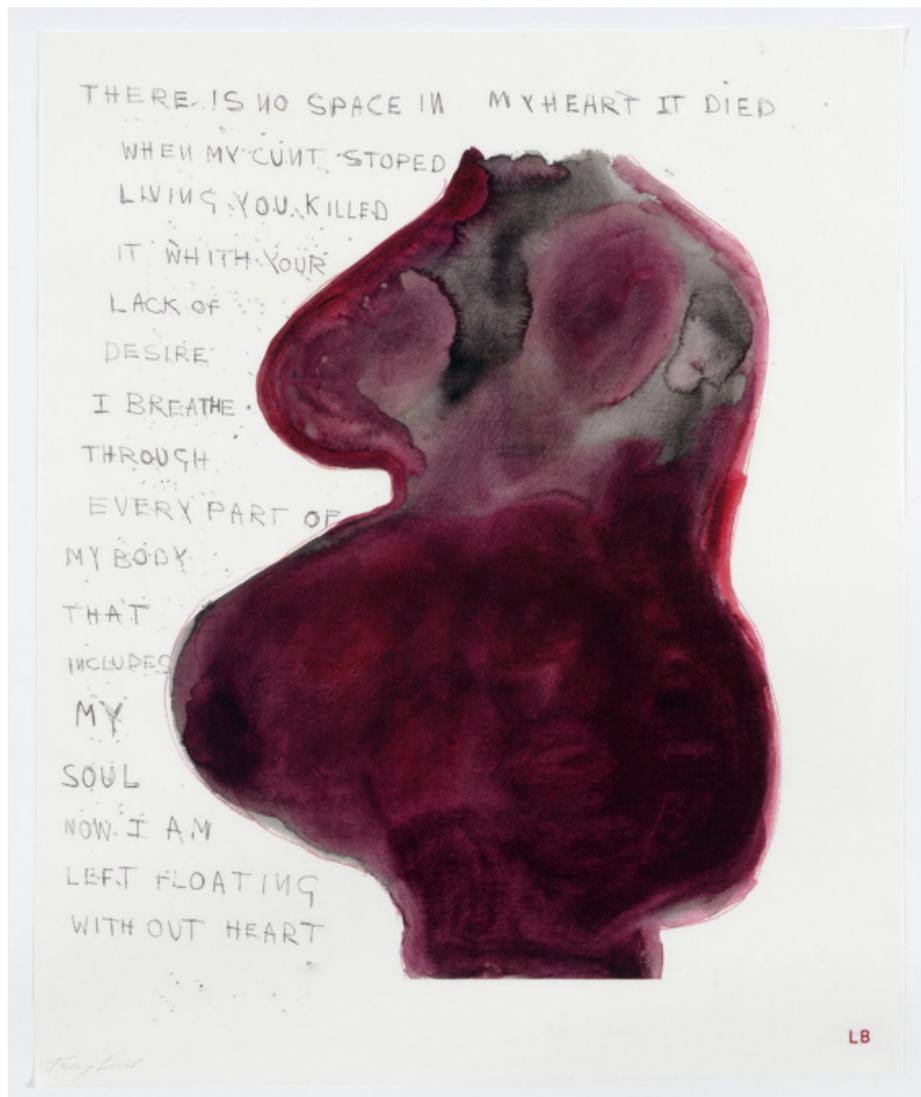


fig. 19 – Louise Bourgeois e Tracey Emin, da série *Do Not Abandon Me. When my cunt stopped living*, 2009-10.

As imagens acima são de um trabalho feito em colaboração entre a francesa Louise Bourgeois (1911 a 2010) e Tracey Emin. Curiosamente, Bourgeois foi mãe de três filhos e a parceria entre elas, acho que posso dizer, relativiza a afirmação de Emin sobre mulheres mães artistas e suas qualidades. Não menos interessante para a nossa discussão é o tema que o trabalho que constroem aborda. Bourgeois começou o projeto aberto produzindo uma série de pinturas em guache de torsos masculinos e femininos, barrigas de mulheres grávidas e falos eretos. Depois de meses em aberto, marinando sobre o que a francesa havia proposto, *com medo de interferir*, em suas palavras, Emin acrescentou textos que constroem narrativas e outras imagens de fetos e figuras femininas em miniatura. Quando, no início, abordei o fato de a maternidade atravessar o corpo de

qualquer indivíduo com útero, o falava por isso. Emin adiciona suas próprias marcas provocadas pela maternidade na arte feita em conjunto com Bourgeois. Emin não é mãe, nunca foi. Não se trata de se querer viver ou não a maternidade. Se trata de se ter um órgão reprodutor.

Durante o período de escrita dessa dissertação, em 2022, a suprema corte dos Estados Unidos da América derrubou a decisão conhecida como "Roe contra Wade", de 1973, que garantia nacionalmente o direito ao aborto. Com a queda da decisão, passou a valer a autonomia de cada estado do país norte-americano para legislar sobre o assunto. Em contrapartida, em 2020 a Argentina tornou o ato seguro e garantido na Lei pela despenalização, legalização e atenção pós-aborto; em 2021, no Chile, a câmara dos deputados aprovou a descriminalização do aborto nas primeiras 14 semanas de gestação – a decisão precisa ainda passar por outras instâncias para ser validada em território nacional. No Brasil, o aborto é crime e tem apenas três situações em que é acolhido: violência sexual, risco de morte da mãe e feto anencéfalo.

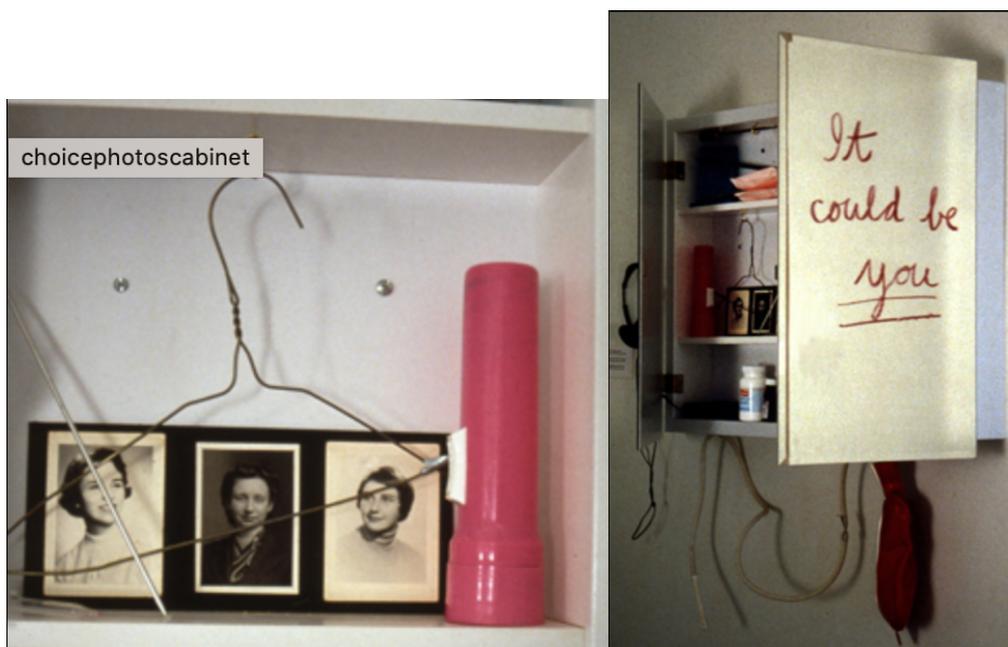


fig. 20 – Em 1981, o coletivo Mother Art, que se formou uma década antes, dentro do Edifício das Mulheres (Women's Building), em São Francisco, Califórnia, EUA, promoveu a intervenção *Choice*, repercutindo relatos coletados de mulheres que haviam passado por um aborto enquanto o ato não era legal; os cabides de arame estavam na performance para lembrar o instrumento ao qual mulheres recorriam para executar a interrupção da gestação em seus corpos. Agora, em 2022, os cabides de arame voltaram a ser erguidos durante protestos contra a decisão dos EUA.

Voltando à explanação que faz Lina Meruane, sobre os arquétipos maternos, quando escreve em relação às super-mães, a autora abre uma nota de rodapé, recurso que ela no início do livro diz ser incoerente numa diatribe e que mesmo assim opta por usar, em que conta a seguinte situação:

Quando a artista Marina Abramović declarou ter feito três abortos porque estava certa de que ter filhos seria um desastre para seu trabalho, e que havia um motivo pelo qual as mulheres não tinham o mesmo sucesso no mundo da arte, a jovem artista Hein Koh respondeu tirando uma foto dela com seus gêmeos pendurados cada um num peito, enquanto trabalhava no computador. “Apesar da falta de sono, porque amamentava meus filhos 45 minutos a cada duas ou três horas sem interrupção, continuava fazendo meu trabalho.” Koh advogou por enfrentar o desafio da maternidade, por encontrar uma forma de torná-lo produtivo ao invés de pensá-lo como um obstáculo. (MERUANE, 2014, p. 124).



fig. 21 – Hein Koh, fotografia, arquivo pessoal, 2016.

Antes de dar continuidade, gostaria de brevemente sinalizar a escolha da palavra *pendurados* pela autora chilena. Sem dúvida, já fiz uso dela inúmeras vezes enquanto irada com a condição de lactante – aqui, inclusive, enquanto falo sobre mim –, mas percebo o quanto a escolha da autora, que não é a lactante em questão, se antecipa criticamente animalizando a imagem de Koh onde ela está amamentando; isso não poderia ser posto menos persuasivamente em sua crítica?



Ainda sobre este trecho que escreve Meruane, me questiono ao longo de todo esse trabalho, e também da minha maternidade, sobre a questão do *fazer com*, inspirada em Donna Haraway, ao invés do *apesar de*. *Ser artista com a maternidade e não apesar dela*. De, ao invés de olhar para os obstáculos e falar sobre os obstáculos, nutrir e se valer da situação materna. É um ponto que me toma, que me faz quebrar a cabeça constantemente, mas me pergunto: o obstáculo é a maternidade ou a sociedade? Minha escrita é sobre ser mãe ou é sobre ser mãe nessa sociedade?
(Minhas confusões)

Mas, prosseguindo, fui em busca da imagem e das duas falas originais, para alargá-las, como fiz com as citações anteriores. Marina Abramović diz na entrevista ao jornal alemão Tagesspiegel que fez três abortos porque estava certa de que um filho seria um desastre na sua carreira. Que o corpo do indivíduo tem energia limitada e que ela teria de dividir isso – mais uma colocação que traz o conceito da divisão emocional. Abramović diz por fim que a maternidade é a razão pela qual as mulheres não são tão bem-sucedidas quanto os homens no mundo das artes. Que o mundo está recheado de mulheres talentosas. “Por que os homens pegam pra si as posições importantes? É simples. Amor, família, crianças – uma mulher não quer sacrificar tudo isso.”

A resposta original de Hein Koh, diferente da de Marina, traz bem mais conteúdo que o recorte da nota de rodapé do livro *Contra os Filhos*. Ela diz:

Quando minhas filhas tinham cinco semanas, apesar da falta de sono e de precisar amamentar a cada duas ou três horas, 24 horas por dia sete dias da semana, 45 minutos por vez, eu continuava fazendo meu trabalho. Marina Abramović acha que os filhos impedem as mulheres de vencerem no mundo da arte, mas assim como diz @dubz 19, *foda-se*. Tudo o que a Marina sabe é a sua própria experiência, e talvez seja a verdade para ela, mas nem é a experiência de todo mundo, nem é o que todo mundo viveu. Virar mãe (de gêmeos, nem mais nem menos) me ajudou a me tornar uma artista melhor – aprendi a ser extremamente eficiente com meu tempo, priorizar o que é importante e o que tenho que deixar de lado, e a ser multitarefa como uma campeã. Aprendi a funcionar, mesmo que mal, com muita privação de sono, e mesmo com o caos, com a insanidade e até a tortura às vezes, uma enxurrada de novas emoções entrou no meu trabalho, tornando-o mais interessante e cheio de camadas em seus resultados. Não estou dizendo que pais e mães que são artistas são melhores que aqueles que não são artistas ou que escolher não ser pai e mãe vai prejudicar o acesso a aprendizados provindos de experiências. Ter filhos é como qualquer outro desafio na vida – o maior de toda a minha vida até agora –, e se você o aceita e pensa em soluções criativas pode se tornar uma pessoa melhor. É importante pensar em como esses desafios podem lhe ajudar a progredir, mais do que atrapalhar o seu caminho. (Koh, 18/08/2016, online, Tradução nossa)

Vejo Koh amamentando suas filhas, ainda recém-nascidas, e trabalhando ao mesmo tempo, numa imagem que transmite sim uma apropriação e enaltecimento das ideias da mãe sacrifício, da mãe guerreira – e que a artista ainda reforça na legenda da



publicação em resposta a Abramović. Koh romantiza o caos, sem em nenhum momento problematizar a participação da sociedade nessa sobrecarga que ela mesma assume viver, encarando a responsabilidade quase que exclusiva da gestão dessas crianças, sem mencionar o pai e sua contribuição em nenhum momento. Me pergunto: por que essas mulheres ao invés de se unirem, mesmo que tenham tido decisões opostas, para aproveitarem a visibilidade de suas falas em prol da discussão extremamente necessária sobre os problemas estruturais da maternidade no mundo da arte, escolhem por agregar valor às suas escolhas, numa briga de poder do que representa o melhor cenário para terem sucesso.

08.01.2018 – 4º dia de vida de Antonio
12h10 - terminou a mamada no peito direito
Sobremesa - 12h23 a 12h30
Novamente - 12:52 a 13h
13h15 a 13h36 - pegou bem peito direito
19h50 a 20h
22h33 a 23h06 - peito esquerdo; não sei se pega boa, efetiva
23h06 a 23h19 - peito direito
23h20 a 23h40 - peito esquerdo (23h34 - 23h40 senti q pegou melhor - direito jorrando)
23h42 a 00h25 (pega firme peito direito em uma boa parte)
00h54 a 00h59 - peito esquerdo
Antonio dormiu após mamar; às 2 h acordou manhoso e dormiu no meu tórax de barriga pra cima até às 4h
2h a 2h35 - massagem embaixo da axila esquerda
Renato pegou ele assim que acordei
4h - acordei com muita dor; fiz massagem até 4h46
4h40 - Antonio trocou a fralda; estava limpa, mas trocamos mesmo assim.
Tirou também o pijama.
4h50 - voltou pro meu tórax
4h56 a - peito direito; 4h59 ainda acordando... 5h03 pegou 05:16 pegou melhor 05:19 parou.
05:23 pegou peito
05:25 parou
05:30 voltou
05:41 parou
5:44 voltou
5:57 parou
06:02 voltou
06:04 parou
06:13 v
9h - acordamos todos
Peito todo empedrado
Renato fez massagem no esquerdo primeiro
09h20 pegou peito esquerdo
09h25 - parou
09h29 - pegou
09h31. Parou
09h33 - voltou
Enquanto isso, massagem no direito - sai muito muito muito leite
09h36 - parou; soneca



09h40 - voltou
09h47 - dormiu
Parou; massagem no direito.
Arrotou
10h20 - trocou 1ª fralda de hoje; coco marrom claro e xixi
10h30 a 10h36 - peito esquerdo
Próxima mamada quando a Kira chegar
12h20 - acordou; trocou a fralda. Tinha coco, mas não tinha xixi
13h a 14h - pegou peito direito
20h05 pegou peito direito
01h16 a 3h pegou peito direito
4h - peito direito
6h37 a 7h12 - peito direito direto
Trocou a fralda - tinha coco e xixi - fralda 1
10h10 a 10h25 - pegou peito direito.. meio que dormindo e meio acordado...
Trocou a fralda - tinha xixi - fralda 2
Trocou fralda xixi 3
14h18 a 14h49 - peito direito
15h58 a 16h26 - peito esquerdo
(Recortes de mim)



fig. 22 – Julia Lindenberg, *Antonio só dormia assim. Aqui, no quarto dia de vida dele; não dá pra ver direito, mas ficava o dia todo com os peitos descobertos por causa da cândida - fungo. Para onde fosse, levava essa almofada. Deitava e o deitava de barriga pra cima, para impedir que ele morresse de morte súbita provocada por dormir de bruços – assim fui orientada: nunca colocar para dormir de bruços. Um dia, tive um pesadelo de que, por ele estar nessa posição, o tinha deixado cair e ele estava morto. Acordei falando: Renato! Antonio morreu. Ele estava da mesma maneira como da foto, dormindo. O meu corpo sentiu a morte dele. Nunca me esquecerei. Continuei, mesmo com esse episódio, dormindo dessa forma. A gente precisava dormir. Eu adormecia e acordava exatamente na mesma posição*, arquivo pessoa, 2018.

Outras artistas reagiram à declaração de Abramović e a plataforma Artsy.net elaborou uma reportagem intitulada *Você pode ser mãe e artista de sucesso*, na qual mulheres do mundo da arte posaram com seus filhos na intenção de derrubar a ideia da artista sérvia.



fig. 23 – À esquerda, Kara Walker com sua filha recém-nascida. À direita, Laurie Simmons com as filhas em 1993. Arquivo pessoal das artistas.

Uma das colocações mais interessantes foi dada pela escultora Diana Al-Hadid, que recordou ter sido questionada se a maternidade havia interferido na sua produtividade. Ela respondeu: “Não, não interferiu, e isso você jamais perguntaria a um homem”.

O ponto que suscita dessa declaração é por que quem a entrevistou entende que a parentalidade poderia atravessar o trabalho de uma mulher, mas, de fato, por que isso nunca seria perguntado a um homem? Por que vivemos essa ideia de que um filho só tem possibilidade de transformar a vida da mulher e nunca a do homem? Por que consentimos – essas declarações que estamos pondo vistas reforçam como uma crença muito forte, que permeia quase todas as falas – que a chegada de um filho promove intensos reflexos nas mulheres e não – ou minimamente desinteressantes – nos homens? Por que, embora na prática ainda vejamos o cuidado parental naturalizado como uma responsabilidade materna, quem pergunta – sociedade, jornalistas, etc – não faz o raciocínio em giro, perguntando esse tipo de questão para *os homens*, os fazendo se a ver com a questão.

A esse estágio da discussão, Lina Meruane ainda traz duas contribuições. A primeira é sobre onde atuam nos lares os pais ou companheiros dessas mães? Por muito tempo, diz a autora, esses pais se ausentaram dos dilemas domésticos e parentais – aspecto



mencionado em relação à geração de Cyril Connolly, por exemplo –, delegados às mulheres e às mães. E essas – por quê? – não lhes solicitavam participação, ou quando o faziam, faziam em tom de quem pede um *favor*. Diz Meruane:

Em vez de demandar que realizassem a parte que lhes cabia, em alguns casos as mães se conformavam em confirmar que eles careciam de competência, ou de vontade para os trabalhos de casa, renunciando a ensinar-lhes a fazê-los. (MERUANE, 2014, p. 120)

Esqueceu aqui Meruane a força que a hierarquia homem-mulher exerce sobre a violência nos lares?

Voltando aos arquétipos, que, inclusive, ao me autoimplicar neles, por exemplo, consigo me ver como mãe circulando em todos os perfis diante da circunstância que se apresente, concluindo impossível encaixotar-nos mães dessa forma, repondero meu raciocínio por achar que no que se propõe, para fins de reflexão, Lina tira uma excelente e produtiva conclusão para a discussão. A partir do último arquétipo, o da super-mãe, Lina conclui:

Não é que eu recrimine essa mãe. Compreendo seus afãs, sei que responde sem saber ao chamado do anjo mais poderoso que já se conheceu. (...) Peço que tire o pé do acelerador e observe a situação com a qual se confronta, porque conseguir se sentir superior é apenas uma questão de contingência, não de talento ou de tesão, e a circunstância sempre poderia mudar. Que desça desse carro que é sua cápsula blindada e que olhe, para além de si mesma, a situação do seu gênero na injusta sociedade em que vive. (MERUANE, 2014, p. 133).

2.2 – Indústria criativa brasileira

Apesar de ter sustentado de forma firme no subcapítulo anterior a discussão que propus sobre as falas de Cyril Connolly, Hein Koh, Marina Abramovic e Tracey Emin, o fiz sabendo que atritava, à exceção de Connolly, artistas contemporâneos com certa visibilidade. Essa discussão, para o que de fato pretendo, acaba ficando rasa quando fica centrada no hemisfério norte – ou pelo menos em expoentes da arte que já têm firmados seus espaços no mercado. A escritora e crítica de arte Kealey Boyd, em contribuição para a Revista de Artes online Hyperallergic com o artigo *The Very Real “Motherhood Penalty” in the Art World* (A verdadeira penalidade da vida da mãe no mundo das artes, em livre tradução), publicado em 2021, sugere uma virada na discussão que converge com o que quero propor. Ela afirma: o problema não é sobre o desejo da artista mulher de ter filhos ou não, a questão é estrutural.

Para Boyd, que parte da pesquisa intitulada *Why do women wait?* (Por que as mulheres esperam?, em tradução livre), da pesquisadora e economista norte-americana Elizabeth Caucutt, em parceria com Nezh Guner e John Knowles, a manutenção da discussão em torno da decisão das mulheres por ter ou não filhos – ou atrasar a maternidade ao máximo –, ignora fatos relevantes sobre a mulher que está inserida no mercado de trabalho.

As mulheres são muitas vezes taxadas de egoístas quando a questão é analisada à luz das taxas de natalidade, que tiveram suas quedas ainda mais acentuadas pelo cenário da pandemia da Covid-19. No Brasil, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) traz o seguinte gráfico com dados e projeções para os próximos anos sobre natalidade e mortalidade:

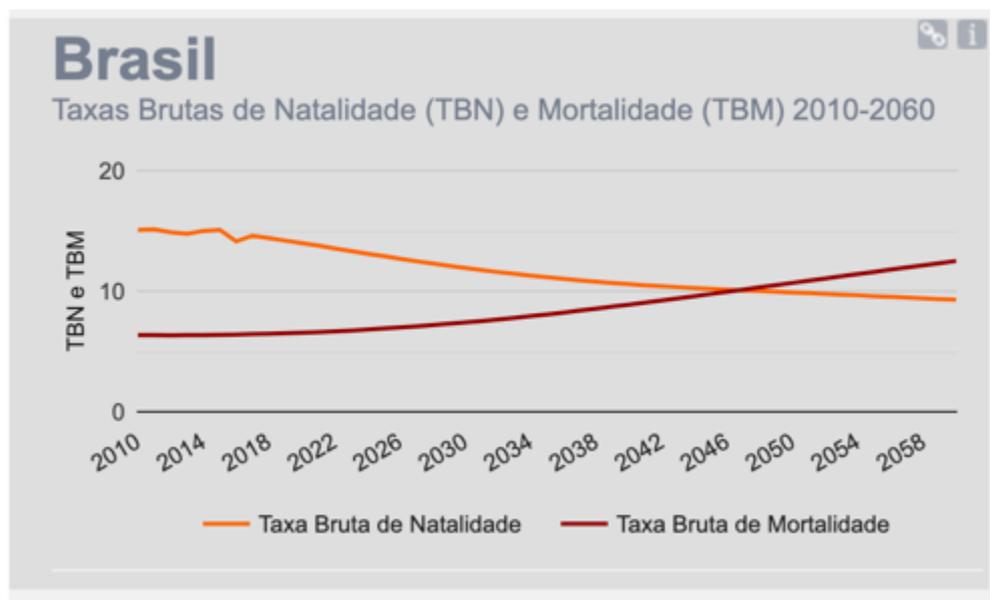


fig. 24 – Gráfico de Taxas Brutas de Natalidade e Mortalidade. Fonte: IBGE¹⁴

De acordo com a economista Elizabeth Caucutt, ao atrasarem ou declinarem da maternidade, as mulheres mantêm um aumento contínuo nos seus ganhos e, no polo oposto, se e quando optam pela maternidade, sofrem um achatamento salarial significativo. Essa penalidade é mais passível de diagnóstico entre as mulheres em situação formal de trabalho devido ao custo da licença maternidade sobre os rendimentos

¹⁴ <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>



futuros e à ausência de políticas de licença parental remunerada, quando se fala de Estados Unidos.

Boyd prossegue em sua argumentação, resgatando o artigo nomeado *A Revolução Da Escolha De Não Participar* (The Opt-Out Revolution), publicado na The New York Times Magazine em 2003, que provocou bastante repercussão. Assinado pela jornalista e escritora Lisa Belkin, o artigo investigava, ao trazer a observação de que as mulheres jovens estavam cada vez mais desinteressadas em espaço no mercado de trabalho, que estavam na verdade interessadas em se casar e se tornar mães donas de casa, executando apenas o trabalho doméstico e materno, se de fato as mulheres se excluíam do espaço laboral público ou se eram expulsas por conta das condições hostis oferecidas às mães trabalhadoras – isso independente de suas classes.

Belkin recebeu, entre tantas críticas dado ao furor causado pela publicação de questionamento tão polêmico, a de que não distinguiu as situações que diferem as mulheres socialmente e a de que ignorou a circunstância daquelas que não são tão qualificadas profissionalmente e nem tão bem remuneradas, para quem o sonho de se estabelecer no mercado de trabalho numa profissão que as contemple está longe e que, independente disso, não têm a mesma liberdade de declinar de seus postos de trabalho.

Bernie D. Jones, professora de Direito norte-americana da Universidade de Massachussets, mulher negra, quase 10 anos após a publicação de Belkin, em 2012, lançou o livro *Women Who Opt Out: The Debate Over Working Mothers and Work-Family Balance* (em livre tradução Mulheres que optam por não participar: o debate sobre mães trabalhadoras e o equilíbrio trabalho-família). Jones apresenta um quadro mais completo da situação das mulheres contemporâneas no mercado de trabalho, onde aborda as pressões do local de trabalho, classe e raça. Ela justamente mergulha no ponto da maior crítica imposta ao trabalho de Belkin e denuncia que as mulheres de baixa renda não têm o mesmo luxo de poder deixar a força de trabalho e, quando têm filhos, acabam por ser excluídas compulsoriamente de suas funções profissionais.

Jones traz ainda a questão do próprio trabalho relacionado ao cuidado das crianças. Ela coloca em discussão o fato de que as mulheres que têm lucros bem estabelecidos acabam por contratar alguém para cuidar dos seus filhos enquanto se dedicam às suas profissões e, nesse caso, contratam mulheres, em sua maioria negras, que por sua vez também vivem as dificuldades de conciliar com seus trabalhos o cuidado dos seus

próprios filhos. Por fim, aborda o ponto referente às mulheres não brancas que têm uma educação mais qualificada e são bem remuneradas por ela e que recusam deixar a força de trabalho para que isso não interfira nos ganhos de espaço de seu grupo racial.



fig. 25 – Lucílio de Albuquerque, *Mãe-Preta*, óleo sobre tela, 1912.¹⁵

Com a publicação *The Opt-out Revolution* contextualizada, faço um convite a voltarmos ao artigo de Kealey Boyd para a *Hyperallergic*, com o qual abrimos esse subcapítulo para discutir a presença da mulher mãe no mercado das artes. Boyd recorre também para corroborar seu ponto ao argumento de outra economista, Heather Antecol, presente na publicação polêmica de 2003, *The Opt-Out Revolution*. Antecol naquele momento defendia a ideia de que as mulheres não abandonam a força de trabalho em um

¹⁵ Escolhi essa obra para essa passagem da dissertação antes de assistir a aula da pesquisadora Carolina Rodrigues, que entrevisto e cito ao final desse trabalho. Poderia removê-la daqui, mas decidi por atritar minha escolha, expondo meu olhar de mulher branca que acreditou que uma imagem como essa poderia propor uma reflexão através da sensibilização de quem a vê. Rodrigues propõe que, essa obra, por fazer parte de um conjunto de produções artísticas fruto da elaboração de autores brancos do início do século XX, na verdade representa o desejo da branquitude de que essa imagem da mulher preta subalternizada, passiva em seu sofrimento, se perpetue; a pesquisadora propõe que estas obras seriam uma manipulação simbólica muito bem elaborada.



ano típico devido à maternidade, a menos que estejam empregadas em ocupações dominadas por homens, que por isso careçam de políticas familiares, como licença parental remunerada, benefícios para crianças e salários adequados.

A partir desse ponto então, Boyd afirma que a Arte Visual, por exemplo, é uma área dominada por homens, a ver pelo fato de que apenas 8% das 3050 galerias listadas no banco da Artsy representam mais de uma artista mulher, e de que os três museus mais visitados do mundo – o British Museum, o Louvre e o Metropolitan Museum of Art de Nova York – nunca tiveram à frente de suas direções, até a data em que ela escreve¹⁶, uma mulher, e que, portanto, tem o contexto característico para expulsar as profissionais mulheres de seus trabalhos. Ela conclui:

Exemplos de mulheres nas artes visuais cuja experiência parece desmascarar a existência do que é uma verdadeira penalidade da maternidade são discutidos regularmente. Tara Donovan teve seus gêmeos uma década depois de aparecer na Whitney Biennial de 2000. Kara Walker e Julie Mehretu tiveram seus respectivos primeiros filhos no mesmo ano em que cada uma ganhou a "bolsa de gênio" MacArthur. Adiar a maternidade otimizou seus resultados de carreira. Por que eu deveria me importar se uma artista fez da maternidade o assunto de sua recente série fotográfica ou se Kara Walker é mãe? Artistas celebridades e símbolos “por si só não afetarão a mudança estrutural”, argumentou recentemente o escritor Seph Rodney. “A representatividade por si só não nos salvará.” Então, como vamos nos salvar em um sistema que assume que as mulheres são um bem substituível, mas nossos filmes, arte e poesia não o são? (BOYD, 2021, Tradução nossa)

Seguirei a proposta de Boyd e me encaminharei para o nosso contexto brasileiro, saindo dos nomes populares da arte. De partida, trarei as realidades do cinema e do audiovisual nacionais, duas atividades das mais bem estruturadas da nossa indústria criativa, para pensarmos no funcionamento de uma mulher que tenha filhos nesse mercado. Sob regime de contrato por obra no caso do cinema, os profissionais que atuam na área têm suas empresas e prestam serviço a partir delas – livrando assim as produções de compromissos com direitos trabalhistas. Com média de tempo por diária de 12 horas no caso do cinema e uma folga na semana – que vem tendo seu aumento para dois dias duramente negociado a partir de incisivos protestos, vitória recente em projetos de streaming –, as produções seguem as necessidades dos sets de filmagem para definir a hora do dia de acordo com o que será filmado, principalmente regidas pelo tempo

¹⁶ A curadora Laurence des Cars assumiu em 2021 a direção do Louvre e é a primeira mulher a ocupar a função. Os museus British e Metropolitan seguem sem ter tido até a data desse trabalho nenhuma diretora mulher no cargo mais alto de direção.



climático, se faz chuva ou sol, e pela luz, se é dia ou noite. Há períodos em que a produção exige que a equipe viaje, faça longos deslocamentos.

No audiovisual televisivo, a TV Globo, por exemplo, tem diária de 11 horas por dia para cargos executivos e de elenco – que não batem ponto, mas estão inseridos sim nas leis da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) e assinam um acordo de horas extras mensais; a emissora tem direitos trabalhistas para a maior parte de seus funcionários, e apenas uma folga semanal. As outras funções executadas na linha de produção acontecem com contratos também via CLT, salários muito menores, carteira assinada e regimento de seis dias por semana, nove horas por dia.

Por que os adultos trabalham, mãe?
(Antonio, investigando a vida).

Num *raio-x* de um set de uma produção audiovisual ou de cinema, geralmente as mulheres estão presentes nas seguintes funções: elenco, maquiagem, figurino e produção. As funções técnicas são majoritariamente ocupadas por homens, com exceções sempre: cada vez mais.

Todas as vezes que precisei estar nessa dinâmica, contei com o suporte da minha mãe quando o meu companheiro estava no trabalho – uma senhora de 66 anos que tem próteses nos quadris e também no joelho e dificuldade para andar; dos avós do Antonio, ela é a única que mora no Rio –, e com o próprio pai, caso não coincidisse os horários de expediente – o que, nesse último caso, não se trata de suporte. Nós, eu e meu companheiro, contamos com esse suporte de minha mãe; mas, como via de regra meu trabalho é à frente da casa e com Antonio – não por desejo, mas pela contingência, o trabalho como atriz ainda entra como minha segunda frente – e é espectral a ideia de que quem precisa do apoio para se retirar para o trabalho sou eu.

Na primeira oportunidade de trabalho que tive no cinema após o nascimento do Antonio, ele ainda mamava, tinha 1 ano e 5 meses. Antonio resistiu a comer bem até 2 anos. Se sustentava no peito e, se eu estava presente – o que era sempre, já que não tínhamos ajuda paga, ainda não a tenho, e era comigo que ele ficava enquanto meu companheiro saía para trabalhar –, recusava veementemente qualquer comida. Fui pra uma noturna, ele ficou com minha mãe até meu companheiro chegar do trabalho. Retornei às 3h50 pra casa; o peito estourando. Antonio tinha acordado após um primeiro “tiro” de sono e não dormira de novo.

Nunca tive diárias de set em dias consecutivos – não ainda. O máximo de diárias por projeto do audiovisual que tive foram três, infelizmente. Minha avó sempre me disse para pensar bem o que desejo, que pode se realizar. Sigo desejando.

(A minha história)

Se uma pessoa adulta dorme em média 8 horas por dia, e se uma diária de set de cinema dura 12 horas, sobram 4 horas para locomoção, banho, se vestir, abastecer e organizar a casa e estar com a criança – as refeições são feitas durante o trabalho. Isso



seis vezes por semana. São 72 horas por semana em que há a necessidade de que a criança esteja sob cuidado de outrem. Dessas 72 horas, lembrando que há diárias noturnas, diurnas, etc, algumas horas serão ao longo do dia, no horário comercial, algumas à noite, de madrugada, enquanto a criança dorme. A Lei da Doméstica (Lei Complementar 150/2015) estabelece que a jornada semanal da empregada doméstica **não pode ultrapassar 44 horas**, sendo 8 horas de trabalho por dia, com intervalo de 30 minutos até 2 horas para almoço. Maquiadoras, produtoras, diretoras, figurinistas, por exemplo, trabalham todos os sets. *Minha matemática sempre falha.*

“Uma mulher que tenha filhos pequenos, ela faz como para se inserir nessa dinâmica sem rotina?”, pensei alto perto de uma produtora executiva da TV Globo.

“Me pergunto isso todo dia”, ela me respondeu.
(Diálogos com outras mulheres do audiovisual)

Após reconhecer que vive uma vida de muito privilégio diante do cenário do nosso país, Betina Paulon me relatou que ela e o companheiro pagam à babá de seu filho R\$ 1800,00 na carteira, R\$ 400,00 de passagem, R\$ 600,00 de encargos trabalhistas e R\$ 400,00 por fora da carteira, um acordo – assim como a TV Globo faz com ela – entre eles para que a babá permaneça 1h por dia além do que o contrato da doméstica estipula de carga horária. São ao todo R\$ 3200,00. Atualmente, a babá entra às 11h e sai às 20h. Para que eles possam ir para o trabalho, no qual possuem a mesma carga horária de 11 horas por dia, às 8h deixam o filho na creche, que pagam por enquanto R\$ 1200 por três horas diárias três vezes por semana.

Como o filho deles ainda é bebê, tem 1 ano e 2 meses, ela, a mãe, em dois dias da semana consegue, dentro da função de liderança que ocupa, organizar o próprio horário e ficar na parte da manhã com o bebê até a chegada da funcionária às 11h. No ano que vem, quando isso não poderá mais acontecer, já que configura uma exceção tácita dada pela empresa a ela, o bebê terá de ficar na creche em horário maior e por 5 vezes por semana. Ela acredita que o valor da creche aumentará para R\$ 3500,00. “Não coloquei nessa conta o que me custa me despedir do meu filho às 8h da manhã e encontrá-lo às 20h da noite no retorno do trabalho, para colocá-lo para dormir às 20h30”, ela finaliza.

Entrevistei também a diretora cineasta Julia Rezende, filha do diretor Sérgio Rezende e da produtora Mariza Leão. Julia Rezende é mãe de João, de 5 anos. Por ter como referência a própria experiência de ter crescido vendo os pais atuarem no cinema conciliando o trabalho e a família – Julia tem uma irmã e um irmão –, mesmo que



viajassem muito durante os projetos, a diretora nunca entendeu a maternidade como um empecilho à vida profissional do cinema. Ela reconhece nesse paralelo que hoje muitas coisas são diferentes em termos de rede de apoio para a criança. E que, na prática, percebe que muitos desafios se colocaram.

Basicamente eu diria que é possível articular a maternidade e a minha profissão porque eu tenho uma rede de apoio muito grande e muito consistente. Primeiro a minha família, que ajuda bastante com meu filho. Uma babá, que é a minha grande parceira e braço direito no cuidado diário, uma pessoa fundamental nessa estrutura, que me possibilita filmar de noite, de madrugada, finais de semana, feriados, é a pessoa com quem eu vou contar para poder ter liberdade de estar ausente de casa em alguns momentos; sem ter uma babá não seria possível no meu entendimento e na minha prática. O que busco fazer é sempre levar o meu filho para os lugares que eu vou filmar, se eu for filmar fora do Rio ou se eu vou passar alguns meses em outra cidade, o meu filho sempre me acompanha junto com a babá; então, até agora isso tem sido bastante possível, não tem sido um problema em relação à escola e nada disso, mas isso é a escolha que eu tenho feito, inclusive levar ele ao set de filmagem pra que ele veja o que é o meu trabalho, ter entendimento e compreensão de onde eu estou e do que eu estou fazendo quando eu estou fora. (REZENDE, 2022, entrevista).

Em certa oportunidade, a diretora deu uma declaração de que o filho nunca havia cobrado ela no sentido de que ela ficasse em casa ao invés de trabalhar. Ela reconhece que tem momentos em que ele demanda mais ou que queria ficar perto, mas ela acha que ela sai pra trabalhar tão feliz e retorna tão realizada, e ele também desfruta do dia dele, de maneiras muito prazerosas, que o reencontro é sempre uma celebração.

Vejo que é um momento em que os dois comemoram, que bom que a gente tá junto agora. Explico pra ele o que é o meu trabalho, o que é o cinema, ele tem curiosidade de entender, eu compartilho com ele as funções, o que é um fotógrafo, uma figurinista, o que que eu faço como diretora, de uma maneira simplificada; é muito bom partilhar, explicar pra ele que isso me realiza, que me faz feliz, que é um trabalho que eu tenho prazer, que os filmes que ele assiste infantis são feitos por pessoas como eu e acho que isso gera na cabeça dele uma dimensão de que tá tudo bem eu sair pra trabalhar. Sem querer romantizar muito isso também, é óbvio que tem momentos que eu própria fico angustiada de estar longe, insegura de se ele vai estar bem, com muita saudade porque fico nessa rotina de sobrecarga, mas de um modo geral, eu não gosto da vida como sacrifício, eu não dou nenhum valor pro sacrifício, não vejo nenhuma graça, temos que viver as coisas com prazer; às vezes a gente vai desequilibrar uma ponta e se dedicar mais à outra, mas acho que o sacrifício não leva a gente a lugar nenhum. (REZENDE, 2022, entrevista).

O ex-marido de Julia Rezende é ator e diretor e também trabalha no audiovisual; a diretora, portanto, não conta com a presença do pai constantemente. Apesar de ter uma troca boa com ele e de se ajudarem, ela sente muita necessidade de ter as coisas sob controle sem depender dele.



Então, é isso, eu diria que ter uma funcionária com quem eu posso contar, em quem eu confio, é fundamental. Todos os meus filmes desde que o João nasceu levam nos créditos de agradecimento da direção à *babá do João*; ela é fundamental para que eu possa trabalhar. Inclusive, tem um livro da Shonda Rymes, roteirista americana muito bem sucedida, chamado *O ano em que eu disse sim*, que ela dedica um capítulo à babá das filhas dela; acho muito maravilhoso, é um trabalho que está dando respaldo para o que a gente consegue ser, do que a gente faz, que a gente não faria se a gente não tivesse essa pessoa; valorizo demais a Mari, a babá do João, tenho certeza que a presença dela me possibilita ter a carreira que eu tenho hoje, ter liberdade de escolha. (REZENDE, 2022, entrevista).

A diretora sinaliza que ocupa um lugar de bastante privilégio na linha de produção, e que o que observa no meio são experiências muito diversas entre as mulheres.

Nem todas as mulheres têm essa rede, seja de família ou da possibilidade de ter uma funcionária. Vejo coisas muito diferentes. Algumas mulheres optam por trabalhar menos, fazer trabalhos mais espaçados, então: faz um projeto, ganha um dinheiro e depois passa uns meses em casa com os filhos, faz outro projeto, se capitaliza outra vez, e fica mais um tempo em casa; outras já vi abandonando o audiovisual. É muito tempo fora de casa realmente, e se você não tem a rede de apoio para dar o suporte, praticamente fica inviável. Sinto que há um desgaste emocional. É curioso porque muitas e muitas vezes eu vejo as mulheres no set administrando a vida escolar dos filhos, a casa, pelo telefone, vendo se o filho já fez o dever de casa, organizando as coisas e eu acho que nunca vi um homem no seu ambiente de trabalho administrando a vida doméstica, a rotina dos filhos. Quando eles estão no trabalho, eles conseguem estar 100% concentrados no trabalho e a gente tá sempre se dividindo. Sem dúvida enxergo que tem essa questão de os homens receberem mais também. São muitas horas de trabalho, horários incomuns, 5 horas da manhã, madrugada, feriado, não vejo meus parceiros profissionais homens demandados com a rotina dos filhos, eles simplesmente sabem que alguém vai estar cuidando. Vejo as mulheres muito mais estressadas, desgastadas, administrando tudo de longe. Agora, a gente tá vivendo uma luta para que a jornada de trabalho seja reduzida pra 10 horas ao invés de 12h; acho que vai ser muito difícil, mas se a gente conseguir vai fazer uma diferença enorme na qualidade de vida das mulheres em especial; elas vão pra casa e ainda têm um trabalho doméstico muito grande e exaustivo. É um desafio, minha experiência é de um lugar de muito privilégio, onde o pai do meu filho também tem condições financeiras de ter suporte para o nosso filho. (REZENDE, 2022, entrevista).

A partir da conversa que tive com as duas profissionais da área, que ocupam funções muito valorizadas na cadeia de produção da qual fazem parte, fiz o exercício de pesquisar uma vaga em creche pública numa região de classe alta em São Paulo, ou seja, que tem menor demanda, para ver como funciona na prática para aquelas que não contam com a mesma estrutura de apoio. Não há; fila de espera. Pesquisei então no Rio de Janeiro. Em 2022, segundo reportagem do jornal O Globo, escrita por Felipe Grimberg, a Prefeitura do Rio de Janeiro abriu oito mil novas vagas, mas ainda assim a fila de espera

chega a 21 mil crianças que aguardam vaga em creches públicas. O horário das creches na cidade carioca é das 7h30 às 15h30, sem alterações; não existe contraturno.

A fila por vagas nas creches do Rio

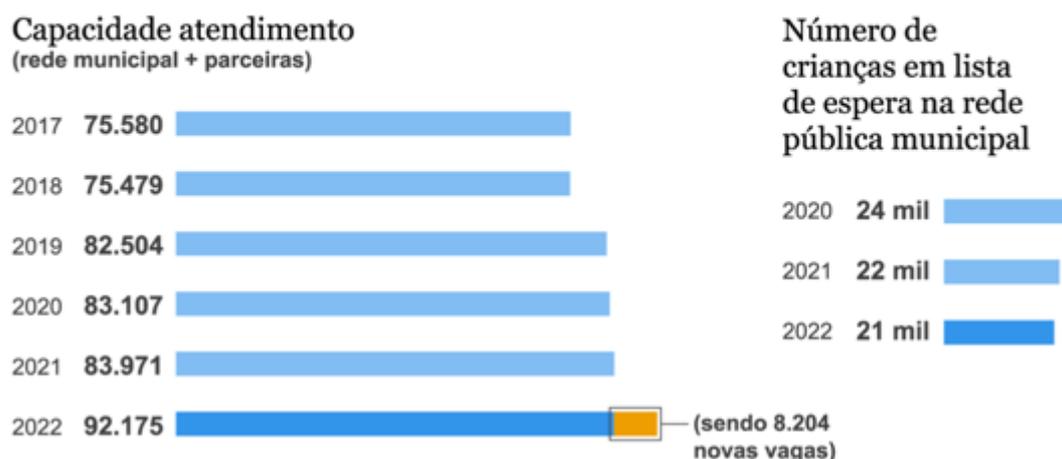


fig. 26 – Infográfico do jornal O Globo sobre a demanda por creche pública na cidade do Rio de Janeiro.

Voltando à minha casa, meu companheiro, que também é funcionário do audiovisual na TV Globo, embora não em um cargo alto como o da produtora executiva que supracitei, não recebe auxílio creche. A empresa só dá o auxílio creche às suas funcionárias mulheres.

(A minha história)

2.3– Iniciativas de artistas mães para a reflexão no cenário das artes

A pintora brasileira Clarice Gonçalves fez a exposição *Matriz* em Brasília, em 2019, no Museu Nacional da República, com 30 obras autorais selecionadas com curadoria de Cinara Barbosa que falam das maternidades. Gonçalves é a artista responsável pela obra intitulada *Uma causa que a determina*, a primeira obra que consta nesse trabalho de pesquisa – figura 2. Em declaração ao Correio Braziliense, ela trouxe um ponto que, lá quando perdi a bolsa de mestrado por um critério de idade, para outra candidata que tinha 2 meses de idade a mais que eu, intuí e não soube fundamentar. Ela diz: “Para mim, ser mãe deveria ser um marcador social, assim como raça, classe e gênero,



porque é um fator de empobrecimento, depressão e exaustão e acaba sendo uma forma de tirar a mulher do meio social e político”.

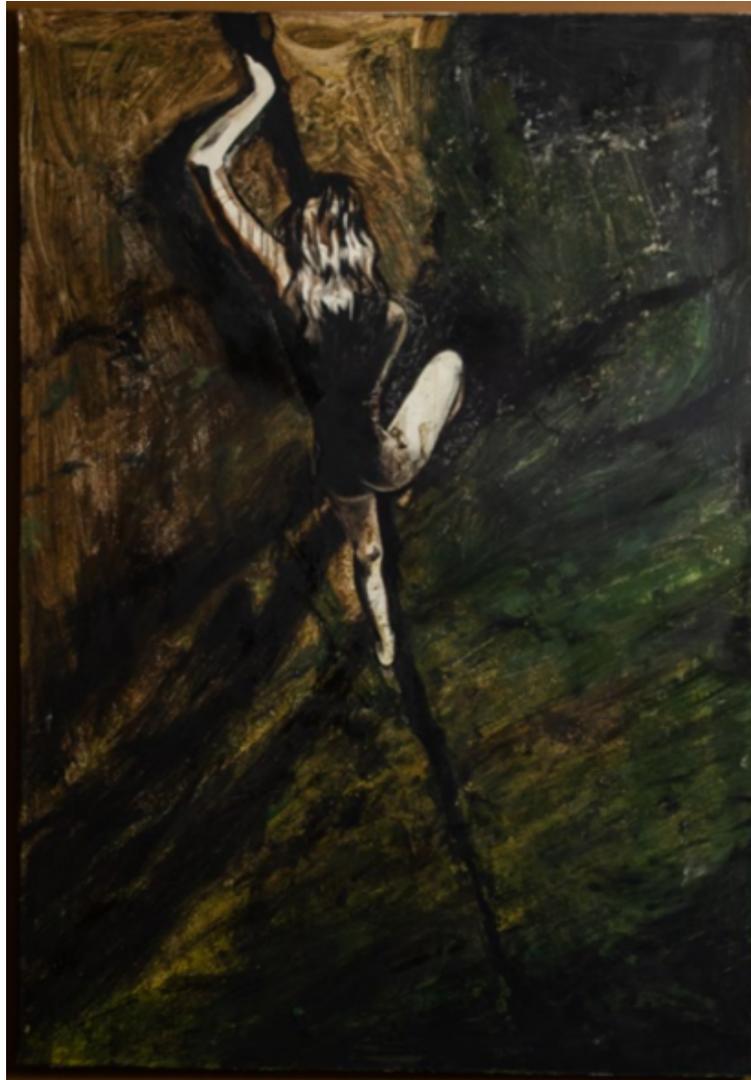


fig. 27 – Clarice Gonçalves, *Com a cautela das Lagartas*, óleo sobre tela, 2016.

Clarice Gonçalves na oportunidade da exposição *Matriz* abriu espaço para uma oficina que contemplou 10 mulheres artistas. A partir do edital do FAC/DF¹⁷, ela promoveu um ateliê coletivo com essas mulheres, preferencialmente mães, “porque essa cobrança da maternidade não afeta só quem é mãe, mas todas as mulheres, pois todas somos socializadas para maternar em algum momento”, em suas palavras. A exposição já estava pronta e pensada quando ela teve acesso ao FAC e quis trazer não só a reflexão

¹⁷ O FAC, Fundo de Apoio à Cultura, criado em 1991 e alterado pela Lei Complementar 267 de 1997, é o principal instrumento de fomento às atividades artísticas e culturais da Secretaria de Cultura do DF que oferece apoio financeiro a fundo perdido e seus projetos são selecionados por Editais públicos.



pictórica e material proporcionada pela sua arte, mas fez algo que gostaria de ter recebido enquanto mãe e artista.

O projeto então contemplou três etapas: a exposição individual de Gonçalves, o ateliê coletivo, e a exposição de 10 obras produzidas durante o ateliê, que ocorreu simultaneamente à da artista. Elas conseguiram o espaço anexo do museu e criaram uma brinquedoteca improvisada com algumas cuidadoras, para cuidarem das crianças enquanto as mães trabalhavam no ateliê.

Essa pra mim era uma grande questão pois para conseguir criar durante o puerpério, e depois também, eu precisava saber que meu filho estava bem, que estava sendo bem cuidado, então foi muito legal proporcionar isso. Ainda assim, tinham várias flutuações de presença, pois cada mãe tem uma demanda diferente, vem de um contexto social diferente, e mora numa região diferente de Brasília. Então, a gente teve que adequar esse acompanhamento a essas realidades. Tinham mães com bebês recém-nascidos, outras com crianças maiores, com mais de um, com apoio, sem apoio.¹⁸

¹⁸ Clarice Gonçalves, em entrevista para a plataforma virtual *A Piscina*, que existe sob foco em mulheres artistas e profissionais das artes. Criada em 2015, *A Piscina* foi uma das primeiras plataformas de arte com atuação em meios digitais, consolidando-se nos últimos anos como uma referência virtual de arte feita por mulheres. Atualmente coordenada por Paula Plee, a plataforma foi criada em conjunto com Ana Luiza Fortes e Nataly Callai. Atualmente, a plataforma busca consolidar redes com galerias, coletivos, plataformas e profissionais do meio artístico estabelecendo pontes e iniciando novos diálogos. Nesse sentido, visa — daqui para frente — acolher e abrir seu espaço para artistas de demais identidades e dissidências de gênero, pois acredita que é urgente a criação de espaços de equidade e inclusão. Dentre as principais atividades desenvolvidas pela plataforma estão: pesquisa e criação de conteúdo sobre mulheres artistas, produção e curadoria de exposições; publicações e projetos editoriais; mediação entre artistas e oportunidades e fomento e produção de eventos culturais. <https://www.piscina-art.com>



fig. 28 – Adriane Oliveira, *Mártir*, acrílico sobre papel, e *Projeção astral*; acrílico sobre tela, 2019.

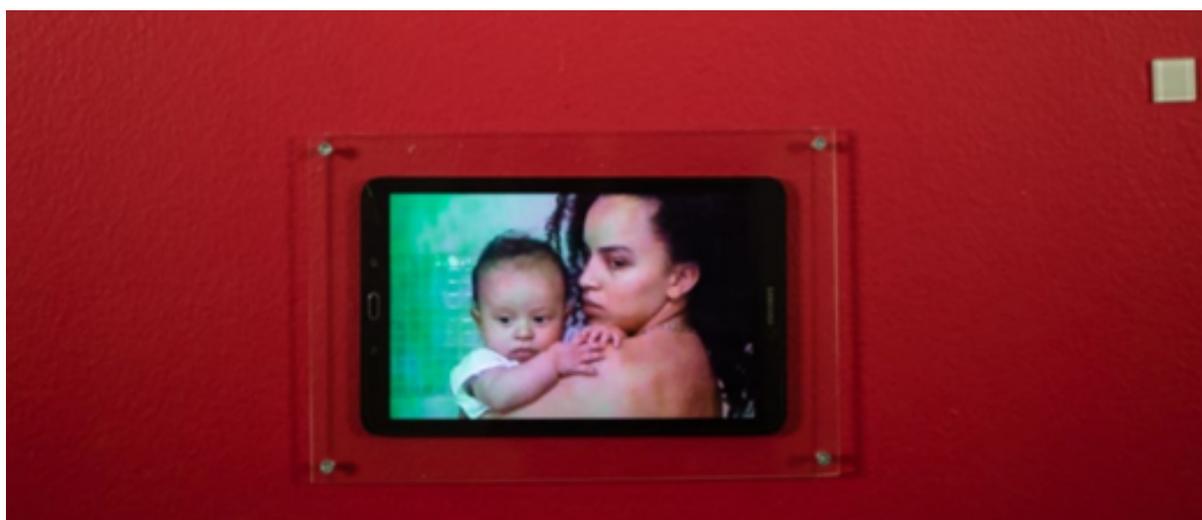


fig. 29 – Aila Beatriz, *Mulher melancia*, vídeo instalação, 2019.



fig. 30 – Angelica Nunes, Sob o véu delas; instalação, 2019.



fig. 31 – Barbara Moreira, *Migração*, instalação de parede com modelagem em argila crua, 2019.



fig. 32 – Carolina de Souza, *Ciclo Peregrino*, instalação de parede, 2019.



fig. 33 – Camila Melo, *Você vê e não me encontra (mamãe tô orfã)* e *Desmistificando coração de mãe*, bordado em feltro, 2019.



fig. 34 – Debora Mazloum, *Novos horizontes*, instalação de chão, 2019.

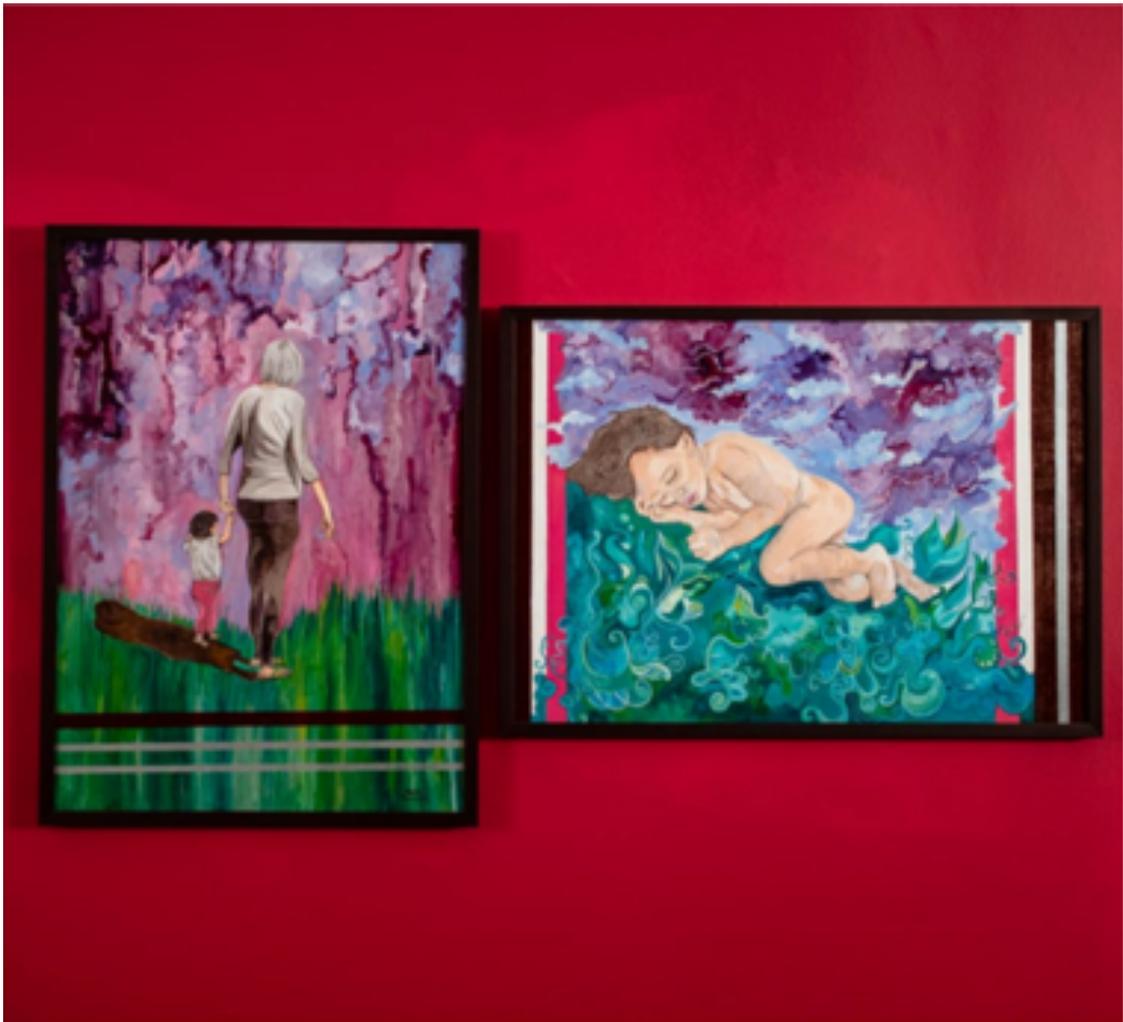


fig. 35 – Marta Mencarini, *Âncoras também projetam sombras* e *Enquanto ela dorme eu posso...*, acrílico sobre tela, 2019.



fig. 37 – Tatiana Reis, Reentrância, gesso, 2019.

Em 2017, a artista cênica e plástica mineira Luciana Brandão estava grávida de Teresa, sua primeira filha. Ela se uniu a Bruna Toledo, artista produtora, gestora, circense, mãe e cultivadora de sonhos ativos, também mineira, que à época estava no puerpério de sua primeira filha, com 3 meses, e juntas montaram a cena Post It, que inscreveram no Festival de Cenas Curtas do Galpão Cine Horto¹⁹, em Belo Horizonte. Com autoria de Brandão e direção de Thálita Motta, a convite, a construção partia de perguntas

¹⁹ O Festival Cenas Curtas, realizado desde 2000, tem como objetivo estimular a criatividade, reunir artistas, revelar novos talentos e proporcionar ao público uma diversidade de linguagens teatrais. A seleção das cenas é feita por integrantes do Grupo Galpão, Galpão Cine Horto e especialistas convidados, que adotam como critério principal o trabalho de pesquisa e investigação teatral presente nas propostas. Para cada cena selecionada, que deve ter duração máxima de 15 minutos, é concedido um auxílio-montagem. O Festival tem duração de quatro dias, durante os quais o público presente elege as melhores cenas de cada noite. Estas, somadas a uma quinta cena eleita por uma comissão de artistas, cumprem curta temporada de reapresentações no Galpão Cine Horto, dentro da Temporada das Mais Votadas. Atualmente, o Festival Cenas Curtas é considerado um polo eficiente de estímulo criativo para artistas de Belo Horizonte e de outros Estados do país.



inconvenientes feitas a mulheres grávidas; com post its colados no corpo, uma mulher (Luciana Brandão) respondia, como se estivesse em num programa de auditório, a essas perguntas de forma performática, reforçando o caráter inconveniente das abordagens.



fig. 38 – Em cena Bruna Toledo, sua filha, Lis, e Luciana Brandão, *Post it*, 18º Festival de Cenas Curtas Galpão Cine Horto; Fotografia: Guto Muniz, 2017.



fig. 39 – Em cena Bruna Toledo, sua filha, Lis, e Luciana Brandão, *Post it*, 18º Festival de Cenas Curtas Galpão Cine Horto; Fotografia: Guto Muniz, 2017.



fig. 40 – Em cena Bruna Toledo, sua filha, Lis, e Luciana Brandão, *Post it*, 18º Festival de Cenas Curtas Galpão Cine Horto; Fotografia: Guto Muniz, 2017.



Cada post it colado em sua barriga trazia uma pergunta e era arrancado após a resposta ser dada. Ao fim, com a barriga desnuda, após o jogo cênico que envolvia os espectadores, o áudio da carta abaixo, escrita por Brandão, concluía o trabalho.

bebê meu,

é a primeira vez que te escrevo, gostaria que você me conhecesse e me amasse porque não vejo a hora de te ter nos meus braços. Ansiosa e com medo. É tão fácil ser uma mãe ruim. É fácil ser egoísta, é fácil perder a própria individualidade e eu até agora acredito sinceramente que se eu perder a minha individualidade, eu não vou ser uma boa mãe. Por isso eu gostaria que você me conhecesse, soubesse quem eu sou e o que já fiz antes de você para explicar: a aventura não acabou porque ser mãe não significa se reduzir. Aqui fora há muita gente que crê que ser mãe é desistir dos próprios sonhos, mas eu me recuso. Já me criticaram muito por não estar feliz. Por não sorrir, por não estar curtindo essa gravidez que é o momento mais bonito da vida de uma mulher. É? Me acusam como se isso tivesse alguma coisa a ver com não te querer, como se eu não quisesse sentir você no meu peito. Como se não aceitasse e desejasse todo o aprendizado que você provavelmente vai me dar (sem pressão). A gravidez me é hostil porque ela me revelou entre enjoos, pesadelo e choro... o pior de mim... e que se eu não lutar, se eu piscar, os que mais nos amam vão tirar de mim tudo o que eu sou para ser só mãe. A verdade parece que é a seguinte: tudo o que eu fiz, estudei, realizei, viajei e trabalhei até aqui foi distração, foi "aham pra não render" para aquilo que a sociedade realmente quer de toda mulher: servir de mãe. Coroada com a frase: mãe é forte, é super mulher, se adapta. Não porque de fato somos super mulheres, porque aqui dentro eu faço uma pessoa inteira. Mas porque aí eu vou poder ganhar 2% do cache que o super-homem ganha, mesmo filmando grávida o maior filme de heróis da história recente... Porque assim posso ir para o vale das mães. Mulheres que servem para servir. Fazer a Matrix rodar...Ser mãe é desdobrar fibra por fibra o coração dos filhos. E por toda a nobreza que há nisso, nós merecemos mais.

Sinto urgência em ser sincera com você. Estamos imersos em uma energia horrível, onde se importam se vou te abortar, mas não se importam se vão te violar, se importam se sua mãe vai ser incrível, mas vão fazer de tudo para que você não seja, pois estão controlando as escolas que você vai frequentar, o pensamento... estão condenando sua mãe por fumar maconha, mas transportam cocaína em helicópteros. Para a minha consciência é urgente que você saiba que trazer você pro mundo é um ato de loucura. Porque estou te convidando a conhecer um mundo onde nascer com ppk é nascer com uma bomba relógio no corpo, onde nascer com um piupiu te torna um falso super homem, onde seus amigos pretos provavelmente não chegarão à vida adulta com você. E você obviamente está se perguntando: por que raios me estão trazendo pra cá?! E eu nunca saberei sinceramente te responder. Talvez por covardia, talvez porque dentro de mim sempre cresceu algo incontrolável, como vc. Una fuerza estranha, como a música do Caetano, que me faz querer que sua vida floresça, apesar do desastre anunciado.

Veja, escrever para você aqui, sabendo que um dia você vai ler, porque é esse o meu propósito, exige uma franqueza mesmo sabendo que há consequências. Mesmo sabendo que cairei em contradição e meus atos podem virar contra mim. Bem... sobre isso, apenas digo: sou humana.

O fiz ou a fiz para que sejamos testemunhas um do outro. Para que meu papel de mãe se torne, também, em um ato político, pois seres políticos é o que somos, e artista que sua mãe é, só sei criar assim. Que eu me vá sabendo que



tentei deixar para o mundo alguém melhor que eu. Sim, por favor seja menos covarde e domesticadx que eu, lute pelo seu e seu coletivo. Sabe...eu realmente espero que você encontre algo honesto, profundo, instigante e urgente que te tire o sono. Algo que valha a pena lutar e convencer os outros que estão a sua volta.

Me surpreenda nas minhas falhas, e me ensine sempre, como já faz só por estar na minha barriga. Desculpa esse mundo que está aí. Não queria que fosse tão fascista, machista, normativo, capitalista e individualista. E perdoe o fardo, mas nós, mães, contamos com vocês que estão por vir. Te amo, Luciana Brandão. (BRANDÃO, 2017, carta).

A cena foi votada a melhor da noite e as artistas viajaram à Mariana - MG, para reapresenta-la, como prêmio proporcionado pelo festival. Durante a viagem, Brandão compartilhou com Toledo o seu desejo por viver residências artísticas, que estava sendo nutrido pela proposta da artista conceitual e educadora britânica-americana Lenka Clayton. Clayton, que é mãe de duas crianças, criou uma plataforma para dar mentoria gratuita para mulheres artistas de todo mundo que são mães, chamada *Artist Residency in Motherhood* (Residência Artística na Maternidade – tradução nossa), ato fundado na partilha de sua própria experiência. Ela explica, em tradução nossa:

Antes de ter filhos, trabalhei como artista interdisciplinar por 15 anos. Estive presente em residências artísticas com frequência e me inspirava no desconhecimento de cada novo ambiente, o que usava como material para fazer meu trabalho. Quando me tornei mãe, viajar tornou-se complicado, dinheiro e tempo eram escassos, e as residências que encontrei não podiam acomodar artistas com famílias. Eu me perguntava como eu poderia aplicar a estrutura de uma residência artística ao novo mundo selvagem que estava se desenrolando na minha casa, mundo que eu geralmente me sentia cansado demais para perceber.

Imaginei como seria a residência perfeita neste momento da minha vida. Teria tempo e espaço para trabalhar, colegas, mentores, responsabilidade e exposição e não exigiria viagens. Mais importante, isso me daria um ponto de vista novo e objetivo sobre essa experiência mais subjetiva. Em 2012, quando meu primeiro filho tinha um ano e meio, fundei então a *Artist Residency in Motherhood* e fui eu mesma residente por três anos.

A estrutura da minha residência era simples. Tinha um manifesto, cartões de visita, um tema para explorar (maternidade), um site para compartilhar meu trabalho, mentores, melhorias no meu estudo, materiais e três manhãs por semana de creche para meu filho.

É importante notar que tudo isso parece muito mais claro em retrospectiva do que na época, enquanto eu tentava descobrir o que estava fazendo e porque estava fazendo isso enquanto um bebê gritava no meu ouvido, mas aqui está a sequência principal de eventos:

1 – Eu escrevi um manifesto:

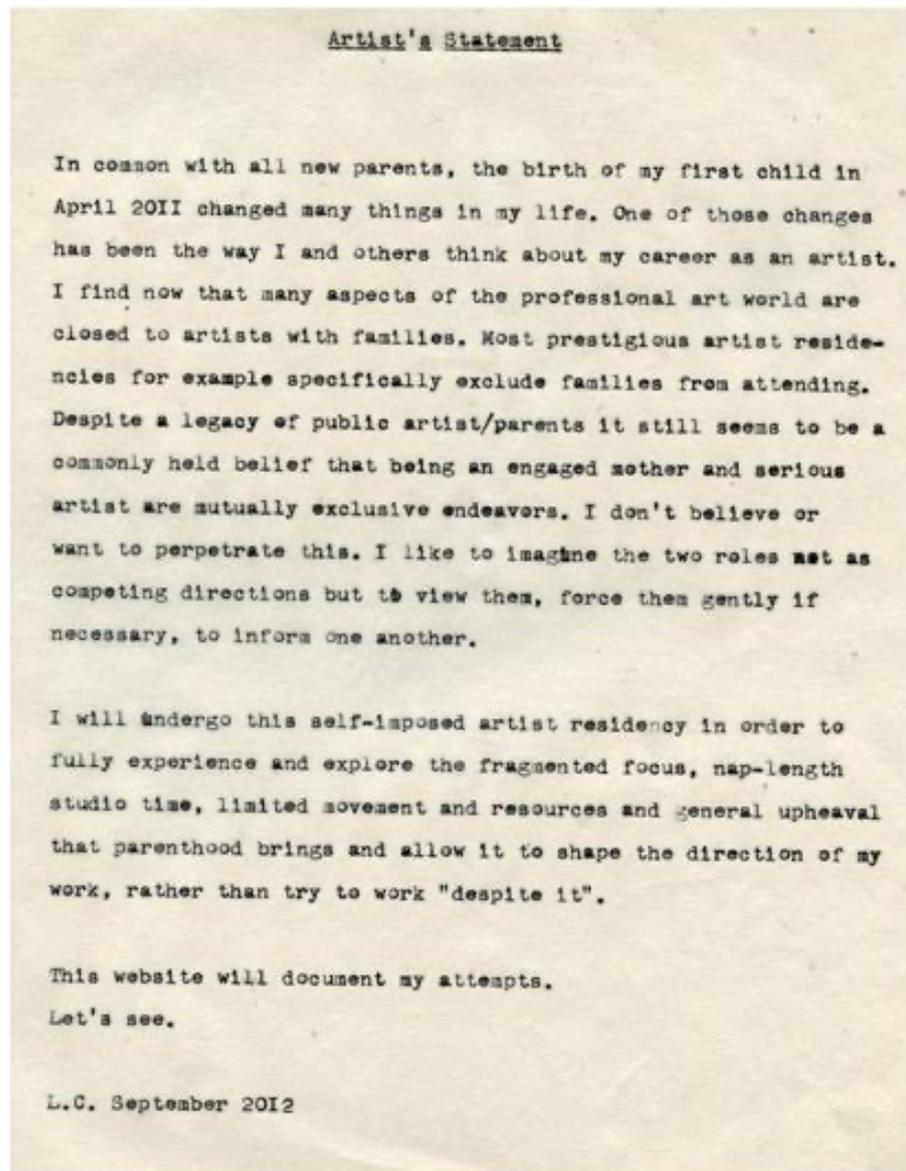


fig. 41 – Lenka Clayton, *Declaração da Artista*, 2012.

Declaração da Artista

Assim como com todos os novos responsáveis, o nascimento do meu primeiro filho, em abril de 2011, mudou muitas coisas na minha vida. Uma dessas mudanças foi a maneira como eu e outros pensamos sobre a minha artística. Acho agora que muitos aspectos do mundo da arte profissional estão fechados para artistas com famílias. A maioria das residências artísticas de prestígio, por exemplo, exclui especificamente as famílias de participar. Apesar de haver legados de artistas que têm filhos conhecidos pelo público, ainda parece existir uma crença comum de que ser uma mãe engajada e uma artista séria são empreendimentos mutuamente excludentes. Eu não acredito ou não quero perpetrar isso. Gosto de imaginar os dois papéis atuando em direções opostas, embora seja necessário forçá-los gentilmente a revelarem um ao outro.



Vou passar por esta residência artística auto-imposta para experimentar e explorar plenamente o foco fragmentado, o tempo de estúdio a partir da duração da soneca, os movimentos e recursos limitados e a reviravolta geral que a parentalidade traz. Quero permitir que ela molde a direção do meu trabalho, em vez de tentar trabalhar "apesar disso".

Este site documentará minhas tentativas,

Vamos ver,

L.C setembro de 2012 (Tradução Nossa)

2 – Fiz uma lista de tudo que minha pesquisa precisaria para ser perfeita:

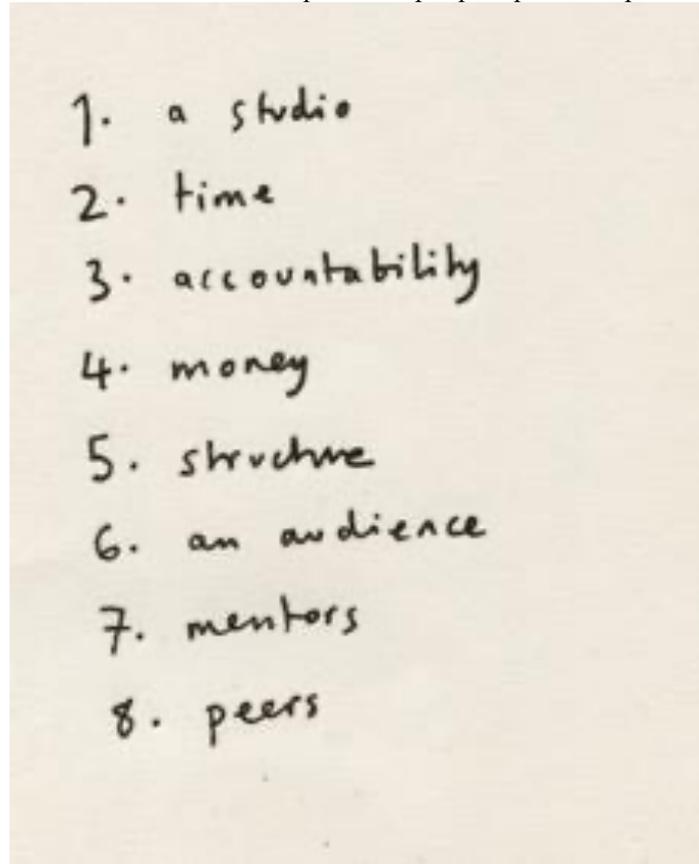


fig. 42 – Lenka Clayton, *Fiz uma lista de tudo que minha pesquisa precisaria para ser perfeita*, 1. Estúdio, 2. Tempo, 3. Responsabilidade, 4. Dinheiro, 5. Estrutura, 6. Público, 7. Mentoria e 8. Pares, (Tradução Nossa), 2012.

3 – Me candidatei e tive a sorte de receber subsídio para desenvolvimento criativo concedido pela Pittsburgh Foundation/Heinz Endowments e pela Sustainable Arts Foundation.

4 – Criei coisas físicas que fizeram com que a residência existisse, para lembrar a mim mesmo, minha família e outros.

6 – Fiz um site personalizado como expressão pública do trabalho e estrutura para o projeto. Incluía um diário do estúdio e um portfólio onde eu carregava os trabalhos à medida que os fazia.



7 – Criei responsabilidade e apoio ao envolver mentores: o artista Jon Rubin, a acadêmica e artista Natalie Loveless, o curador Dan Byers e minha mãe Jane Clayton.

8 – Comecei a acordar mais cedo e providenciei três horas de creche, três vezes por semana para meu filho. Então comecei a trabalhar.

Como Artista-residente-em-maternidade, o mais importante para mim foi entender que eu não estava fazendo um trabalho sobre a maternidade, mas fora dela. A residência era simplesmente uma estrutura em torno de coisas que estavam acontecendo de qualquer maneira.

Eu mantive um diário de estúdio onde descrevi coisas que não eram apenas maternidade e ainda não arte, por exemplo, meu filho mordiscando um biscoito de água e sal na letra “P” ou os objetos que tirei em pânico frenético de sua boca. Esse processo me ajudou a identificar os obstáculos que eu estava enfrentando e, ao nomeá-los, eles se tornaram materiais para trabalhar. Muitos projetos surgiram de curiosidades passageiras expressas nessas notas.

Trabalhei todos os momentos que pude e postei o trabalho que fiz no site. Ao longo de dois anos de residência, fiz trinta e dois trabalhos, desde uma proposta para obstruir um museu de arte à prova de crianças até um vídeo que tentava medir a distância exata que eu poderia estar do meu filho antes de ser obrigada a correr atrás dele.

(Lenka Clayton) (tradução nossa)
(CLAYTON, 2013, online)



Mother of 3½ Year Old Twins. Full-Time Nurse Practitioner

Saturday the 2nd of February 2013, Pittsburgh PA

3am - 4:20am Bothered by cat.

4:20am Throw cat in the basement.

6:45am D screams "I need to pee". Stumble to bedroom, pull her out of crib, put her on potty.

6:50am Put R onto potty, pile into bed, children arguing over who has more room. Try to snuggle with J.

7:00am Obsess over sore on vulva. Look at it using wonder woman mirror.

7:30am J leaves for work. Make oatmeal with raisins. Listen to program with Susun Weed. Read paper.

7:45am Drink tea and coffee. Poop. Pull dry laundry out of drier. Don't fold.

8:00am Remove raisins from D's oatmeal.

8:30am - 9am D & R argue overshell bracelet. Give R gold chain necklace. D twists chain over R's finger. Tell D she isn't ~~me~~ part of the family. Feel guilty for saying that.

9:15am Drive to Pitt University. Answer many questions in the car.

9:30am Park car far away. Run in cold with kids. Feel like a bad mom because they have no gloves or hats.

9:45am Sit in circle with other three and four year olds. Hug girls. Reassure them. Watch D being naughty. Leave the girls in their gym class.

10am My gym class, today is step aerobics. Step up and down on a piece of plastic piled on top of two other pieces of plastic to loud popular music. Feel awkward in my clothes. Feel like an amazing dancer. Sweat. Watch other moms in the mirror.

11am Accidentally see kids during their transition from the gym to the pool. D cries and wants to leave. Tell D she is a mermaid princess.

11:05am Sit on a heater. Watch snow fall.

11:15am Watch kids in pool. See D crying. Obsess over rescuing her. Talk to another mom, a dentist from Egypt. Talk to a friend from work.

12:00 Pick up kids from class.

12:15pm Bundle up. Freeze on the walk back to the car.

12:30pm Drive Home.

12:45pm Bring pile of dishes from car into the house. Look at pile of dishes. Put D on potty. Make lunch. Worry if tomato is moldy. Put a load of laundry into the washer. Wipe up coffee from the floor. Recycle and compost stuff. R upset that D rips her paper card for bunny. Search for sippy cup. D downstairs eating lunch. Help R make a new card using sticks-
-rs.



1:15pm R & D at the kitchen table eating lunch. Fold clothes. Put away clothes. Let cat out. Answer many questions.

1:30pm Read an article in the New York Times. Let the cat in. Let the other cat out. Put laundry into the drier. Will not allow R to eat Cheerios. Give her D's noodles. Eat D's other leftovers. Read anew article about Cambodian king's funeral. Let cat in.

Change calendar from January 21st to February 2nd.

1:45pm Give R Cheerios and raisins because she ate black beans. D plays in dollhouse. Do the dishes. Give D Cheerios and raisins. Corral the children upstairs. Read the Tale of Flopsy Bunny and Jack and the Magic Baked Bean Stalk. Put girls into cribs. Talk about our day so far.

2:00pm Shower. Lay in bed after shower. D is yelling Mommy.

2:30pm D spills bubbles into her bed. Protests nap. Rock D. Tell her I had to close my eyes.

2:45pm Close eyes. Dream about a fox rolling in the grass and a raspberry patch growing in the back yard. J, home from work, crawls into bed. Rest while holding hands.

4:15pm D wakes up, pee on potty. Blows bubbles while naked in bed.

4:30pm R wakes up. Sits on potty. Does not pee. Blows bubbles.

4:45pm Get dressed. Get R & D's overnight bag packed. Go through laundry. Boil water. Make a cup of tea. Wander through house looking for R's bunny. Argue with J about unpacking, putting up doors, painting, scratching. Annoyed at each other.

5:45pm Put on boots and coats. Drive to Nana and Papa's house. D's monkey is left at home. D cries over her monkey.

6:00 At parents house. R screams "What's that smell?" and holds her nose. J says we shouldn't say things like that. My father shows me two rotten, moldy lemons.

6:15pm Drive to the North Side. Nervous about driving in snow even though I am not the one driving. Try not to yelp at girlfriend while she drives.

6:30pm Wander the Andy Warhol Museum. Kiss girlfriend in the balloon room. Get a piece of candy from a pile. See friends and two parents from school. Trapped by one who describes her cough since November. Enjoy art.

8pm Drive to the strip.

8:15pm Get \$60 from the ATM. Eat Thai food. Talk with J about money, insemination and Thai food.

10:00pm Drive home. Play with cats. Stare at Facebook.

10:45pm Thaw frozen sperm from the sperm bank tank. Make out with girlfriend. Laugh that we are too tired to make out.

11:15pm Find J's cervix. Inseminate J with Iml semen. Make out. Go to sleep.

fig. 43 – Lenka Clayton, *Mother's Days / 1* das 62 páginas de um dia na vida de uma mãe, vivido por mulheres de todo o mundo, 2012 – 2014.

Bruna Toledo, por sua vez, tinha uma experiência por ter sido militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), e havia escrito o seguinte manifesto sobre o tema da maternidade, que compartilhou com a dupla.



Dizem: quando o feminismo avança, o machismo retrocede. Jamais discordaremos disso.

Porém, preferimos seguir nas fileiras de quem pisa o cotidiano e sustentar ombro a ombro um canto positivo construtor: quando uma mulher avança, nenhum homem retrocede. Quando as mulheres avançam, o mundo entra em estado de mudança.

Dentro desse cenário político-social-caótico trevoso e opressor; Dentro desse mundo que mesmo sendo ancião ainda nos reserva surpresas e sustos; Diante da primordial tarefa que é sobreviver e defender os nossos; Reconhecendo a enorme necessidade de estudar a fundo todas as novas expressões de gênero e sexualidades, destrinchando como as opressões recaem em cada forma de ser, sentindo na pele rasa que o tempo é de agir, sentimos e acreditamos mais do que nunca(!) que a arte é um caminho incontestável de prática de liberdade, de contestação, de expressão individual e coletiva, é a gasolina para se perceber enquanto ser responsável na construção do que virá, é afago na alma pra poder caminhar com beleza nos olhos.

A arte. Senhora arte. Aquela construída, produzida, feita, concebida por humanos em toda sua vastidão existencial. Aquela que brota num tropeço na calçada, num suspiro de manhã, numa conversa entre irmãos, numa noite entre amigos, aquela lapidada em anos de estudo, de investimento, de calo nos dedos, nos pés, aquela revelada na troca com o público, com o amigo que te incentiva, com o diretor, os técnicos, aquela senhora arte que te exige escuta aberta e olhos atentos a qualquer suspiro.

É ali, no de repente e também no esmeril que surge, depois entre suor se consolida, em seguida na aventura do risco irradia ao mundo o anúncio da sua prontez efêmera.

Essa é a arte que queremos produzir. Essa é a arte que queremos assistir. Que queremos compartilhar e respirar.

A vida de um artista é acompanhada de exigências perenes: presença, fé, suor, perseverança, dedicação, coragem, tempo tempo tempo tempo.

Para se fazer arte é necessário a memória levitada e o corpo presente. É necessário a dedicação temporal enquanto estado de exercício para além de formalidades trabalhistas.

É nesse ensejo pulsante que nasce o Movimento Arte na Maternidade.

Diante do custoso entendimento de que a maternidade continua sendo um portal de opressão inviolável. Onde as mães abdicam de tudo para aninhar suas sementes. Onde o tempo não é mais nosso e sim de nossas crias. Onde o apoio continua vestigial. Onde o cansaço e as tarefas sistemáticas nos tiram o direito de só ser.

Nesse turbilhão de nascimento de filhos e novas mulheres nos percebemos sobrecarregadas e impossibilitadas de laborar arte, de desfrutar arte, de celebrar arte.

E com o coração repleto de cores e esperanças que colhemos em cada segundo do materno queremos aqui dizer que não vamos viver apesar dos nossos filhos, queremos viver atravessados por eles, coletando a sabedoria ancestral da lida com um ser em construção e da necessidade pulsante de olharmos para dentro de nós mesmas e diagnosticarmos a potencialidade como mães de mãos dadas em movimento.

E assim, teremos um arsenal fortalecido para olharmos em volta e questionar essa estrutura patriarcal: a falta de equipamentos públicos que dariam suporte para mães e crianças, a falta de políticas culturais que visam a reinserção de mães na cena da cidade através de fomentação, formação, reestabelecimento de redes de trabalho. A hegemônica padronização estética curatorial que não suporta mulheres, Negres e LGBTQI++ e mais uma infinidade de coisas.

A partir do questionamento se faz a nascitura de um embrião de mudança que germinara, depois de longo e custoso processo, o mundo onde a diversidade poderá ser contemplada em toda sua expressão e onde mães não terão mais que



escolher entre sua vida profissional e seus filhos, ou entre os dois e sua saúde mental.

Porém, antes de encher a boca com palavras futuras convidamos todes a encher o presente com ações efetivas.

Não podemos, na nossa microesfera, curar as dores do mundo, mas podemos diluí-la. E auxiliar as mães ao nosso redor a ter o mínimo de condições de ir em busca dos seus desejos e vontades. **Por isso, questionar nossa mente sobre as ações cotidianas que podemos fazer, sobre as ações cotidianas que teremos que nos esforçar para fazer é talvez a nossa tarefa mais suprema.**

Reentender a criação das crianças enquanto um processo para além dos laços genéticos. Construir novos espaços que acolham crianças. Incentivar a vida artística das mulheres. Propiciar condições para que mães consigam vivenciar a arte. É por esse caminho que convidamos todes a seguirmos de mãos dadas. Depois que um corpo abriga outro corpo, nenhum coração se contenta com pouco – Alice Ruiz. (TOLEDO, 2017, manifesto Movimento Arte na Maternidade).

A partir desses desejos e materiais, elas desenvolveram tópicos de partida, à luz da estrutura de Clayton e da consciência política, para desenvolver projetos artísticos que os contemplassem:

1. Inserção da artista que é mãe no mercado de trabalho, sob ponto de vista da própria circunstância individual de cada artista – que envolve recortes sociais, estrutura familiar, entre outros fatores – e, também, da acolhida dos projetos pelo público;
2. Contexto para trabalhar de forma mais gentil, considerando a soma de jornadas – diferente das estruturas ordinárias de trabalho;
3. Maneiras de fazer os projetos acontecerem;

O primeiro projeto que levantaram foi a Festa MAM – Movimento Arte na Maternidade, que se tornou o nome do coletivo posteriormente –, realizada na casa de Brandão. No palco, a cantora Mariana Cavanellas, grávida à época, foi a atração musical. Mães não pagavam para entrar. Para o restante do público, havia a possibilidade de meia-entrada, sob compromisso de que quem fizesse opção por essa forma de pagamento, ajudasse a cuidar e entreter as crianças no ambiente. A comida e bebida eram liberadas para as crianças, mas pagas pelos adultos que as consumissem. Um dormitório foi disponibilizado para acolher as crianças que dormissem.

Durante a pandemia, como outro fruto do MAM, contemplado pela Lei Aldir Blanc, aconteceu a Mostra Arte na Maternidade, um festival online que abarcou a exibição de três espetáculos teatrais que envolviam artistas que eram mães, outros dois aos quais foi estendido suporte para filmagem, um experimento audiovisual com música

e artes visuais e filmagem e divulgação do vídeo manifesto²⁰, de Bruna Toledo. Mais à frente, ainda sob período pandêmico, o coletivo foi selecionado para o Fundo Municipal de Suporte para a Residência – BH.

Com curadoria de Fabiana Lasan, Luciana Brandão e Teresa, Iaci Carneiro e Cora e Lorena Barros e Flora – essa última dupla, convidada – realizaram a residência artística que resultou na exposição Arte na Maternidade – Residência Artística MAM – 2021. Elas partiram das inquietações iniciadas com suas gravidezes sobre o exercício da maternidade e buscaram trazer ao debate artístico aspectos que permeiam a realidade de mulheres artistas que vivenciam a primeira infância de seus/suas filhos/as, com foco em pontos como: infraestrutura para o processo criativo e os cuidados necessários à primeira infância dos filhos, novos ritmos criativos, alteração dos prazos de criação e impactos no mercado de trabalho.

As artistas mães e suas respectivas artistas filhas produziram 45 obras; a primeira exibição dos trabalhos se deu online em fevereiro de 2022 e, de maio a julho de 2022, o projeto ocupou as galerias do Memorial Vale, em Belo Horizonte, Minas Gerais, de onde as artistas são naturais.



fig. 44 – Capa do catálogo da exposição *Arte na Maternidade*, 2021.

²⁰ Disponível em: <https://youtu.be/Tdn-aOi0wmM>



fig. 45 – Iaci, *Eu no lugar que mais fico na casa*, lápis de cor sobre papel Canson, 2021.

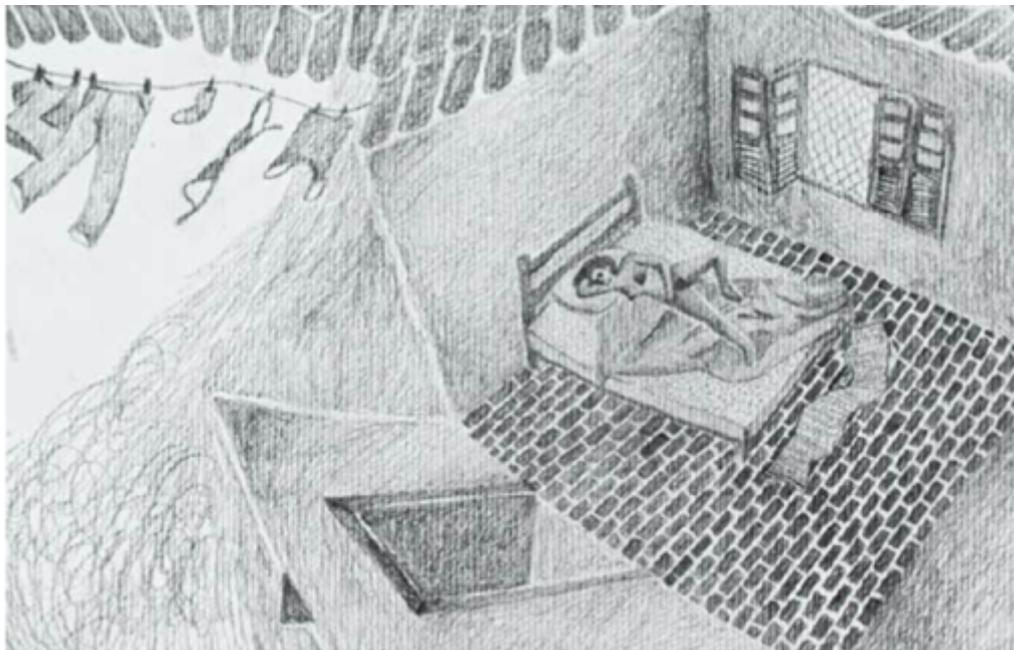


fig. 46 – Iaci, *Eu no lugar que menos fico na casa*; grafitti sobre papel Canson, 2021.



fig. 47 – Iaci, *Série na cozinha*, em sentido horário: *Sobre a mesa*, tinta acrílica sobre pratos de alumínio esmaltado, *Colher de prova*, tinta acrílica sobre colher de pau, *Tábua de corte*, tinta acrílica sobre tábua de madeira, 2021.



fig. 48 – Cora, *pé de amora*, guache sobre tela, 2021.



fig. 49 – Cora e Iaci, *retrato de nós duas*, guache, acrílica e giz pastel oleoso sobre papel panamá cinza, 2021.



fig. 50 – Lorena Barros, *explosão*, tinta acrílica, spray e giz pastel oleoso sobre papel 300g, 2021.



fig. 51 – Lorena Barros, *tudo no meu nome*, tinta acrílica, spray e giz pastel oleoso sobre papel 300 g, 2021.

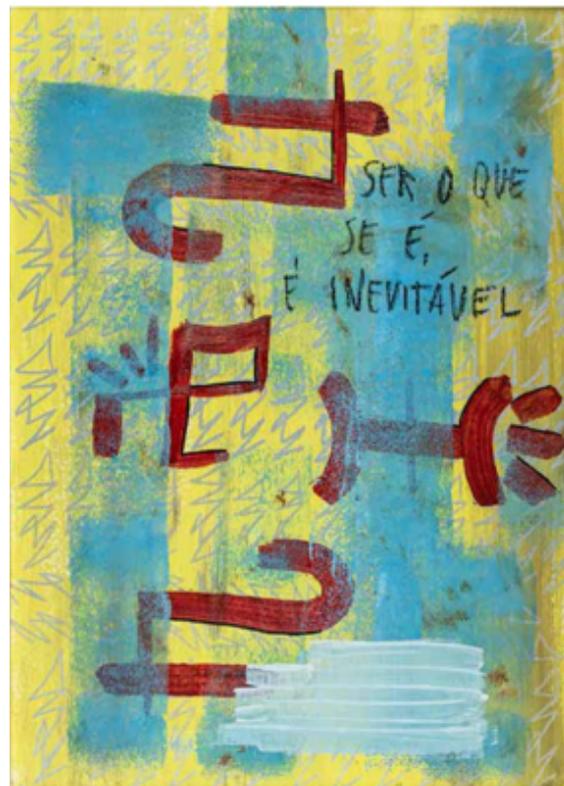


fig. 52 – Lorena Barros, *apesar dos pesares*, giz pastel oleoso e caneta posca sobre papel 300 g, 2021.



fig. 53 – Lorena Barros, *retomada*, tinta acrílica, spray e giz pastel oleoso sobre papel 300 g, 2021.



fig. 54 – Flora Gonçalves, *sem título*, tinta guache sobre papel kraft, 2021.



fig. 55 – Flora Gonçalves e Lorena Barros, tinta guache e caneta posca sobre tela, 2021.



fig. 56 – Luciana Brandão, Bisavó Cida com vó Cida no colo, pintura sobre vidro e solvente, 2021.



fig. 57 – Luciana Brandão, Pai Armando e mãe Lili, pintura sobre vidro e solvente, 2021.



fig. 58 – Luciana Brandão, Mãe e eu, pastel seco, pintura sobre vidro e solvente, 2021.



fig. 59 – Luciana Brandão, *Tataravó Andrelina e bebê*, pintura sobre vidro e solvente, 2021.



fig. 60 – Tetê Brandão, *sem título*, pastel oleoso, 2021.



fig. 61 Tete Brandão, *Mamãe criança, tete adulta*, pintura guache, 2021.

Durante a exposição do MAM, o movimento vendeu ao *Memorial Vale* o projeto *MAM Convida*, que promoveu eventos culturais paralelos no local com Sarau e programação infantil, composta por espetáculo circense e discotecagem para as crianças, que ocorreu em dois dias ao longo da exibição.



fig. 62 – O palhaço Potássio do Circo banana Caturra em uma de suas apresentações durante a exposição do MAM no Memorial do Vale, arquivo MAM.

Proponho, a partir dos trabalhos do MAM, o exercício de pensarmos a vida social e cultural da mulher que é mãe. Assim como a cultura não facilita meios específicos para a artista que é mãe produzir, no outro eixo, os eventos culturais também são espaços em grande parte destinados ao adulto. Para aqueles que ocorrem nos fins de semana ou à noite, podemos lançar mão da velha matemática: ir ao cinema, ao teatro, a um festival de música sem a criança demanda a tal da estrutura. Mulheres que são mães solo, casais que não contam com ajuda, fazem como para ocupar esses espaços?

Revezo com meu companheiro; cada oportunidade, um aproveita. A não ser quando minha mãe topa ficar com Antonio, o que não acontece sempre. Mas me pergunto: qual o sentido de sermos um casal que não pode estar junto se *alimentando* da rua?
(Minhas histórias)

A produtora cultural pernambucana Laís Sampaio, empresária da cantora Leticia Letrux, é mãe de Amaralina, de 1 ano e meio, e mantém o perfil *ki.dsgraca* na rede social Instagram. Na minibio sobre o perfil, ela resume o conteúdo produzido na seguinte frase:

kidsgraça
vida materna possível sem arrudeio por @lalasampaio
pernambucana • produtora cultural • mãe do mar de amaralina

A produtora e empresária acompanha a agenda de Letrux e exerce seu trabalho de forma presencial, acompanhada sempre de Amaralina. O companheiro da produtora faz



parte da equipe técnica da cantora e também está no trabalho de forma presencial. Em turnê no Brasil ou fora, Amaralina acompanha os responsáveis no trabalho. Laís Sampaio deu entrevista ao podcast *Donas da P* Toda*, e falou da dinâmica de trabalho com a filha:

Eu só consegui trabalhar com Amaralina presente porque meu marido trabalha comigo, vai junto, e isso dá um apoio; mas só é possível também porque trabalho com uma artista que respeita meu posicionamento e decisão de levá-la, e que desde a gravidez sempre foi muito respeitosa com relação aos processos. A Leticia enxerga uma mãe trabalhando. E, também, porque eu não podia não ir e eu não tinha como deixar Amaralina. Sofri muita ruptura profissional por conta da pandemia, um trabalho inteiro planejado pra 2020. Essa turnê na Europa foi planejada pra 2020. Fomos agora e fui muito bem recebida em todos os lugares por que passei. A minha postura também é de *é minha filha, ela vai entrar comigo*. Minha filha pode entrar no show pra ficar no camarim comigo, eu vou entrar. Minha filha não pode entrar, eu também não vou entrar. Minha dinâmica profissional com ela mudou completamente. Na Europa, as crianças existem, há espaço pra elas. Eu moro em Recife, as políticas públicas, espaços públicos destinados às famílias, são muito limitados.

(SAMPAIO, 2022, online).

Em julho desse ano, Sampaio esteve a trabalho no Rio de Janeiro num Festival de Música e encabeçou um movimento na internet pela autorização da entrada de crianças em eventos como esse. Diante do movimento promovido nas redes, durante o festival Mita, no Rio de Janeiro, realizado no Joquei Clube, em horário vespertino em espaço ao ar livre, uma liminar judicial circulou, inclusive através do perfil de Laís Sampaio, para que mães que quisessem levar seus filhos não fossem impedidas de entrar no evento.

não importa se estamos no nosso país ou cidade-útero, onde nascemos & vivemos, a mãe é sempre uma estrangeira.

a mãe ela desbrava grandes latifúndios & infinitos oceanos. como já falei uma vez, a mãe sempre age no coletivo de suas crias. se o coletivo de peixe é cardume, qual seria o coletivo de mãe?

não sei se existe, só sei que essa palavra & ação é compreendida em todos os idiomas, etnias, culturas, nações & por aí vai.

a mãe é universal.

a criança também.

a criança se comunica mesmo sem se comunicar com a fala propriamente, com qualquer ser racional ou irracional. é no trejeito, no agir, no olhar, nas mãos.

tudo isso é comunicação.

a comunicação de mães & crianças é exercida na base do amor & do afeto. nessas andadas pela europa, eu me comuniquei com várias mães só no olhar,



sorriso & semelhança.

eu vi uma mãe alemã, dentro do avião, ninar seu filho igual como eu nino minha filha; eu ajudei uma mãe provavelmente indiana, ir para a fila do preferencial só nos gestos; uma amiga brasileira, descongelou o feijão da filha para a minha comer; minha filha brincou com crianças portuguesas, da mesma forma que ela brinca com crianças brasileiras; minha filha soltou & ganhou beijos por cada lugar que passou sem nenhuma dificuldade.

é nítido que quando nos tornamos mães, nosso dialeto muda.
o mais interessante é confirmar que aonde formos, seremos sempre compreendidas nesse coletivo.

como deve se chamar o coletivo de mãe?

Laís Sampaio
(SAMPAIO, 2022, online)



fig. 63 – Julia Lindenberg, Filha de amiga é filha também, Eu e Alice, uma das filhas de uma amiga que é divorciada, no show do Gilberto Gil no Mita Festival, em julho de 2022. Entramos com o alvará judicial; Antonio quis ficar na avó. Os ingressos para as crianças custavam o valor da meia-entrada: R\$ 150,00. Fomos todos apenas porque ganhamos os ingressos, arquivo da autora.



fig. 64 – Bruna Alcantara, *Mums also cum (Mães também gozam)*, costura em tecido, Portugal, 2022.

A jornalista e artista plástica Bruna Alcântara engravidou de seu primeiro filho durante o período em que foi fazer mestrado em Portugal. O parto se deu no país europeu e em entrevista ao *Jornal Plural* de Curitiba, de onde Alcântara é natural, ela relatou ter sido *um caos*.



Por vários motivos como xenofobia e machismo, por exemplo, eu sofri uma episiotomia, que é um procedimento cirúrgico que consiste em fazer um corte na região do períneo para o bebê sair. Muitos estudos médicos, desde a década de 70 e 80, já dizem que esse procedimento é uma forma de violência obstétrica. De acordo com a ética médica, a mulher deve ser avisada do procedimento. Não foi o que aconteceu comigo. Eu estava acordada, consciente e só soube do que tinham feito com o meu corpo, quando todos saíram da minha sala de parto e meu bebê já estava nos meus braços; vi uma médica me costurando, jorrava sangue nos óculos de proteção dela e perguntei o que havia acontecido. No meu pós-parto, por meses aquilo doeu muito. (ALCÂNTARA, 2022, entrevista).

As marcas, na sua história e no seu corpo, a fizeram produzir a peça *Mums also Cum (Mães também gozam)* durante residência artística promovida pelo artista Orlando Vieira Francisco, em seu ateliê, que fica próximo à ponte Dom Luís, principal ponto turístico do Porto, cidade portuguesa.

Por dois anos, não tive coragem de ver a cicatriz. Demorei até pegar um espelho e olhar. E foram anos romantizando o meu parto até aceitar que não, aquilo não era normal. Eu sofro até hoje quando falo disso, é uma cicatriz mental, além da física. Foram anos também para entender que eu podia voltar a ser uma mulher normal, livre, feliz e que goza, independente de ser mãe ou não, independente de ter sido rasgada e costurada. A arte vem daí, de me aceitar nesse processo de cura e aceitação, para posteriormente dialogar, em forma de obras, com outras pessoas que passaram pelo mesmo que eu.

Por isso meu projeto é grande, um tecido costurado à mão com 4 metros de altura e aproximadamente 3 de largura. A ironia é saber que trabalho com arte têxtil – costuro porque fui costurada. (ALCÂNTARA, 2022, entrevista).

O manifesto artístico de Bruna Alcântara se estendeu ao Rio de Janeiro, numa ação proposta pela artista no Salão de Artes Degeneradas do Atêlie Sanitário, em maio e junho de 2022, quando ganhou sua versão em português.



fig. 65 – Bruna Alcantara, Mães também gozam, costura em tecido, Rio de Janeiro, 2022.

A artista, que também distribui pelas empenas urbanas lambes de seus manifestos, teve uma de suas outras obras vandalizada menos de 12 horas após a instalação, que ocorreu durante o Festival Internacional LambesGoia, realizado na Vila Cultural Cora Coralina, no Centro de Goiânia.



fig. 66 – Bruna Alcantara, *Série Mãe Pandêmica*, 2021. À esquerda, o lambe na íntegra. À direita, o lambe vandalizado.

A sociedade não está preparada para lidar com a liberdade dos nossos corpos. Como artista e mãe, como uma mulher feminista que luta pelos próprios direitos e pelos direitos das outras mulheres, às vezes, admito que é cansativo ter que dizer frases óbvias, como "mães também gozam", para que o patriarcado entenda: somos mulheres antes de sermos mães. É também cansativo lutar pelo básico direito de decidir sobre esses corpos, que afinal são nossos (principalmente sobre o que nos difere - nossos úteros).

Quando cheguei a Goiânia, há uma semana, me encantei com a quantidade de arte pelas ruas. Em pouco tempo, percebi as panelas artísticas e com tristeza constatei que estava num ambiente extremamente machista. O primeiro susto foi o festival que fez o Beco da Codorna – 180 artistas homens e apenas 4 mulheres - vocês, homens produtores e artistas, se envergonham disso?

Ontem, coleí um trabalho meu no Centro e a resposta para a imagem de uma mãe amamentando seu filho: em menos de 12 horas tiraram apenas o bordado que representava minha vagina: uma vagina incomoda muita gente.

Agora, vamos aos dados que comprovam esse "cala boca" goiano?
- a vereadora @aavasantiago me contou que dos 35 vereadores, apenas 5 são mulheres (aliás, ela, mãe e feminista, me prometeu ajuda para trazer minha arte de volta à cidade - tô esperando).

- os casos de feminicídio aumentaram 23% em Goiás entre 2020 e 2021 - a cada 5 dias, uma mulher é morta em Goiânia.

- em 2020, 70% das violências ocorreram nas residências das vítimas - 73% foram praticadas contra crianças por familiares.

- de 2011 a 2017, 1 MILHÃO de mulheres foram vítimas de violência.

- 2022: 100 mulheres são vítimas de violência doméstica por dia em Goiás.

Dito isso, vamos exaltar as que conheci e que fazem a resistência por aqui: @larissapitman (produtora, gata e talentosa), @lambida.preta (coletivo de frases necessárias), @violetasdanaya (estilista, beleza e força), @aavasantiago(única vereadora feminista).



Partiu curtir e conhecer quem vale a pena. Mulheres: uni-vos. (ALCÂNTARA, 2022, online).

2.4 – A mãe e a rua

A psicanalista, pesquisadora, escritora e professora Tania Rivera em *Um Amor Outro: Ensaio Psicanalítico sobre feminilidade, criação e maternidade* se volta contra a comum interpretação de que na teoria do psicanalista Sigmund Freud há a proposta de que só a mulher esbarraria na falta; uma má compreensão, de acordo com a autora.

Se a mulher não possui o falo, tampouco o homem, apesar de sua posse de um pênis, passa incólume pela marca de sua limitação que a linguagem imprime no corpo. O homem também se confronta, portanto, com a falta que o constitui como sujeito, e a ele também pode-se, portanto, abrir um destino de feminilidade. Dar à luz um filho, porém, é uma prerrogativa biológica exclusivamente feminina. (RIVERA, 2006, p.174).

Segundo o psicanalista belga Serge André, em *O que quer uma mulher?*, citado por Rivera em seu trabalho, a maternidade então corresponderia a um poder radical de criação, a uma criação por assim dizer direta, a ser aproximada da noção de sublimação²¹, ser mãe iria além da reivindicação fálica e diria respeito, nessa perspectiva, a uma outra posição subjetiva, que não visaria negar a falta, mas, ao contrário, reconheceria a falta, de forma a dela gerar uma obra, um rebento, um filho.

Embora esse trabalho não tenha fôlego para aprofundar a teoria psicanalítica – e nem seja esse seu propósito –, peço licença para, a partir do que propõe Rivera, me atrever a uma hipótese: seguindo, assim como escolhe a autora, o caminho proposto por André, seria o período da gestação um período em que a sociedade patriarcal tolera pragmaticamente o poder criativo na mulher?

Rivera cita posteriormente a psicanalista francesa Eugénie Lemoine-Luccioni, que diz:

“A mulher grávida tem algo nela, enfim, que a completa, como uma parte dela mesma. Mas esta parte, ela vai perdê-la. Antes de tê-la, ela errava como uma alma penada, buscando-a; após o parto, está terminado: ela não mais a tem.”. Um pouco adiante, ela é taxativa: “Esta criança que dizem que ela tem, ela não tem”. (LEMOINE-LUCCIONI, 1976, p.53).

Ludíbria-se a si mesmo a mulher, acreditando que gera uma obra, um rebento, um filho, que não é dela nem psicanaliticamente falando, já que é Outro, como também lhe é

²¹ A sublimação, na psicanálise, é um tipo de mecanismo de defesa maduro, no qual impulsos ou idealizações socialmente inaceitáveis são transformados em ações ou comportamentos socialmente aceitáveis, possivelmente resultando em uma conversão a longo prazo da pulsão inicial.



tomado pelo sistema capitalista assim que ela o coloca no mundo. A partir de então, voltam a lhe ser colocados mecanismos, armadilhas, que a apartam da vida social e do seu próprio gozo - usando inclusive *sua criação* como justificativa para tal e a implicando compulsoriamente no cuidado e preparação da mesma para a sociedade.

Após o nascimento de seu primeiro filho, incomodada com a disparidade entre a própria experiência e aquilo ao que havia sido exposta enquanto narrativa sobre a maternidade, a escritora e fonoaudióloga Thaís Vilarinho usou suas redes sociais para publicar relatos de como vivia a maternidade. Uma vertiginosa identificação de leitoras com seus textos – hoje em dia, a escritora tem mais de um milhão de pessoas acompanhando sua rede social – moveu Vilarinho a escrever o livro *Mãe fora da caixa*.

O trabalho deu origem à peça homônima, interpretada pela atriz Miá Mello, que estreou antes da pandemia e circulou Rio de Janeiro, João Pessoa, Brasília, Belo Horizonte, Campinas, Curitiba e São Paulo ao retomar apresentações após a pandemia. Ao longo de suas temporadas, foram mais de 50 apresentações e cerca de 20 mil espectadores. O espetáculo promovia as sessões *Bebê bem-vindo*, que acolhiam mulheres com seus filhos, contemplando assim quem não tem alguém para ficar com a cria enquanto frequenta eventos culturais.

Quando Antonio nasceu, criei uma teoria de que o celular passava a ser o objeto de transição da mãe diante da solidão sentida no puerpério – uma forma de ela se comunicar com a rua –, assim como o bebê cria seu objeto de transição para suportar a ausência materna, enquanto não tem consciência de que ele e a mãe são pessoas diferente.²²

(Pensamentos)

As redes sociais promovem uma forma de laço moderna para as mães inquestionável. Através de perfis que discutem o tema, não apenas ideias e reflexões individuais são repercutidas, mas se dá também um fortalecimento social e político dessas mulheres que se conectam, subvertendo suas condições limitadas de frequentar a rua e a impossibilidade de criar seus filhos em comunidade diante da estrutura das famílias nucleares²³. Caroline Guimarães Silva, mestre pelo Departamento de Comunicação na

²² Teoria do objeto transicional foi elaborada pelo psicanalista e pediatra D.W.Winnicott, na década de 1960; sustenta a ideia de que o bebê elege um objeto para suportar a ausência da mãe – ou do principal cuidador –, enquanto não tem consciência de que são pessoas diferentes.

²³ Grupo familiar composto por um casal de adultos e seu(s) filho(s).



Universidade Federal de Goiás, defendeu a dissertação intitulada *Maternidade, cultura e redes sociais: análise da interação social de mães solo através de netnografia e mineração de dados no Instagram*, em 2020. Em específico, ela analisou o uso da hashtag “#maesolo” na rede social supracitada.

No contexto da maternidade, percebe-se que, a partir do século XXI, a mulher ganha um novo espaço para problematizar sua identidade de mãe graças à revolução das tecnologias de informação. As redes sociais são difundidas com rapidez em todas as partes do mundo e a problematização da maternidade ganha fôlego e um novo espaço de discussão. (SILVA, 2020, p. 33).

A pesquisadora se ampara para trazer esse ponto no artigo *Maternidade em pauta: reflexões sobre ativismo digital e sua relação com a competência em informação*, das pesquisadoras em ciência da informação, doutoras pela Universidade Federal da Paraíba, Lílian Viana Cananéa e Maria Meriane Vieira da Rocha, e da doutora pela Universidade de Brasília, Maria das Graças Targino:

A mulher-mãe apropria-se do mundo virtual e institui, com força total, um novo espaço de luta para potencializar suas reivindicações não somente na esfera privada. Vai além e coloca no âmbito público, questões antes exclusivas do espaço privado: família, sexualidade, trabalho, divisão de tarefas em casa, cuidado com as crianças, oferta de creches para filhos pequenos, etc. (CANANÉA; ROCHA; TARGINO, 2018, p. 28).

Mas, com a mesma força, quando a discussão não se ampara em um conhecimento da circunstância feminina na sociedade, sobre a maternidade como um ato político, assim como provocava Meruane ao refletir seus arquétipos²⁴, as redes sociais acompanham a sociedade de consumo, capitalista, colonialista, machista, racista e, ocupando hoje o lugar que já foi da literatura, da televisão e do cinema, vendem modelos de maternidade bem-sucedidos, arquétipos forjados, que são arduamente performados por mulheres e acabam por esmagar as subjetividades individuais de cada uma. A mulher de um cantor famoso que uma mulher admira ou a mulher do presidente da república passam a ser, por exemplo, o modelo de mãe que essa começa a reproduzir. Esse processo contribui para o achatamento da subjetividade do corpo materno; cria metas inalcançáveis pelos recortes sociais e pelo fato de que as redes constroem uma narrativa ilusória do que seriam as melhores escolhas maternas, que na prática não se dá nem na vida de quem propõe aquele conteúdo e nem na vida de quem o “compra”.

²⁴ Aludo ao trecho de “Contra os filhos”, neste trabalho na página 62.



A artista, educadora e pesquisadora Mariana Guimarães, em sua tese de doutorado *O fio como invenção: a casa, o jardim, a mulher e a obra*, traz a reflexão sobre o lugar tradicional do artista, idealizado como um sujeito solitário, isolado no ateliê, gênio absoluto e individualizado:

De algum modo, essa subjetividade identitária é ainda esperada do artista em muitos locais de circulação e recepção de suas obras. Essa imagem foi construída e ainda é sustentada por um sistema dominante no campo da arte contemporânea. O modo hegemônico de subjetivação do artista propicia o surgimento do narcisismo no artista enquanto trabalhador, pensador e cidadão. Entendo que é preciso instituir novas formas associativas dentro desse campo, rompendo a lógica narcísica que impera nas mostras, feiras, exposições e na Academia. (GUIMARÃES, 2021, p. 188).

Gosto de pensar o modelo materno à luz desse modelo do artista tradicional. Em 1931, Virginia Woolf fez um discurso para uma assembleia de mulheres profissionais daquela época. Instigada, a partir do convite, a compartilhar observações sobre a situação trabalhista feminina, ela se reconheceu sem muitas sugestões a partilhar, o que Lina Meruane, em *Contra os Filhos*, atribui ao fato de Woolf ser “Uma mulher de letras que não tomou o escritório de nenhum homem e, portanto, não se viu forçada a desocupá-lo quando a guerra terminou”. Mesmo assim, a escritora inglesa trouxe em sua fala um outro problema àquelas profissionais que a escutavam. Relatou que a questão não é de ordem material, mas de índole psíquica, aludindo ao assédio e ao perpétuo retorno do sinistro anjo-do-lar. A escritora o responsabiliza como aquele que a atravessa e se interpõe entre ela e sua escrita.

Constrangendo-a com seu inquebrantável afã de sacrifício que ela se sente solicitada a imitar.

Distraíndo-a com suas destrezas domésticas.

Atormentando-a com seus apelos à modéstia.

Incentivando-a à simpatia e ao elogio, mesmo quando para agradar seja necessário mentir.

Esse espectro angelical, explica Woolf às mulheres-profissionais, faz com que ela sinta que é sem graça, que carece de todas essas habilidades próprias de uma mulher. Sente também que o anjo poderia acusa-la (embora culpa-la de algo seja pouco angelical) de ter ideias ou desejos próprios que não coincidem com ideias ou desejos alheios. (MERUANE, 2014, p. 51)

Virginia Woolf conclui que “é muito mais difícil matar um espectro do que uma realidade”. Assim como, para o artista, o ideal sobre o qual fala Guimarães o ronda espectralmente e é necessário manualmente romper com ele para dar à luz sua subjetividade, o mesmo funcionamento se dá com a maternidade, a *mulheridade* e o

modelo materno. Ainda sobre o artista contemporâneo, a artista, educadora e pesquisadora brasileira fala:

A imagem idealizada é totalizante, absoluta e inalcançável; cria um verdadeiro aprisionamento no deslocamento, na função e na forma. Esse mal-estar causado pela ideia de uma imagem única, gera um descontentamento generalizado no meio, uma espécie de angústia, quase que esperada por nós, artistas. A realidade que nos cerca é múltipla, plural, são diversas realidades que coexistem e essas multiplicidades de existência nos afetam, nos atravessam. Minha questão e deslocamento no campo tem sido como dar conta desses atravessamentos e dialogar com outros campos que podem somar ao meu, outras subjetividades, produzir trocas na pesquisa e no trabalho em artes visuais e fazer emergir outras realidades, tecendo assim uma subjetividade que acontece e se potencializa no encontro coletivo. (GUIMARÃES, 2021, p. 188)



fig. 67 – Cooperativa de mulheres artistas, durante a Ocupação das artistas no Largo das Artes, RJ, com participação de Mariana Guimarães, *Saco cheio*, instalação realizada na exposição *Desordem Ordinária*, 2019.

Imagino o momento em que o bebê nasce para a mulher que o recebe como aquele em que o espelho dela, sua imagem, se quebra por completo. Me lembro de ir ao banheiro, ainda na maternidade, e em vez de ver meu rosto refletido, ver o do meu bebê, parido



horas antes. O puerpério é de fragilidade total para a mulher. *Todos sabem o que fazer com uma criança*, menos a mãe primípara fruto da sociedade das famílias nucleares, que coloca seu bebê no mundo, em alguns casos inclusive com muitas certezas, e se vê passo após passo absolutamente à deriva naquilo que se propunha a fazer. Tania Rivera ainda em *Um Amor Outro: Ensaio Psicanalítico sobre feminilidade, criação e maternidade*, atenta para o fato da lida com o desconhecido após o parto:

Daí em diante, na maioria dos casos, não faltarão à mãe ocasiões que a deparem com a alteridade radical do bebê: este chora por conta própria quando bem entende e o propalado “instinto materno” não ensina à mãe a adivinhar o que ele quer (por mais que se afirme correntemente o contrário, sem dúvida como proteção “social” contra essa terrível realidade). Ao desamparo que o bebê humano vive, devido à sua grande prematuração biológica, corresponde um verdadeiro desamparo materno – vivido pela mãe, pai ou quem venha a prestar ao recém-nascido os cuidados necessários. (RIVERA, 2006, p.188).

É quando, reflito, que, no mundo contemporâneo, diante desse desamparo, exilada com sua cria, vivendo o limbo emocional que se dá no reconhecimento inclusive de si, a mulher faz seu laço com o mundo através da Rede Social – que ocupa um espaço que era da rua, da troca, do encontro.

da janela
carro passa
carro freia
gente grita
gente brinca
ônibus para
gente entra sai
obra na rua
abre buraco
britadeira
gente trabalha
caminhão estardalha
sol nasce sol passa
nuvem vai e vem
agora é dia
já já é noite
eu e você
(mais o vizinho aposentado)
parados
assustados
vendo o mundo passar lá fora
(BENEVIDES, 2019, p. 20)

Vera Iaconelli, psicanalista, mestre e doutora em psicologia pela Universidade de São Paulo, é uma das autoras sobre maternidade que pesquisei ao longo deste trabalho. Além do seu livro *Mal-estar na maternidade; Do infanticídio à função materna*, publicado em 2015, Iaconelli vêm concedendo muitas entrevistas e palestras online, que



também foram fonte para essa pesquisa. Em entrevista concedida ao Café Filosófico, programa da TV Cultura, em 26 de maio de 2022, a psicanalista diz que

vivemos oprimidos por uma fantasia de uma mãe padrão ouro, um modelo de mãe que daria conta de exercer o cuidado com a infância. Esse padrão ouro da maternidade tem sido a mãe biológica, com recorte racial – a mãe branca, de classe social alta, cisgênero, heteronormativa e casada. Um padrão racista, classista, machista e homotransfóbico. Isso funciona como uma sombra da maternidade. (IACONELLI, 2022)

Iaconelli se funda na proposta da filósofa, autora e historiadora francesa Elizabeth Badinter, que na década de 80 lançou o tratado sobre a maternidade intitulado *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno* – muitos questionam a tradução de *L'Amour en plus: histoire de l'amour maternel* para este título em português, pelo fato de na obra de Badinter ficar claro que o mito não é sobre o amor materno, e sim sobre o amor materno que aconteceria instintivamente, um pressuposto biológico. A filósofa francesa traz em sua obra um levantamento histórico, a ver:

É no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de revolução das mentalidades. A imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente, ainda que, na prática, os comportamentos tardassem a se alterar.

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes "ordenam" amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho.

No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte. Aliás, evoca-se com prazer sua existência nos tempos antigos, e nós mesmos constatamos que o teólogo J.L. Vives se queixava da excessiva ternura das mães em meados do século XVI. Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade. Alguns, mais cínicos, verão nele, a longo prazo, um valor mercantil. (BADINTER, 1985, p.145)

Badinter data do século XVIII a revolução da mentalidade sobre a imagem da mãe. O capitalismo, que se estabelece na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, com a decadência do sistema feudal e do nascimento de uma nova classe social, a burguesia, data do século XV e é o que faz ascender, de acordo com a pesquisa da filósofa contemporânea, professora e ativista feminista italiana Silvia Federici, a noção de patriarcado do salário. A partir da instituição desse sistema econômico, a ocupação laboral dos homens passa a se dar no trabalho produtivo, remunerado, e das mulheres, no trabalho reprodutivo, sem remuneração, fundado num discurso biológico, que as torna



dependentes de seus companheiros e subalternizadas pela hierarquia que se cria a partir da fonte do dinheiro.

O varão tem o poder do salário e se converte no supervisor do trabalho pago à mulher. E tem o poder de disciplinar. Esta organização do trabalho e do salário, que divide a família em duas partes, uma assalariada e outra não assalariada, cria uma situação onde a violência está sempre latente. (FEDERICI, 2018, p. 17)

Ainda sobre o capitalismo, à luz de Federici, para girar o sistema é necessário que se abasteça o proletariado, o que se dá a partir da reprodução, nascimento e preparação de novos indivíduos até que se tornem força de trabalho; enquanto o homem sai para a rua para produzir, a mulher executa o trabalho reprodutivo. Então, Federici diz:

O trabalho doméstico não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em atributo da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. (FEDERICI, 2018, p. 42 e 43)

E Elisabeth Badinter verticaliza o ponto da valoração da função materna diante desse cenário, motivado pela necessidade do sistema de que alguém se engaje com dedicação no cuidado com as crianças, para que essas cheguem à idade adulta em plenas condições de exercer o trabalho proletariado:

Igualmente nova é a associação das duas palavras, "amor" e "materno", que significa não só a promoção do sentimento, como também a da mulher enquanto mãe. Deslocando-se insensivelmente da autoridade para o amor, o foco ideológico ilumina cada vez mais a mãe, em detrimento do pai, que entrará progressivamente na obscuridade...

Se outrora insistia-se tanto no valor da autoridade paterna, é que importava antes de tudo formar súditos dóceis para Sua Majestade. Nesse fim do século XVIII, o essencial, para alguns, é menos educar súditos dóceis do que pessoas, simplesmente: produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado. Para isso, é preciso impedir a qualquer preço a hemorragia humana que caracteriza o Antigo Regime.

O novo imperativo é portanto a sobrevivência das crianças. E essa nova preocupação passa agora à frente da antiga, a do adestramento daquelas que restavam após a eliminação das mais fracas. As perdas passam a interessar o Estado, que procura salvar da morte as crianças. Assim, o importante já não é tanto o segundo período da infância (depois do desmame), mas a primeira etapa da vida, que os pais se haviam habituado a negligenciar, e que era, não obstante, o momento da maior mortalidade. (BADINTER, 1985, p.145)

Federici conclui: “O que eles chamam de amor, nós dizemos que é trabalho não remunerado”.



2.5 – A maternidade e a mulher preta

A historiadora da arte Carolina Rodrigues, que entrevistei para este trabalho, é formada pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e teve seu percurso profissional amalgamado com a maternidade. Mulher negra, entrou na faculdade aos 19 anos e engravidou ainda no primeiro período do curso. Teve que trancar a matrícula e quando retornou, o fez acompanhada de seu filho, Rafael, hoje com 10 anos, não apenas pela ausência de rede de apoio, mas também como um movimento político da ocupação do espaço acadêmico por mães com suas crianças. Sua atitude relacionada à maternidade ao longo do curso a fizeram receber convites após a formatura para trabalhos sobre o tema.

A Revista *Desvio*, publicação acadêmica voltada para as temáticas relacionadas a arte, memória e patrimônio, idealizadora e responsável pelo projeto de Pesquisadoras sobre arte e Artistas Mulheres na Academia (PAMA), a convidou para, em parceria com as pesquisadoras Roberta Calabria e Fernanda Correa, fazer a curadoria editorial de uma publicação com o tema *Arte e Maternidade*. Elas então fizeram chamadas para artigos e obtiveram baixíssimo engajamento, o que as fez visualizar que ali havia um campo muito pouco explorado academicamente.

A partir de então, fizeram uma roda de conversas e entrevistas com artistas mães e resolveram a partir de então fazer a exposição *Dentro, Fora, Entre: o corpo da mulher (não) é uma casa*. Quando Carolina estava no processo curatorial da exposição, percebeu que todas as artistas eram brancas. Entendendo o seu próprio lugar, fez uma chamada específica para mulheres negras, o que a permitiu conhecer algumas delas. A partir da relação criada, começaram as reflexões que atravessam a questão racial, os meios em que essas mulheres produzem e o quanto ser mãe e mulher racializada destitui esses corpos de sua intelectualidade.

A historiadora deu então um curso, no Adelina Instituto Cultural, em São Paulo, onde todas as alunas eram mulheres brancas, o que a fez identificar a dificuldade de falar da maternidade sem ser a partir desse sistema que encarcera a mulher, o que, para Rodrigues, condiz apenas com a realidade da mulher branca, já que as mulheres negras sempre tiveram que sair de casa para trabalhar. Outro ponto que Rodrigues observou foi o lugar selvagem reivindicado pelas mulheres brancas em seus processos de maternar, lugar este que foi usado para desumanizar as mulheres negras, quando por exemplo seus



leites maternos, comparados aos das mulheres brancas, eram tidos como mais fortes, reforçando o estereótipo frágil do corpo branco em relação ao corpo negro – fato que *justificou* a exploração do corpo da mulher negra.

Carolina Rodrigues se motivou a partir desse percurso a criar o curso “Arte e Maternagem Negra: Narrativas Contra-hegemônicas”, que inscreveu num edital da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro chamado “Cultura Presente nas Redes” e foi contemplado. A partir de um apanhado de obras de artistas brasileiros muito conhecidos que trazem a imagem da mulher negra, a historiadora atrita o caráter folclórico depositado nas obras e traz, com o trabalho de artistas contemporâneas, um giro que reivindica um lugar de poder, humanidade e afeto às mães pretas.

O curso foi se desenrolando a partir disso: antes, colocava-se as mulheres negras como esse corpo à disposição da subalternidade, de forma naturalizada, de forma a criar imagens turísticas desse sofrimento. A situação das babás e domésticas, por exemplo, que a sociedade ainda aceita que as mulheres negras ocupem esse lugar de cuidado e subalternidade doméstica.

Essa imagem subalterna também não correspondia à realidade de todas as mulheres Negras. Mães e tias do terreiro, como por exemplo Tia Ciata que tava causando uma revolução cultural, estética, de religião, ocupavam um lugar de forte poder intelectual. Lelia Gonzales, por exemplo, traz a ideia do pretoguês, ensinado por mulheres negras que por ocuparem esse lugar do cuidado nas casas brancas, passavam os saberes afrodiaspóricos a partir da língua, contando histórias e perpetuando sua cultura. Quando esse poder intelectual aparece em um lugar escondido, quando o corpo negro é colocado nesse lugar de selvagem, a história ignora toda a intelectualidade nessa dinâmica e na revolução cultural e social. Tia Ciata lutou pela descriminalização do samba, dos terreiros, as culturas diaspóricas foram transmitidas por mães negras. É um lugar de poder, que as imagens coloniais perpetuadas em obras artísticas tentavam esconder e assim reafirmar relações de poder.

(RODRIGUES, 2022, entrevista).



fig. 68 – Manuela Navas, Paciência e Afeto, estudos em aquarela sobre papel de algodão sobre a maternidade, 2022.



fig. 69 – Eliana Amorim, Fogão à lenha; Me lembro como se fosse hoje. Nas manhãs frias minha mãe me pegando no colo junto a minha irmã e nos colocando no balcão do fogão à lenha enquanto fazia um beijú, assim dava pra preparar o café e cuidar da gente que tinha sei lá, 4, 5 anos. Até hoje eu lembro desse fogão, ela também. E até hoje esse fogão guarda nossas memórias, pintura e desenho sobre papel com tinturas de Jurema Preta, Barbatimão, Aroeira, Quixaba, Ameixa, Caju e Hibisco roxo, 2021.



fig. 70 – Eliana Amorim, Latra d'água sobre um mundo; Biomecânica do movimento. Ela tinha uma postura invejável e uma força por muitos desejada, mas apenas compartilhada entre aquelas que como ela abasteciam sua casa através de uma latra d'água, transportadas pela força e tecnologia de sua espinha. Este trabalho é referente a uma lembrança do período em que vivemos na Zona Rural e minha mãe ficava em casa sozinha com todos os filhos enquanto meu pai trabalhava na cidade. Havia um açude próximo à nossa casa, e muitas vezes ela precisava levar alguma, ou até mais das crianças pra ir buscar água, lavar roupa, ou fazer qualquer outra atividade, os filhos estavam sempre próximos, para que ela conseguisse dar conta de todas as demais tarefas do dia a dia no sítio, colagem digital, 2020.

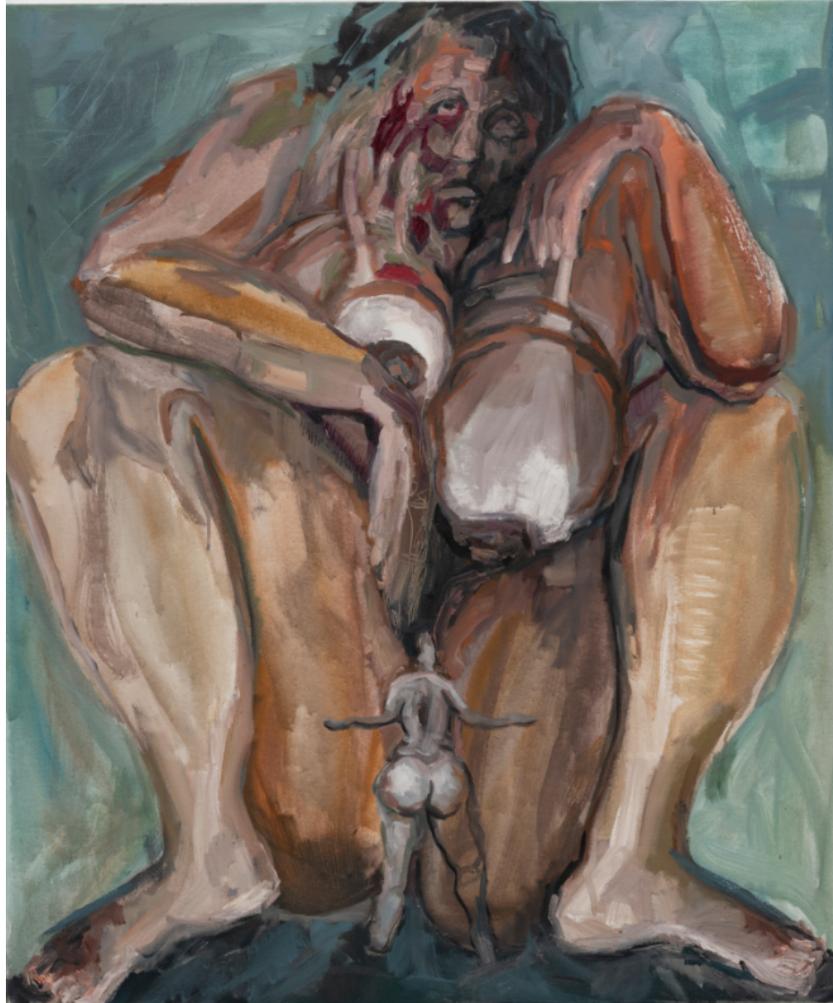


fig. 71 – Márcia Falcão, *Auto ajuda*, acrílica e óleo sobre tela, 2021.

Elisabeth Badinter, filósofa europeia, que escolhi para falar sobre a construção de um modelo de maternidade, e os recortes da obra de Silvia Federici que selecionei – embora a autora faça uma profunda leitura das estruturas escravocratas –, dão conta da minha experiência materna branca. Mas, isso não poderia singularizar a experiência da maternidade nesse trabalho. Minha visão certamente parte do meu filtro social, principalmente na forma como optei fazer esse trabalho, partindo da minha experiência para encontrar laços com a História. Sou uma mulher branca, de classe média, com um casamento heteronormativo. Inevitavelmente, caio em essencializações por não ter um recorte muito definido para verticalizar neste trabalho. Assim como coloca bell hooks acerca do feminismo branco da terceira onda, que era extremamente particular, quando

queria ser universal, acho que caio nesse mesmo problema – mesmo tendo consciência dele.

Trato justamente nesse trabalho da minha luta como artista para me firmar no mercado de trabalho e não posso deixar de notar a crítica que trazia bell hooks ao apontar a incoerência de Betty Friedan, ativista feminista estado-unidense, focada na *problemática feminina rica e branca*, invisibilizando a realidade das mulheres negras e pobres. Friedan é autora da frase “o problema que não tem nome”, recorrentemente reproduzida para falar das circunstâncias que movem a mulher a querer mais que a casa, os filhos e o marido.

““Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da mulher, que diz: Quero algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa”. A autora definiu esse “mais” como profissões, sem discutir quem seria chamado para cuidar dos filhos e manter a casa se mais mulheres como ela própria fossem libertadas do trabalho doméstico e tivessem o mesmo acesso a profissões que têm os homens brancos. Ela não falou das necessidades das mulheres sem homem, sem filhos, sem lar, ignorou a existência de todas as mulheres não brancas e das brancas pobres, e não disse aos leitores se era mais gratificante ser empregada, babá, operária, secretária ou uma prostituta do que ser dona de casa da classe abastada.” (HOOKS, 2015, p. 193-194).



fig. 72 – Thaís Basilio, Da série *Mulheres Máquinas: Colo*, acrílica sobre tela, 2022.



"Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência". (EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres, 2016).



3 - Epílogo

Pesquise a cena através da proposta da Escuta, uma das frentes de trabalho do Areas Coletivo, formado pelas artistas Miwa Yanagizawa, Liliane Rovaris, Camila Márdila e Maria Silvia. A Escuta perpassa espaços e experiências artísticas à procura de estabelecer relações inauguradas pelos afetos e se dá através de exercícios de improvisações orientadas, durante oficinas que propõem uma investigação da escuta como princípio fundamental do processo de criação coletiva de atores. A partir da ideia de que o trabalho de atores-criadores se dá em trânsito e diálogo ininterrupto com o outro (o outro em si, o outro em cena, o público, a luz, o espaço, os objetos, o texto), acontece a busca pela escuta como prática de co-existência, o que guia o estudo. As improvisações contam com uma duração consideravelmente extensa (de 30 a 40 minutos para cada interação em dupla a cada dia, normalmente mais que 4 encontros), a fim de possibilitar o esvaziamento de manifestações e respostas premeditadas que geralmente são ofertadas na ânsia de exibir as “criatividades do eu” numa luta enérgica contra o silêncio e contra o outro. Assim, os exercícios se configuram um espaço de recuo da produção imediata de resultados de cenas e personagens e alguma brecha começa a ser aberta à produção de novos mundos que ainda não conhecemos - ou percebemos.

Em uma dessas oficinas, levei como repertório o tema dessa dissertação, para investiga-lo em contracena com atores que eu não conhecesse. No último dia, levantamos em total improviso eu e atriz Giulia Grandis a cena abaixo, que me mostrou que o meu relato da maternidade sem a história do outro, sem contemplar o outro, não me interessava como pesquisa:

https://m.youtube.com/watch?v=EVVrly7_Bvk

Decidi então coletar depoimentos de atrizes sobre a maternidade, mesmo que elas não fossem mães ainda. Pedi que me gravassem áudios com livres associações sobre como viam em suas vidas a carreira artística e a maternidade. A ideia é que, após o monólogo que farei partindo de todo o material pesquisado e de um texto íntimo já escrito, a cada sessão da peça, eu improvise com uma dessas atrizes – que têm entre si diferentes situações: mães, não mães, mães com filhos adultos, mães com filhos recém-nascidos, mães com mais de um filho, mães com carreira de muito sucesso, mães que deixaram de atuar, mães atípicas, mães por adoção, mulheres brancas, negras, amarelas.



Os relatos delas serão o ponto de partida do improvisado, trazendo o plural para a discussão. Mas, focando no caráter performático, para sair absolutamente do verborrágico, faremos com total foco em uma ferramenta fundamental da Escuta, que usamos para nortear nossos trabalhos e que nos permite abrir janelas que não abriríamos sem eles: os dispositivos. Antes de entrar em cena, a direção passa para cada ator um dispositivo. Por exemplo: não falar a palavra eu; fazer o corpo se comportar como se comporta o corpo do seu filho; não desencostar da parede; a cada três minutos, ter algum contato físico com quem está em cena contigo; são muitos os dispositivos possíveis, e eles, aos serem executados, ajudam na criação de um corpo criador extracotidiano, assim como de uma narrativa fora da que surgiria dentro de controle. Não é uma disputa: *consegui por em prática os três dispositivos que me foram passados...* não é isso. É uma ferramenta para abrir campo e verticalizar, através da Escuta, o que aparecer.

Os relatos:

Miwa Ianagizawa

Oi Ju. Tô aqui pensando que pra falar de maternidade, são muitas linhas de relação, né, com esse tema. Então eu vou escolher falar da relação da maternidade com a minha escolha profissional, é, de como isso se deu lado a lado – e muitas vezes trançado com muitas outras atividades pra poder sobreviver. Quando eu cheguei aqui no Rio em 1985 eu cheguei lá de Botucatu com mais ou menos uns 300 reais no dinheiro de hoje. Aí, depois que eu cheguei aqui, eu tive apoio do Sergio né, que é pai do Pedro e do João, então eu fiquei um tempo na casa dele até ver como que eu ia me virar, onde eu ia morar, como que eu ia fazer pra me sustentar. Aí logo no início da faculdade eu engravidei, foi muito difícil, decidi abortar, né? Porque eu não tava preparada a ser mãe, tava tudo no início, eram muitos começos começando, universidade começando, a viver numa cidade nova, sem estrutura, né? Nem psicológica, nem financeira. Mas aí o que aconteceu? Pouco tempo depois eu engravidei novamente e eu tava tomando microvilar, que era um anticoncepcional, e foi um lote aí de placebo, e eu menstruei dois meses ainda, aí quando eu descobri que eu tava grávida, foi uma crise né, até acolher a gravidez. Nessa época eu tava trabalhando no aeroporto, no free shop do aeroporto, de 4h da manhã até às 10h, e depois vendia também, vendia umas mercadorias, e logo em seguida o horário lá do trabalho no free shop mudou, foi pra 6h às 16h. Tipo, exploração né? Trabalhava 10h por dia. E o que acontece é que o horário da Unirio era muito ingrato, porque era de 16h e quando tinha montagem, quando tinha alguma atividade de prática de montagem a gente ficava até meia noite por aí, e eu morava no Meier, então era um trânsito muito puxado pela cidade. Aí quando o Pedro nasceu, eu ainda frequentei a faculdade com o Pedro, levando o Pedro, aí eu tinha um grupo, logo que entrei na faculdade eu me juntei com uma galera, a gente formou um coletivo, e com esse coletivo, que a Marcinha fazia parte, ela era uma das diretoras, e dentro da universidade fui desenvolvendo alguns trabalhos, que se desdobraram em trabalhos profissionais, aí eu consegui meu registro profissional como



atriz, aí com o registro eu fui abrindo mão de continuar a vida acadêmica, foi uma interrupção e na verdade hoje eu leio como uma suspensão, porque isso ficou falando dentro de mim, tanto que eu retomei esses estudos em 2020 e concluí em 2021 agora na pandemia o bacharelado na CAL, como um fechamento de um ciclo, tinha uma ponta solta ali, uma falta, que por mais que depois quando eu começo a trabalhar, participo de muitas cias, que desenvolvem trabalhos investigativos, processos longos, em que eu vejo que a minha formação como atriz e artista se dá em, na prática profissional dentro dos coletivos, dos grupos, das cias que fiz parte, e dos espetáculos, principalmente teatro falando, falando em teatro, onde os processos são mais aprofundados, e fui escolhendo os parceiros ou os parceiros me escolhendo, ainda assim numa sociedade, né, numa família onde a academia é muito valorizada, toda vez que eu ia preencher uma ficha e tava lá curso incompleto, aquilo me desagrava e muitas vezes eu via esse fato como uma incapacidade minha de não ter conseguido continuar os estudos, sabe? E hoje eu vejo que era tudo muito pesado, né? Conciliar tudo que tava acontecendo naquele momento, um momento que durou anos, era muito perrengue, era muita precariedade, assim, não dava pra viver do trabalho artístico, então eu tinha que ter outras atividades, e quando você tem filho, o filho vai crescendo e as demandas vão aumentando, principalmente na educação, como sustentar os estudos do filho. E o Pedro por exemplo nasceu numa época que foi o governo Sarney, depois pegou o Collor, depois veio FHC, que melhorou um pouco, mas no governo Sarney Collor, a inflação subia mês a mês então ele teve que mudar de escola muitas vezes e aquilo gerava muita angústia na gente e como a gente era muito novo até essa angústia não tinha muito nome, não tinha muita consciência, a gente tinha que também ir fazendo, porque essa luta pra se manter, pra poder se sustentar e sustentar um filho, fazia com que a gente tivesse o tempo inteiro no movimento de quase não pensar e ir fazendo, fazendo, fazendo sem muito planejamento. Ia vivendo seguindo as minhas intuições e também tendo modelo as mães que até então faziam parte da minha vida, que eram a minha própria mãe e as minhas irmãs. Teve um tempo que nasceu muita gente na minha família assim, somos uma família populosa, somos em 7 irmãs, eu sou a caçula e assim, mais de 50 pessoas na família. Então eu lembro que eu desde pequena já cuidava de sobrinhos mais novos que eu, então de certa forma tem uma prática maternal aí né? Na minha infância e juventude. Como eu casei muito cedo, fui mãe muito cedo, e outras irmãs minhas também casaram e tiveram filhos muito cedo, ter filho era a coisa mais natural que podia se pensar para uma mulher, a constituição de uma família também. Então, vendo agora ali, do que, de como tudo aconteceu, eu lembro de ter pensamentos de que eu gostaria de ter outra vida, mas eu não pousava nessa reflexão, internamente acho que sim, eu pousava, e era uma coisa solitária, o que eu percebo hoje é q eu e o Sergio a gente não teve ali uma maturidade ali pra desenvolver esse diálogo, né, não tinha nem muito vocabulário pra isso. Acho que eu tive dentro desse turbilhão de coisas é que eu pude contar muito com a ajuda da mãe do Sergio, a dona Dora, que é a avó dos meninos, que pra ela ser vó sempre foi estar ali, pra cuidar disponível pra cuidar dos netos. Então ela foi uma pessoa fundamental pra que eu pudesse continuar as atividades artísticas, e não só isso, mas também uma vontade e uma escolha muito fundamental vital que era ser atriz, de fazer teatro, né, que depois, ser diretora chegou depois, e não só atriz como professora também. E a Dona Dora em nenhum momento ela questionou o fato de eu deixar o Pedro e o João com ela e ir trabalhar. Porque ela também vem de uma experiência, hoje está com 94 anos,



e uma das coisas que ela sempre rememora é como um arrependimento, é ter deixado de trabalhar, de ter o dinheirinho dela, de ter se afastado das amizades, de ter, pra poder casar, pra constituir família.

Pensando, hj, então é isso, que o que me sustentou nessa chegada: à cidade, do filho, da vida conjugal foi justamente a de não ter fechado o espaço primordial de liberdade, que era o de fazer aquilo que tinha escolhido pra minha vida, teatro. que pra mim era uma necessidade vital de invenção, expressão e comunicação. espaço de produção de sentidos, era onde melhor eu processava a vida tanto quanto a arte. além disso, associa a essa sustentação tb toda uma gama de conhecimento (referente aos saberes de como ser mãe) que me foi transmitida sem eu nunca ter sentado pra conversar seriamente sobre isso com ninguém, que eu me lembre (aí entra toda questão da naturalização e romantização da "função da mulher" na sociedade patriarcal), mas que foi fundamental e tb o apoio de gente de fora de casa, sempre de mulheres (mãe, sogra, irmãs, parentes) que colaboraram pra que eu pudesse atuar em outras atividades, mesmo que catando cavaco.

Helena Varvaki

Bom, Julia, a primeira coisa que eu queria te falar é que eu acho muito importante essa sua reflexão e fico muito feliz de estar participando e de alguma maneira poder contribuir com essa reflexão que já me faz refletir. A primeira coisa que me ocorreu de te dizer é que a minha gravidez não veio de forma inesperada, mas também veio de forma inesperada. Ser mãe nunca foi um projeto explícito, assim, nunca falei ah, preciso ter filho de qualquer maneira, ou quero ter uma família grande, a minha relação com o Manoel isso não era exatamente um assunto entre a gente, mas quando eu engravidei, a gente já tinha aberto essa possibilidade pra eu engravidar. Então, eu tava trabalhando na época, fazendo teatro, tem uma coisa curiosa, que eu comecei a ter alguns sintomas subjetivos mesmo, uma irritação, uma dificuldade com o diretor, e muitas alterações assim, que eu delegava ao processo de criação, a relação com o diretor durante a criação, e que depois quando eu entendi, quando eu descobri que eu tava grávida, eu falei, ah, então tudo aquilo era gravidez, tudo aquilo eram alterações já do meu corpo por conta da gravidez, então isso foi uma coisa bem curiosa, assim, porque o início da minha gravidez eu tive muitas alterações, que ficaram direcionadas ao processo criativo, talvez aqui já tenha um campo de reflexão. Aí, nessa mesma peça, depois a gente entrou em cartaz, eu tava com seis meses de gravidez, tinha um momento que eu entrava em cena e a minha personagem fazia uma passagem em cena, e eu não consegui entrar, porque eu tava lá tendo, enfim vomitando, e passando um pouco mal e aí atrasei de entrar, algo muito curioso assim, muito divertido que me faz pensar, eu acho que eu sou uma atriz muito compenetrada assim, a coxia é um lugar de muita concentração pra mim, eu não tenho muita, não tem muita diferença pra mim quando estou atuando no teatro da concentração da coxia pra concentração pra cena. E aí esse sintoma da gravidez me tirou da minha concentração habitual. Acho q essa é minha primeira reflexão.

Eu voltei a dar aulas o Heitor tinha seis semanas. Então eu saía de casa, pegava um ônibus, ia dar aula, voltava e o Heitor ficava com o Manoel. E essa foi uma outra experiência física dele muito pequenininho e a relação com a amamentação, né? O corpo me dizendo que tava na hora de voltar, então muitas vezes eu descia do ônibus já com a camiseta toda molhada assim, a gente morava num prédio que tinha um play



que quando eu chegava da rua, dava pra ver. O Manoel às vezes ficava esperando com o Heitor no colo naquele play, então eu chegava embaixo no prédio, olhava tava o Manoel com o Heitor no colo esperando e aí eu subia e já começava a amamentar. Então acho que isso marca uma coisa que eu tenho muita vontade de te falar, porque é uma coisa que marca muito a minha história com a maternidade e a arte que é esse voltar pra casa; então eu voltei a trabalhar muito rápido, mas eu sempre ficava com uma sensação de que eu tinha que voltar pra casa, que eu tinha que voltar logo pra casa. Então, eu voltei a trabalhar no teatro o Heitor pequeno, acho que ele tinha 1 ano e meio mais ou menos, já voltei a ensaiar e fazer espetáculo, o Manoel sempre foi muito parceiro, nesse momento eu fiz uma viagem grande, Heitor tinha 1 ano e meio dois anos, mas, sempre com essa sensação do voltar pra casa, então depois dos espetáculos sair pra tomar uma cerveja era algo que me gerava muita aflição, então eu não saía pra tomar uma cerveja, é, e como você pôde presenciar na semana passada, esse tomar uma cerveja depois do espetáculo me gera uma aflição até hoje, isso é uma coisa que eu trabalho muito fortemente em mim, então a maternidade ela me trouxe essa responsabilidade de voltar pra casa, voltar pra casa pra amamentar, voltar pra casa pra ficar com filho, voltar pra casa pra cuidar, mesmo tendo um parceiro muito muito muito presente. Mesmo tendo um parceiro que não tem degrau de toda vivência dele da paternidade. Acho que tem aí uma reflexão sobre isso, né, então essa é a segunda parte da minha resposta, que é esse voltar pra casa pra alimentar, voltar pra casa pra cuidar, então tem o espaço pra viver a arte, mas não tem o espaço pra usufruir de uma certa, das bordas da experiência social da artista, sei lá, nunca tinha pensado exatamente dessa maneira como borda.

E uma outra experiência que me deu muita vontade de te contar, quando o Heitor tinha cinco anos, eu fiz um espetáculo teatral infantil no pátio do Correios, se chamava O mais frouxo do deuses, dirigido pelo Flavio Degrange, e o Heitor foi a absolutamente a todos os espetáculos comigo. Todos os sábados e domingos a gente entrava no carro e ia fazer o espetáculo, ele ajudava a montar, ele era superacolhido pela equipe, e ele fez toda temporada comigo. E nesse espetáculo tem uma experiência que é muito muito muito comovente. Bom, a primeira é que a gente ia pelo caminho no carro passando todo o texto, ele sabia o texto do espetáculo e de todos os outros personagens, e a gente ia passando o texto indo pro teatro. Isso era delicioso. Quando a gente chegava lá ele ajudava na montagem das coisas, carregava coisas, enfim, e aí um dia, tinha um momento do espetáculo que eu colocava um adereço que eram duas grandes asas pra fazer uma cena e era uma troca muito rápida e teve um dia que nessa troca eu esqueci de colocar as asas e tava fazendo a cena e de repente meu olhar cruzou com o olhar do Heitor que tava na plateia. E eu percebi no olhar dele que alguma coisa tava faltando em mim e aí que eu percebi que eu tinha esquecido o adereço. Essa experiência da cumplicidade, da maternidade num lugar muito especial assim, isso é uma coisa indescritível pra mim, e inesquecível, né, ver no olhar daquele meu espectador mais do que especial alguma coisa que eu tinha deixado de fazer. Né? E pra mim, essa história ela é a marca do, da minha relação talvez com o Heitor, com a maternidade e com continuar atuando, seguir atuando.

Carol Ferman



Oi, Julia, eu vou tentar aqui elaborar um pouco sobre o que eu sinto sobre ser atriz e ser mãe.

Eu não escrevi nada, vou deixar o pensamento correr aqui um pouco solto...

Primeiro, assim, a maternidade foi realmente um divisor de águas na minha vida, acho que na maioria das mães, né? Realmente, assim, transformou absolutamente tudo tudo tudo na minha vida, cada micro pedacinho meu eu sinto que tá diferente e eu não consegui ainda reconhecer todas essas transformações assim, eu sinto que ainda vivo numa grande névoa, um grande bolo assim, sabe? Que eu não consigo direito ainda separar o que que é meu, o que que é da minha filha, o que que é hormonal, o que que é uma demanda interna, externa. Eu ainda tô muito misturada. Eu sinto que agora com a escola, que ela entrou tem 3 meses, eu tenho essas 4 horinhas por dia que eu tenho conseguido fazer algumas pequenas coisas, assim, né? Incluindo voltar a trabalhar. Mas assim, muito aos poucos. Tô agora começando meu primeiro trabalho, 1 x por semana, às quintas-feiras, eu tô indo pro teatro e tô fazendo um trabalho, só às quintas. Porque é um edital que a gente ganhou um dinheiro muito pequeno, né, essa retomada. Então a gente decidiu que não seria uma peça, seria um registro dos ensaios, né? Então depois de 2 anos e meio eu entrei num teatro pela primeira vez, na quinta-feira passada, pra trabalhar. Uma coisa que era muito comum na minha vida, muito corriqueira na minha vida e aconteceu depois de 2 anos e meio. Foi uma comoção, né, eu entrei no teatro, me ajoelhei, beijei o palco. E todo um esquema pra isso acontecer, né? Nessas quintas-feiras eu não consigo levá-la pra escola, não consigo buscar, então tem toda uma organização do antes, do depois, né, tudo é uma grande... Assim, né, ao mesmo tempo que a gente fica muito feliz quando o trabalho aparece a gente fica assim, meu deus, como vai ser? Como montar essa rede, né? Aqui a gente não tem essa condição de ter uma rede de apoio paga, então a gente fica dependendo da rede de apoio do amor, né, vovó e tal e nem sempre é possível, né? Mas essas quintas a gente conseguiu organizar.

E bom, tive essa primeira experiência voltando ao trabalho como atriz assim no presencial e foi muito incrível, assim, porque eu tava muito tomada pela emoção de estar voltando, mas ao mesmo tempo senti meu corpo muito despreparado, entre muitas aspas aí, para a cena, um corpo que não tá um corpo de cena, um corpo de atriz, um corpo pronto, assim, né, um corpo....eu me sinto corcunda, me sinto sugada, me sinto sem tônus, sem músculo, um corpo, sabe aquele corpo de mãe que carrega, que só dá, que só dá, que recebe pouco no físico. Claro, todo o amor e tudo, a gente não tá falando disso, mas eu sinto meu corpo com uma exaustão muito profunda, sabe? Uma exaustão tá nas minhas entranhas, assim, então eu não consegui me ver com aquela força do palco, com aquela força que o palco pede, né?

Mas ao mesmo tempo eu deixei isso acontecer e ser dessa forma, sabe? Nesse retorno. Eu deixei todo o meu cansaço se instaurar, eu deixei toda a minha corcunda aparecer, eu deixei toda a minha dor me levar pro chão, e minha preguiça aparecer, sabe, e eu acho que com o tempo vai o corpo vai voltando esse ser atriz, assim... vai... eu vou me encaixando de novo nesse estado, né? Que é como se ele tivesse fugido de mim. E por muitas vezes assim, durante esses dois anos e meio, claro, teve uma pandemia, no meio uma gravidez, uma pandemia, mas nesses dois anos e meio eu duvidei e duvido ainda muito da minha profissão, do meu êxito na minha profissão, da minha possibilidade de exercer a minha profissão, duvido todos os dias disso. Essa retomada pro trabalho tem sido muito difícil, eu tenho corrido muito atrás, e tem sido muito complicado. A gente sabe o quanto o mercado é duro com as mulheres, a gente sabe que tem um percentual muito alto de mulheres com carteira assinada que quando volta da licença maternidade é



demitida. As pessoas não gostam de empregar mulheres porque tem filhos, porque menstruam e porque a gente sabe que a demanda dos filhos recai sobre a mulher. Então a gente sabe que se o filho fica doente quem vai faltar é a mulher. Então tem todo esse preconceito, fruto dessa sociedade patriarcal que a gente vive, que realmente a demanda cai sobre a mulher. E eu me vejo assim é.... eu até já escrevi sobre isso no Instagram, o que que aconteceu quando eu fiquei grávida, que eu tava num trabalho maneiro, que ia me dar uma visibilidade legal, que a gente fica buscando esses sims como atriz, né? E me tiraram desse trabalho por conta da minha gravidez, por conta da barriga que não iam ter como adequar com a agenda do elenco e tal... e hoje eu fico pensando que, é claro, eu entendo meu tamanho e eu não ia jamais comprar uma briga com uma grande produtora porque a gente sabe que se isso acontecesse quem não ia trabalhar nunca mais com essa produtora sou eu, que não ia ter nenhuma consequência pra ela. A minha consideração hoje não é sobre eles terem me tirado, até é hoje, mas o que eu me sinto é de não ter criado nenhum tipo de constrangimento com isso, sabe? De ter quando me chamaram na sala e falaram: olha, a gente vai precisar te tirar de um trabalho que eu fiz um teste, que eu passei, que eu estava indo ensaiar já pro trabalho e me tiraram nesse 1o dia de ensaio, eu tava com 3 meses. Eu me ressinto de não ter criado um constrangimento ali na hora: mas vocês estão me tirando pq eu to grávida? mas e vcs não vão me ressarcir de nenhuma forma? pq podia ser que eu tivesse negado outros trabalhos por causa desse trabalho, podia ser que eu tivesse contando com esse dinheiro, como obviamente estava. Podia ser que muitas coisas, muitas variáveis possíveis assim. Então, eu me sinto de não ter entendido. Pq não entendia mesmo, né, o que que era isso, o que que era maternar, todas as implicações que já começam desde a gravidez, né? Que é isso, se acharem no direito de tirar uma mulher de um trabalho com essa justificativa porque ela tá grávida sem nenhum tipo de ressarcimento moral, financeiro, né? Então isso aconteceu comigo assim.

Hoje eu tenho a dimensão do quanto isso é uma questão política, estrutural e absurda. Na época eu tava tão feliz de estar grávida, foi tão desejada a minha gravidez, que pra mim foi só mais uma coisa, sabe, eu falei, ah tá, só como tava fazendo uma peça na época. Na peça eu vou ter que ser substituída também, então nesse trabalho também. Mas totalmente diferente, porque na peça eu ia ter que ser substituída, uma atriz que eu ajudei a escolher, uma coisa completamente consentida, porque eu já não tinha mais condição, era uma peça completamente física, eu tava muito cansada. Enfim, e hoje eu entendo como isso é uma questão assim que não é só minha, né, é uma questão de toda uma sociedade, né?

É.... que mais que eu posso falar? A maternidade ela realmente me atravessa muito assim, em todos os campos da minha vida, todos, todos, todos. Eu não consegui retomar, eu sinto que eu não consegui retomar nada do que eu era antes e eu sinto que eu preciso me reinventar completamente. Só que eu ainda tô completamente naquele ponto assim que eu nem sei da onde começar essa reinvenção. E me sinto num momento muito me tentando fazer novos laços e novas parcerias para sobreviver mesmo. Pq é como se os laços e as parcerias de antes também já tivessem sido um pouco afrouxados. Não sei se isso eu consigo me fazer entender direito, mas é.... não sei, não tô nem conseguindo elaborar isso mas... me cercar de mães é o que tem me salvado muito nesse processo de mudança, de transição, sabe, entre esse não ser mãe, essa gravidez, essa matrescência, eu também já escrevi um pouco sobre isso e esse processo de virar mãe, né? Pq tem essa passagem da matrescência, né? que é esse “meu deus”, que é esse se dar conta, né? Esse



momento de transição né, que você também não entende o que que é isso. Como a adolescência, né? Eu achei essa palavra linda, assim... que é isso, de repente você tá ali, você tá responsável 100% pela vida de um outro ser humano, ninguém te ensinou isso nunca... e é isso, é aprender no jogo, né? e se dar conta que de repente, a Maria fez 2 anos agora domingo. De repente você volta a querer existir como ser humano, você volta a querer acessar os seus desejos de novo e o louco é que eu me sinto isso, né, você não sabe mais quais são esses desejos, né? Você tá tão perdido no processo todo e tentando retomar o que era, e o que era não tá mais sendo. Eu sinto isso. Cada produtor de elenco que eu tento acessar e não me responde, aquela coisa insuportável também dessa nossa profissão, que é como se a gente fosse sempre pedinte, né? Eu me sinto isso, gente, mas o que é que eu to fazendo de novo há mais de 10 anos, eu já sou outra pessoa, já não sei mais por onde retomar o caminho, mas eu também acho que vai sendo conforme a gente vai caminhando, né?

Cara, eu acho que por enquanto é isso que eu tenho pra falar. Eu vou respirar um pouco e tentar elaborar um pouco mais, se eu conseguir.

Raquel Karro

Oi Júlia então eu vou gravar aqui um primeiro áudio com algumas questões que me ocorreram hoje de manhã quando eu pensei em te responder, e bom talvez eu grave mais algum outro ao longo do dia se me vier mais alguma coisa. de qq forma sao mtos pensamentos, mtas camadas com essa sua proposta de reflexão sobre a maternidade sendo artista... o que que isso acarreta nas duas vias: tanto na maternidade quanto na carreira, no trabalho. e um outro lugar que normalmente temos que é um segundo emprego onde a gente consiga ter uma renda mais fixa e a questão do mestrado ainda para nós duas no casa pronto uma das coisas que me ocorreu hoje de manhã foi que a questão da maternidade como é para mulher né A maternidade e o trabalho Claro para mulher sempre foi a mulher a maternidade agora não tô lembrando direito alguma coisa que eu tinha pensado Mas enfim acho que fico pensando que tem um lugar que é pensar O lugar da criança para mim sempre me ajudou muito pensar o lugar da criança Para poder pensar também a maneira que eu quero me relacionar com maternidade eu acho que de alguma forma no mundo se pensa muito pouco na infância e no que uma criança traz acarreta na vida das pessoas que estão em volta E o porquê se criar uma criança no dia eu acho que essas respostas estão muito dadas e pouco refletidas individualmente e E a criança a vinda de uma criança para o mundo e a partir de alguma estrutura familiar Ela acaba correspondendo muito as necessidades de um capitalismo neoliberal que a gente vive então a criança foi conectada pelas necessidades de produção de capital e a criança foi ser encaixada em caixinhas que não interrompe o funcionamento da máquina então uma criança vem ao mundo a partir de uma mulher e parece que tudo que nada pode afetar na máquina do que produz dinheiro do que produto que produto de mercado então a gente começa com as alternativas que são desde colocar Flash partir dos 3 meses de idade cinco meses de idade 7 meses de idade para que a mãe ou a pessoa responsável possa voltar ao mercado porque a gente sabe as implicações que pode ter uma mulher proletária não voltar ao mercado logo e aí eu acho que não recorte da sua pesquisa tem um complexificação o que é a questão da artista que está um pouco desvinculada desse lugar de produção de dinheiro a



gente tá aí numa via paralela que mesmo nessa estrutura de creche desde os 3, 5, 7 meses de idade Não seguraria nossa onda porque a gente precisa trabalhar final de semana, diárias noturnas no audiovisual de madrugada, no próprio teatro de noite Então a gente não tá aí servida por esse esquema que coloca a criança já no funcionamento onde a maquina pode seguir intacta né a mulher perde ali, o empregador perde ali alguns meses só de trabalho da mulher Final da gravidez os primeiros meses ali por lei e depois tudo segue cada um se vira para dar conta de uma criança em termos e estruturas que a gente sabe que são muitas estafantes para mãe com certeza se for a mãe a pessoa que estiver responsável para ser criança e para criança né entao Às vezes eu me pergunto se a gente olhasse se a gente desse mais foco para criança tudo em volta organizaria de uma forma menos sacrificante menos produtora de frustrações que pode ser você ter uma filha ou um filho e continuar trabalhando apressando isso tudo. se a gente conseguisse olhar para criança Mas se todas as estruturas que tem volta é melhor porque quando a gente também olha para as necessidades da mãe para tentar desenvolver políticas que tem mais cobertura para mãe poder trabalhar ou para o pai poder trabalhar ou para responsável ou responsável poder trabalhar tem um lugar aí que a sempre numa lógica de que o mercado se mantém intacto e a criança não Pese que a criança tem um lugar aí de terceirização para que essa estrutura não balance eu não sou contra terceirização de jeito nenhum eu fico só pensando que a gente nem se permite pensar em outras formas outras estruturas que podem parecer que o que nos falta só um suporte para cuidar da criança. E se a gente pensasse a partir da criança o que será que viria? Se a gente pensasse, por exemplo, se a gente pensasse a partir da criança que foi, no meu caso né? Um pouco um exercício a full, porque também nem sabia q tava fazendo isso, mas antes mesmo de engravidar eh pensava: “poxa que coisa mais louca deixar uma criança sozinha em casa com outro adulto que seja a cuidadora ou cuidador, a mãe ou pai, o tio a tia a vó ou vô ou contratar uma babá por exemplo, porque que que essas crianças vão ficar isoladas e não vão ta na presença de outras crianças, sendo que tem tantas outras crianças precisando também de uma terceirização, de um cuidado, juntar com outras crianças tb seriam bom, e será que isso só se da num esquema institucional? na creche, nas escolas, será que a gente não poderia pensar em estruturas dentro das casas, onde a gnt revezasse os cuidado e juntasse as crianças e liberasse mais alguns periodos a pessoa que ta ali com ela, no caso, a mãe, que era o meu caso né? se bem que eu tenho uma situação bastante específica, porque o Thierry também é autônomo como eu, então ele tava muito disponível. Eu particularmente, assim... se você me perguntar, eu não sei identificar claramente o que eu perdi, por exemplo, em relação à trabalho e maternidade. Sei que coisas foram certamente modificadas não sei se a palavra sacrificada é muito pesada pra isso, mas assim, foram alteradas né? Em função de eu ter um filho. Mas, a sensação que eu tenho é que as coisas que eu tinha em mente e que apareceram pra mim eu consegui fazer, mesmo sem ter família aqui no Rio de Janeiro e mesmo sem o Thierry ter família no Rio de Janeiro. Porque a gente entrou, desde que o Santiago tem um ano, numa estrutura de creche parental onde, já lá no primeiro ano, a gente revezava entre as mães e pais e depois foi gradualmente passando pra uma cuidadora paga, que no caso, era uma das mães ou uma pessoa de fora, mas a gente foi ficando quase fora dessa escala ate hoje a gente é totalmente fora dessa escala, a creche continua três vezes por semana de manhã, no contra turno ne? Mas essa estrutura me criou uma rede onde eu consegui fazer todos os projetos que eu tinha pra fazer e o Thierry os que ele tinha pra fazer, desde que o Santiago tem um ano en? No primeiro ano eu fiquei



totalmente dedicada nem passou pela minha cabeça colocar ele numa creche, as coisas que eu fiz esse primeiro ano eu consegui jogar com o Thierry, mas claro, isso era uma necessidade muito especifica da minha vida ne? Por exemplo, se eu tivesse um emprego fixo, se aparecesse um projeto pra mim que eu quisesse fazer no primeiro ano de vida dele, eu teria que jogar aí com alguma estrutura ne? Eu não precisei, por exemplo, armazenar leite, nada disso. Eu consegui, acho que uma vez só, pra duas diárias de um filme, eu precisei deixar leite armazenado, então... eu não senti essa... eu não senti muito essa loucura e essa deve ser, você ter que voltar a trabalhar...né? Ainda se recuperando, de uma cesariana, por exemplo, ou ainda amamentando exclusivamente, ne? Eu fiz um filme quando o Santiago tinha um ano e meio, e eu ainda amamentava ele, mas eu consegui tirar a mamada da noite e, mantive até dois anos e meio a amamentação, mas era ainda outro esquema. Então, pra mim, particularmente é uma coisa muito importante que eu acho que eu fiz intuitivamente é pensar como seria a minha experiência com a maternidade a partir das coisas que eu tava sentindo e que eu tava vivendo e que eu queria vive-las, então eu nunca senti, ou poucas vezes senti... por exemplo, uma frase que eu ouvia ou que eu lia, ne? Ou ate hj com frequência... que a vida volte ao normal! Por que não tinha. pra mim um ser novo na minha vida, que normal? O novo normal é com ele ne? Então isso eu acho que me protegeu de varias angustias. Eu tenho essa sensação, de que o fato de eu ter acolhido a maternidade como uma grande transformação na minha vida, na minha rotina, na minha libido, na projeção dos meu projetos. Eu acho que isso me protegeu de muitas angústias que eu poderia relacionar diretamente ao Santiago, e que hoje eu relaciono mais a algumas desconexões entre o meu desejo e a minha capacidade de realização. Deixa eu tentar explicar isso, eu acho que, eu sei que eu posso ta iludida em algum lugar, eu sei que o fato de eu ser mãe na sociedade que a gente vive pode ter me privado de muitos desejos, inclusive, de muitas realizações que eu nem perceba... mas, eu não sei identificar isso diretamente, se é que isso acontece. Não sei também, afirmar... mas eu sinto que as coisas que eu não consigo realizar dentro da minha carreira artística que eu gostaria que tivessem diferentes. Elas tem mais a ver com impedimentos meus, questões psicanalíticas minhas, questões de.. travas, ou de ideais que eu imagino e que eu nao tenho necessariamente os mecanismos e a estrutura física e emocional pra realizar. Talvez não seja a questão da maternidade que tenha me privado de muitas coisas. Eu acho que é perigoso, tem um lugar ali pra gente olhar e cuidar. Pra não colocar tudo na conta da maternidade. Mas falo isso de um lugar de uma pessoa que tem uma prceria muito forte que é o thierry, onde eu nunca me senti sobrecarregada apelo parceiro. Eu acho que isso pode ser muito diferente pra uma pessoa que se sinta sobrecarregada por um suposto ou suposta parceira que não ta equilibrado, ne? Desde que o Santiago tem dois anos eu viajo, já fiquei fora por 20/30 dias fora, isso nunca foi uma questão muito grande pra gente, mesmo sem ter estrutura familiar aqui. Então, eu acho que o Santiago entrou na nossa vida e nossa vida se estruturou e reestruturou em função dele, ne? Também, claro, enfim... não sei se eu falei coisa com coisa. Não sei se o começo da minha frase tem conexão com o final que eu tô dizendo agora, porque... acho que talvez o começo da minha fala tem uma reflexão importante ali, sobre pensar a infância e também fazer uma diferença entre a relação de um trabalho mais proletário e o trabalho da artista... quais as estruturas ne, que a gente tem, deveria ou poderia ter. Mas é isso, acho que eu poderia falar infinitamente sobre esse assunto, porquê claro que é um assunto muito importante... imagino que você também esteja indo em vários nichos, pra não ficar também num lugar



muito só dessa maternagem. Sim, o seu recorte é mães artistas, claro, mas, talvez existam mães artistas de outras realidades que não alguma que eu imagino, é tudo muito particular ne? Também não posso comparar maternidades assim, é tudo muito particular. Mas isso, de alguma forma eu tô aqui fazendo o mestrado, eu trabalho com pilates, ne? Meu ganha pão mais frequente tem sido o pilates. Fiz uma série agora que durou três meses. Então audiovisual aparece eventualmente e até hoje eu não precisei dizer não por conta da maternidade, e eu acho que não diria. Eu daria um jeito, não sei qual, mas eu dei até aqui... mas dentro de uma estrutura onde... como explicar isso? Não sei... não queria parecer... acho que tem informação suficiente aí, mas... eu não sei identificar se a maternidade influenciou, por exemplo, negativamente na minha carreira, não saberia dizer. Talvez sim, lembro de uma ou outra situação que até grandes amigos, eu falei porque não me chamaram pra esse trabalho? Trabalho em salvador e eles falaram “ah é porque a gente pensou pô Rac tem o Santi ne? Pode ficar complicado” e eram grandes amigos meus e já sabiam que eu já tinha arrastado ele, ne? Quando o Santiago tinha um ano, eu levava ele pra Brasília pra dirigir um espetáculo e fazia altas loucuras assim, Thierry ia lá pra ficar comigo quatro dias pra eu ficar mais uma semana sozinha, ia lá pro Santiago ficar comigo quatro dias e voltava com Santiago pra eu ficar mais uma semana lá sozinha. Ou ia lá ficava quatro dias comigo, deixava o Santiago comigo e a irmã de uma das artistas que eu tava trabalhando ficava algumas horas com ele pra eu poder ensaiar sozinha e depois ele vinha pro ensaio e ficava junto, e depois ia junto pras reuniões então, teve muito esse rolê assim. Eu dirigi um espetáculo no Vale do Capão também, que fomos eu e o Santiago e uma amiga que era do coletivo parental e que tava querendo passar férias lá então eu paguei a passagem pra ela e ela ficava lá algumas horas por dia com o Santiago, e eu dirigindo espetáculo e o resto do tempo o Santiago ficava comigo enquanto eu trabalhava com o espetáculo também, então eu fiz muito isso, assim. Santiago era muito pequeno, e eu nunca tive muito receio de arrastar ele comigo pros lugares, sabe? Eu simplesmente ia assim... isso era uma questão que nem passava pela minha cabeça de ser um impedimento. Eu falava vai ter que rolar, vamo fazer, sabe? E em Brasília por exemplo, eu lembro que teve um período que ele tava muito doente, eu lembro que ele passava as madrugadas acordado e eu também porque era uma questão de gripe e respiração e tal eu ficava muito trancado (?) e eu trabalhava o dia inteiro no outro dia quase caindo aos pedaços e não sei, aquilo parecia pra mim que era aquele o momento da minha vida e a gente trabalha com o que a gente tem. Eu não sei se com uma criança tão nova eu poderia ter uma outra estrutura - conseguir trabalhar - que não fosse essa. Não sei se eu quereria, se eu aceitaria deixar ele, numa fase... preferia ter ele perto. Então pra mim, era muito mais interessante pensar que isso era a forma de fazer esse trabalho e não lutar contra essa ideia pra não me sentir como se eu tivesse desamparada em algum lugar e sofrer pela maternidade, sabe? Aquilo era a maneira que tinha de fazer, eu tava fazendo um trabalho incrível, eu tinha aquela situação que eu sabia que ia ser única na minha vida, eu nunca pensei em ter mais de um filho e passou. E aconteceu. Isso me dava força também. Ne? Ai Julia, espero ter feito algum sentido aí pra você, enfim... o sentido é o sentido que tem ne? Você falou fluxo de pensamento eu acho ótimo tenho trabalhado com isso também com alguns áudios e vamo lá, se me correr mais coisa ao longo do dia eu te mando. Foi um super ultra podcast de 23 minutos, beijo.



Gabriela Checchia

Vamos lá, beleza, maternidade. É pra eu falar de que forma a maternidade atravessa, de que forma essa ideia da maternidade atravessa em mim né? Qual é o tipo de atravessamento que a maternidade gera em mim... Ai meu deus, vamos lá! Amiga, eu acho que, eu comecei a ter contato com isso acho que muito nova, com a possibilidade de ser mãe assim, porquê eu iniciei... é... enfim, comecei a me relacionar muito nova e sempre tive esse medo muito grande de que a maternidade acontecesse num período em que eu não tivesse pronta e que eu fosse ainda, não fosse... não estivesse formada em níveis que eu acreditava q eu precisava estar para ser uma mãe. E quando eu olho pra isso hoje eu vejo q se passaram mais de dez anos e eu ainda não me sinto pronta, Não sei se em algum momento a gente se sente pronta pra fazer isso. Acho que é algo que quando acontece... deve aparecer um bando de medo e sensações boas e ruins, enfim minha visão leiga do assunto, mas o que eu posso falar acho é do que eu sinto sobre a maternidade sem ser mãe, né? Então... eu acho que esse medo que eu carreguei desde muito nova, e que eu tenho até hoje, talvez seja um... um... não sei se um trauma, mas algo que eu carrego por ter visto a minha mãe não realizar coisas que ela gostaria de ter realizado porque ela precisou cuidar de mim... e... eu me emociono quando eu falo disso, porque tem um relato dela, uma vez que a gente tava conversando bem despretensiosamente assim... e eu me lembro que ela falou que ela se formou em pedagogia e começou a trabalhar com meu avô e aí no meio do caminho ela, ela falou que ela sempre quis ter feito uma faculdade de administração pra poder sair dessa... do trabalho que ela tinha com meu avô e, construir uma carreira dela, e aí, quando eu era pequena ela começou essa faculdade de administração que ela já tinha uma grana pra poder investir nisso e ela me deixava com meu pai, só que... ela disse que sempre que chegava em casa, o meu pai falava que eu não conseguia ficar sem ela, que eu não conseguia parar de chorar e que... enfim, que eu reclamava muito que ela tava fora. E é muito doido isso né? Porque... eu devia ter, sei lá, três anos?! Dois anos, não sei... eu não tenho essa memória, mas eu sei que, de algum modo, a incapacidade do meu pai de honrar essa... essa responsabilidade e esse compromisso né?! Meio que bate em mim como uma culpa. Quando eu escutei isso eu falei “mãe, magina... eu, jamais...caraca, tipo assim...” ai ela “não, magina Gabriela, eu sei que não foi você, eu não fiz por mim... mas rolou isso”. Então é muito doido, eu não consigo desatrelar a maternidade à essa não presença paterna, sabe? Eu acho que na minha história isso ta muito emaranhado de um jeito muito assim... onde a responsabilidade sempre caía pra minha mãe ou pra minha avó, pras mulheres do meu círculo e... é muito doido pensar isso hoje assim... como eu vejo a minha consciência em relação a isso muito mais presente pra possibilidade que se um dia eu for mãe ou se um dia a maternidade acontecer pra mim que é algo que é meio inconcebível fazer isso sozinha, mas eu sei que isso é uma realidade, que isso... por mais que a gente fantasie e deseje que seja algo conjunto eu sei que, vendo você e vendo outras amigas que são mães, que é algo que é meio... não digo natural, pq não acho que seja natural, mas é algo que acaba acontecendo né? É um peso que fica meio desmedido, então pra mim... pela relação que eu tenho com meu pai, por essa relação meio quebrada, eu acho q esse medo ele aumenta sabe? De repetir isso, de que a ideia da maternidade seja pra mim algo que me freie de fazer o que eu quero, ou que me freie de continuar pensando em mim... sabe? É... é muito doido isso porque



agora quando me escuto falando isso é meio egoísta, mas acho que é como eu vejo, como eu sinto esse medo, eu sinto que é quase um medo de não dar conta de achar que... “caralho não vou conseguir fazer isso”, um medo muito grande de ver meu corpo passando por mudanças, de repetir um padrão que eu vejo e vi minha família repetir... tanto que, esse ano, eu tô com 27 e a minha mãe me teve com 27 e eu passei o ano inteiro tipo “caralho não posso ser mãe agora, senão vou repetir a porra do ciclo inteiro” (risos) eu fiquei o ano inteiro tipo com muito medo que isso acontecesse porque eu falei “caralho o tanto q eu já fiz minha mãe não viver coisas q ela queria... ou...sabe?” Existe uma culpa que eu sei que não é minha, mas assim, que eu carrego e que eu tento trabalhar isso mas que tá aqui, quase como se tipo... eu impedi minha mãe de ter uma vida completamente diferente, então pra mim vem nesse lugar assim sabe? mais pesado, mas ao mesmo tempo eu lido com um outro lado que é tipo “caraca, o que que é isso? O que de bom tem nisso?” Deve ser muito bom ver um ser humano crescer e tá junto e... então eu sei que isso tá em mim como algo tipo 8 ou 80, tem vezes que é “caralho não quero de jeito nenhum” e tem vezes que eu fico “não sei”. E em relação à arte, é muito doido isso... porque quando eu penso em relação ao mundo artístico hoje, eu vejo que a maternidade pode ser uma forma tão grande de impulsionamento e de matéria criativa, pq eu vejo muitas mulheres criando força das suas vísceras pra continuar nesse lugar. Eu te vejo muito nesse lugar. Tendo a certeza de que a arte não abandona sabe? independente das mudanças que acontecem e pra mim isso é uma força muito incrível. Eu acho que é muito forte, muito forte quando eu escuto mães falando sobre o teatro, sobre o fazer do teatro sobre a arte juntamente com o fazer da maternidade o quando isso transforma e o quanto isso cria e se constrói uma outra camada a partir disso. Eu acho que... talvez seja o lugar em que também me dá medo, mas que eu sei q é possível, eu acho q o resto a nível social e de, por exemplo, de relações com amigas, eu tenho mais mais medo de perder isso, do que perder o teatro. Porque eu acho que o teatro nunca vai sair de mim, independente da fase da vida que eu tiver, sabe? Eu acho que a maternidade pode ser uma outra camada pra fazer teatro, um outro olhar, é quase como se a personagem ganhasse uma outra gênese que é possível acessar quando se é mãe e eu não sei qual é essa... posso tentar imaginar ou tentar construir no meu imaginário algo que tenha alguma relação com isso, mas... acho que isso é algo que não tem como imaginar como é... tem como imaginar como poderia ser, mas não como de fato é, ne?! Então pra mim seria uma outra camada que serviria por meu corpo dentro da arte também. Que mais? Enfim... falar sobre isso me emociona porque acho que tem algo que eu to lidando constantemente que é, quase como um lugar de encontrar uma comunhão com o fato de ser filha e ter medo de ser mãe e... tô aqui soltando pensamentos e sentimentos amiga, nem sei se vai servir pra alguma coisa, mas eu acho que a maternidade pra mim é isso, ao mesmo tempo que ilumina dá muito medo, muito medo então... descobri ontem que uma outra amiga minha está grávida, acho que tô entrando numa fase em que esse assunto vai tá cada vez mais perto e eu ainda vejo ele longe pra mim, espero que eu entre em comunhão com isso assim, sabe? Porque acho que é algo que eu ainda vejo como um resquício de traumazinho. Ainda tô tentando achar uma paz em relação à ser filha pra poder encontrar essa paz na possibilidade de ser mãe. Então... é quase como se eu precisasse me abraçar e dizer que tá tudo bem eu ser filha pra eu conseguir eu abrir os braços pra poder ser mãe, então... acho que é isso!



Marcia Pires Torres

Oi Julia. É, eu estava pensando no que você pediu e entendi que eu não vou conseguir fazer uma ordem cronológica. Entendeu, uma história, não consigo. Vários momentos, assim, a gente pensa né? “Se eu tivesse feito isso, se eu tivesse; ou se eu não tivesse”. Mas eu agora não consigo, então eu vou fazer meio solto e vou tentar chegar a alguma conclusão, né, pra você.

É, por exemplo, eu vou pegar esses últimos, o último dia meu aqui que eu fui ver um espetáculo e, muito bom, que eu fiquei muito impressionada e, no banco de trás, na cadeira de trás do teatro estava o Luís né, meu filho que tem 34 anos. E achei muito legal assim, essa experiência assim, da gente tá passando aquela história, vendo aquela história, aquele momento assistindo o espetáculo juntos em momentos bem distintos né? Idades diferentes, e parecia que eu estava contando uma história pra ele sabe? De família assim, quando você conta uma história.

Aí fiquei pensando que ele entendeu a história, como eu, do jeito dele né? E aí fiquei pensando também e falei: mas o jeito dele tem muito nosso né, muito da nossa criação, do nosso modelo, do nosso que ele viu. E aí foi muito interessante, uma confusão de sentimentos, sabe? Assim de tempo, essa coisa, eu tô muito nessa coisa do tempo né? Tempo e espaço, o que é tempo e espaço, não é? E, esses dias me deu bem essa sensação do que é tempo e espaço né? Ele fez uma vez uma projeção lá na, no teatro da UNIRIO né? E ele é artista gráfico né designer, não foi pelo nosso caminho aqui né? E aí quando eu entrei lá que eu fiquei lá cinco anos, quatro anos sei lá, quase cinco e eu tava grávida dele, é foi tão emocionante sabe assim? Foi, é muito emocionante, assim, é o que eu tenho pra falar hoje, assim, hoje eu acho muito emocionante ser mãe. E, ser mãe dele mais emocionante ainda sabe? Eu acho que ele é meu presente mesmo da vida toda, sabe? E é um presente que a gente batalhou, o Valdez e eu tivemos uma paixão muito forte, vencemos muitas coisas e tamo junto até hoje, com vários problemas no caminho, mas tamo junto.

E só essas coisas de você ficar, de você não abandonar, aí eu penso que eu abandonei o teatro num momento né, pra ser isso, pra ser aquilo, pra ser mãe. Eu não abandonei né? Não abandonei. Eu parei. Eu dei um tempo. Hoje eu cheguei a assim, 62 anos que eu tô, eu vejo que eu sou tudo que eu fui né? Eu muito tempo achava “não, não sou mais bailarina porque eu não danço, não sou atriz porque eu não tô atuando, mas você é, você continua, você pode não tá exercendo, mas você é aquilo que você se identificou em algum momento, sabe? Então, quando para pra ver eu acho, assim quando você faz uma pergunta dessa, eu acho perfeitamente normal ser atriz, ser mãe, é, ser mulher de alguém, alguém ser meu homem, dada essas circunstâncias que vão se apresentando. Essas coisas, por exemplo, não estavam no meu universo na época, né?

Porque eu ia ser bailarina, e aí não ia, não dava tempo de namorar, não dava tempo, muito menos pensar em casar e muito menos pensar em ter filho. Então você que a vida te apresenta umas formas assim e, acho que essa forma é um amor, um amor que surge dentro de você e você precisa se relacionar com ele, sabe? Isso é, permitir que ele bata na sua porta, você abra e deixe entrar e deixe tomar conta e é uma amor enorme, e é uma responsabilidade enorme e na hora, graças a Deus, a ignorância da gente é muito grande e vai tocando e vai levando e vai fazendo as escolhas com uma certa consciência de melhorar, melhorar nossa, nossa sistemática, nossa raça né, da onde a gente veio, o que a gente viu que deu errado, corrigir



algumas coisas e continuar e é, assim vindo daqui, não de lá pra cá né, não do começo pra cá, o que aconteceu, não sei, não sei porque na hora e não sei que hora, não sei o que motivou, eu nem sei como é que eu fui cair no teatro né, vindo da dança. Então é acho que é meio tudo isso.

E aí, no meio de caminho eu virei mãe, e esse mãe me leva muita emoção, muito respeito, até por mim mesma e pelo Valdez mesmo, acho que na hora que eu resolvi ter filho eu achei que ele era o pai mesmo dessa criança, que ele podia até não vir ser mais a minha paixão, mas ele era um pai, ele era o único pai que eu queria pro meu filho, sabe? Essa era uma decisão muito boa de tomar, escolher a pessoa, escolher a pessoa que você quer que encare essa com você, e a gente sempre encarou muito junto tudo, muitas brigas, com muitas discussões, com muitos desentendimentos, com muitas idas e vindas, mas muito amor, entendeu?

Então acho que esse é meu primeiro momento assim pensando nisso sem me assustar muito com isso né, pensando como só uma escolha como isso, como aquilo, qual é melhor né? Eu vou tentando juntar uns fragmentos pra você.

Oi, é resolvi que eu não vou ouvir porque eu acho extremamente brega falar de amor, falar de sentimentos assim tão profundos, tão não sei o que, não é muito meu feitio. Mas saiu vamos deixar né, vamos deixar porque aí você o que você quer ou não.

Mas eu acho que tem uma noção do que eu sinto em relação a isso, quando eu penso em escolha, vem sempre uma coisa agora mais assim, mais de a gente pensa que sempre escolheria a coisa certa e escolheu a coisa errada, ou se eu tivesse só feito teatro e não tivesse feito isso, aí fico pensando, quando o Luiz nasceu, logo depois eu voltei pro teatro e tinha que comprar fralda, fralda descartável era muito caro, muito caro, muito caro e eu tinha que fazer teatro e eu fazia teatro infantil. Agora imagina, teatro infantil no Barra Shopping, sabe aquele que você se fantasia e passa no corredor, aí ninguém merece né, ninguém merece. Eu comprei muita fralda, mas não dou conta disso. Então assim, se tivesse feito uma carreira maravilhosa assim, grandes papéis, mas você pensar que podia estar num Barra Shopping passeando no corredor sábado quatro da tarde, não, não, não, não, não. Então são escolhas também né, são escolhas. Na dança já tive mais opções melhores, opções boas mais atrás.

Mas eu, a maternidade me trouxe muita consideração com as mulheres. Vocês hoje me espantam muito, porque vocês têm tantas, tantas coisas pra pensar, pra se preocupar. Eu tinha menos, no meu tempo era menos, né? Agora, hoje em dia quando alguém diz que tá grávida, fulana está grávida eu falo ai faz uma poupança já pra botar aparelho né, pra botar no inglês, pra pagar escolinha né, tudo é tudo caro. Mas são, é a vida, são escolhas, são... e vem tanta coisa boa junto também, tanta coisa difícil.

A gente tá numa época, eu tô numa época agora que já tô precisando... ele não precisa tanto de mim como... e eu tô precisando mais dele, né? Então também tem que respeitar isso que também é bem legal, deixar a pessoa ir fazer o caminho. Essa via de mão dupla né?! Tenho amigas com histórias completamente diferentes da minha, que são muito legais também, que são muito guerreiras, que são muito batalhadoras de tudo.

(tá eu volto a falar contigo, beijo)



Marina Provenzano

É uma coisa muito louca, ter certeza de que você quer ser mãe, essa é uma curiosidade que eu tenho muito grande em relação às outras mães.

Eu to com 35 anos, e na verdade, a coisa começou a se fazer mais urgente um pouco pela questão biológica que eu durante muito tempo achei que era uma fala do patriarcado, e da necessidade de produzir mais mão de obra. Né? E família e propriedade. E de falar que tem que ter filho, tem que ter filho tem que ter filho. E de repente, depois de muito relutar, eu vi que 35 anos já cai num, estatisticamente, numericamente, cientificamente, a coisa já vai se complicando. E é muito louco, porque a minha analista me pergunta muito assim: Você consegue ver a sua vida sem filho?

E eu acho que sim. Assim, ela sugere como uma boa pergunta pra ter filho ou não, se eu consigo ver a minha vida sem. E eu tenho chegado à conclusão que ter filho exige qualquer coisa de um ato de inconsequência, assim. Se eu for pensar muito, como é que eu vou fazer, né? Eu sou uma atriz, uma trabalhadora autônoma, sobretudo, nesse Brasil dos últimos 4 anos, onde nosso atual presidente faz tudo o que ele pode para dismantelar a cultura. Onde eu sinto que recentemente na minha vida eu consegui de fato me sentir uma pessoa autônoma e capaz de cuidar de mim mesma economicamente. Então como é que é isso? Como é que cê bota uma pessoa no mundo que vai ser dependente de você, se não financeiramente, mas de alguma forma emocionalmente para sempre?!

E aí essa ideia é muito assustadora né, assim, essa ideia me trava muito. É...medo de de repente ter filho e o espectro de personagens diminuir. Medo de uma certa fantasia, né, ah, vai que me chamam pra um grande trabalho justamente quando eu tô grávida, ou justamente quando eu tô amamentando. Então, em relação à profissão, esses são meus principais medos, eu acho.

Tem uma certa fantasia também, aí é isso assim, a corda no pescoço, né? Tipo, eu tô com 35. Em tese, eu fiz um exame recentemente que se eu começasse a tentar engravidar agora, a médica acha que não teria problema, mas ela diz: "eu não posso te garantir isso daqui a 6 meses".

Eu venho de um histórico familiar, a minha mãe entrou na menopausa com 44 anos, então ela fala: "geneticamente pode ser que você tenha propensão a isso também, então eu tenho que te falar de todos os piores cenários". E aí começou essa conversa então de congelar óvulo, porque...Bem, eu esse ano, era na verdade o primeiro ano da minha vida que eu sabia exatamente todo o meu ano de trabalho. Eu, depois da pandemia, eu voltei a trabalhar bem assim. E eu fiz duas séries no primeiro semestre e agora eu tinha uma segunda temporada de uma série que eu fiz no final do ano passado, pra fazer nesse segundo semestre. E aí, a...suspendeu, né? Tá tendo essa revisão dos streamings e tal. Eu não sei quando vai ser e se vai ser. E de repente eu me vi com esse tempo. Eu falei "pô, então será que vamo nessa? Será que a gente faz logo isso?" E aí fica uma certa fantasia, de como é que.. puta, mas e esses trabalhos todos que têm pra sair? E se eles saírem bem quando eu tô grávida e quiserem me chamar pra fazer uma novela, ou um troço que eu nunca fiz mas que eu acho que é super importante pra nossa trajetória de atriz no Brasil, né? Por um lugar de validação, e de atingir 70 milhões de pessoas e de poder expandir o trabalho, né? Assim...E aí começou a entrar essa conversa de congelar. De tipo, tá bom...eu e meu parceiro, a gente sabe que a gente quer fazer esse laço. Embora seja um desejo muito volátil, porque ao mesmo tempo que



eu falo que eu quero, não é uma coisa assim tipo "woow" É uma coisa que tá ali. Talvez porque já esteja decidido também em algum lugar, e muito conversado. Mas me dá muito medo. Ah, a gente ouve tanto relato, né? De mãe, de maternidade. Me dá muito medo essa coisa de de repente esse ser que você não tem mais tempo pra nada. Embora eu ache que essa coisa de não ter mais tempo é uma mentira que a gente conta pra si mesma, porque a gente se organiza. E, tô aqui fumando um cigarro que vai ser uma coisa que eu vou parar de fazer já, num certo processo preparatório. Mas a ideia de congelar, embora, quanto mais eu entro nesse, quanto mais eu tento me informar sobre isso, mais eu entendo que não é uma ciência exata. Congelar não quer dizer que necessariamente vai dar certo.

Eu conheço várias histórias de pessoas que tentaram muito. E é uma super grana, e não só grana assim. É um investimento emocional muito grande, assim... É, e aí você toma uma bomba de hormônio, e aí você... É...ao mesmo tempo que eu tô flertando com essa ideia, eu fui na médica, tem um fator que é muito importante, assim, que a viabilidade disse nesse momento se dá muito por conta do meu parceiro. Embora eu acho também que se eu, eu tenho uma estrutura familiar que me permite, se o caso fosse...mesmo que eu tivesse sozinha...eu acho até que se eu tivesse sozinha, eu congelaria só pra garantir, com o apoio dos meus pais. É... mas aí quando vai ficando muito científico, quando a coisa de ter filho vira um procedimento médico tão radical, me afasta um pouco também. Então eu tô agora nesse dilema, assim...E muito medo assim, né? Como nesse momento da minha vida, até agora, embora eu seja muito feliz com a trajetória da minha carreira e as coisas que eu tenho feito e os caminhos por onde eu tenho ido, é...me assusta a ideia de ter uma pessoa tão dependente de mim. Sobretudo economicamente, assim...E aí, eu acho também que a coisa vai parecendo mais viável muito por acreditar na minha parceria. E meu parceiro também trabalha na mesma área criativa que eu. Ele é diretor, ele é roteirista. Então de alguma forma isso também é reconfortante, assim, né? E ele também já tem uma carreira muito mais estabilizada, é... de um fluxo de trabalho muito maior. E embora, pra mim, é...sempre tem um certo horror à ideia de ficar sem trabalho, o meu marido, às vezes, é...ser a pessoa que pagas as contas, mas eu também tenho feito um trabalho de entender que é uma parceria, né? Tenho trabalhado muito isso, assim. De que tudo bem se eu ficar um período sem trabalhar, eu vou tá fazendo um outro trabalho não remunerado. E o nosso trabalho não tem licença maternidade, né? Não tem... Não tem uma garantia econômica, assim...Que eu acho que é uma coisa que me desestabiliza muito em relação a isso. Mas...mas eu tenho pensado muito, e o Tomás, que é meu parceiro, fala muito isso assim "as pessoas tão se virando há séculos (risos) fazendo isso, né?". E aí quando eu vejo as minhas amigas com filho, assim, eu fico achando que é meio um rito de passagem na vida mesmo, assim. Só vai, só faz, só só só tenta. É meio um processo que eu quero...viver, assim...A própria coisa da gestação, é...é uma coisa que me dá muita curiosidade. E, e isso...de criar uma pessoa, eu acho, né? São as coisas que me motivam a fazer, assim...uma curiosidade de ver a mistura da massa genética. E de ter esse laço com meu parceiro, pro resto da vida. E também fico pensando que pode ser que isso desperte outros canais criativos e outras provocações que eu desconheço, assim...Eu sempre tive uma coisa muito cigana, e por ter cidadania italiana, de poder pegar e morar fora, morar onde eu quisesse, largar tudo (que é uma coisa infantil também) e de alguma forma, eu acho que uma criança muda, né esse paradigma. É...então, agora nesse momento, dia 2 de Setembro de 2022, eu tô na verdade refletindo se eu quero mesmo ir pelo processo de congelamento, ou se eu quero só chutar pra gol e ver o que acontece. Dá



até um pouco de embrulho no estômago, assim. Mas, eu também fico achando que as pessoas se viram, sabe, assim? Eu vejo tantos artistas de teatro, que trabalham majoritariamente com teatro tendo filho e se virando. Talvez venha outro instinto, talvez venha uma urgência, né, da necessidade que talvez seja positiva.

Talvez tenha alguma coisa que saia um pouco de si, ou muito de si. É, é verdade que falando agora eu percebo que eu encaro como um certo processo também passar por isso assim, e ver o que acontece, sabe? E, mas meio dividida porque...quando vai ficando muito científico, né... Então, a ver o que vai acontecer. Mas eu fico me perguntando assim, quais são os medos específicos de ter filho como uma atriz? E eu acho que talvez sejam muito semelhantes aos medos de ter filho, ponto. Talvez mais semelhantes ainda de quem é um trabalhador freelancer de diferentes áreas, assim. Pode ser uma ilusão ou um otimismo, mas eu acho que talvez como a gente se alimenta muito das experiências e das sensações, por piores que elas possam ser e mais assustadoras, a gente também pega essas coisas pra fazer alguma coisa com isso, né? Então...eu não sei, eu faço análise há muito tempo então também, muitas coisas eu acho que são uma fantasia, né? Não é a fantasia de que "ah não, perai, pode ser que eu perca o grande momento da minha vida". E isso não existe, né? Assim, a gente vai tá sempre...não tem uma hora que você dá um chute e vai, e aí, e sei lá, e aí a sua vida muda radicalmente? É sempre processo, uma coisa vai puxando a outra, e a gente não sabe quando é que elas vão acontecer, e se elas vão acontecer. Então é realmente... que que faz sentido agora, eu acho, né? E, por mais que pareça super estranho, é, hum, faz sentido ter um filho, parece.

Ainda falta um pouco a coragem de...de fazer o processo natural pra que isso aconteça, mas eu sinto que tá cada vez mais se aproximando, assim...E, no mais, é ver o que acontece mesmo.

Pra mim também tem uma coisa da vida que é meio destino, né assim, o que tiver que ser vai ser. E torcer pro melhor. Acho que é isso.

Paloma Riani

Vou tentar. Então, vamos lá... Aos 30 anos né, eu sou uma mulher de 58 anos. Aos 30 anos até os 33 começou aquela pressão do relógio né, que é a hora de ter filho. Então, todas as amigas tinham filhos e eu dizia: Não. Eu só vou ser mãe, e eu sempre quis ser mãe, a hora que eu sentir que dá né?! Não pelo relógio biológico. Não é isso que vai me fazer mãe. E então, eu fui mãe faltando...parir meu filho e parir uma mãe, junto com esse movimento, faltando dois meses pra fazer 39 anos de idade. É... e me lembro que eu ouvia muito "aii, é um antes e depois...aii você vai chorar muito...ahh você vai não sei o quê. E quando o meu bebezinho...posso até te mandar uma foto, não sei...veio pro meu colo, e teve que ser cesariana né?! O que é um crime! Uma ditadura...mas teve de ser porque ele não encaixou e não queria sair (risos)...ele só bocejava e rodopiava dentro do meu útero. Eu, quando marcaram a cesariana, eu falei " vocês querem arrancar o meu filho. Ninguém vai tirar o meu filho de mim." E aí...enfim, eu entrei em trabalho de parto, exatamente na época marcada para a cesárea. E quando ele foi colocado no meu colinho, eu não chorei. E ele abriu duas bilhas né, porque ele tem dois olhos azuis imensos e olhei pra ele e falei " vamos nos conhecer. Vamos nos conhecer...crescer juntos, porque agora também vou experimentar algo que desconheço.(Risos)... seja muito bem vindo. Eu te amo. Te amo, te amo, mas ainda não sei o que é esse



amor, e nem o seu pra mim né? E que a gente possa construir uma vida de muita transparência e de muito diálogo. É isso o que eu espero de você meu filho. Que você seja um grande homem". E aí eu desabei. Chorei muito, e ele fechou o olhinho e foi pro peito e foi mamar. Esse é o primeiro relato assim...

E no momento mais difícil da vida, separação e tal...ele já estava com 4 anos, ele já tinha ganhado...ele sabia quando podia usar o ipadzinho e quando não. A gente tem uma relação de muita transparência. Eu e Gabriel é uma coisa assim...enfim...não é troféu não, fui mãe, sou mãe, com todos os meus defeitos e qualidades e ele também como filho. mas aí

Ele falou assim " mãe, e se um dia você morrer? "

E a minha resposta foi: com os valores que eu te deixo. E é assim, sua mãe perdeu...eu perdi minha mãe muito cedo, sua vó se foi muito cedo e tudo o que ela deixou pra mim é o que me importa e você vai seguir seu rumo como você desejar e eu vou estar sempre de olho, porque mãe tem muitos olhos (risos)...ahh, se eu lembrar de alguma coisa mais bacana assim eu te falo...se é que é isso...e trabalhei até a véspera do parto. E depois o Manoel Carlos numa novela me ligou e falou: Paloma, já tá vacinado? .

Aí eu pensei que fosse o meu cachorro né, eu tinha um cachorro maravilhoso que também...ah, a coisa mais linda da vida. E eu falei: meu cachorro? E ele " não, o seu filho. E eu falei: já, já tá tudo vacinado...E então era fax. Ele falou que ia chegar um fax pra você porque você vai fazer uma cena e eu vou registrar o seu filho na novela. E ele parecia um boneco sabe Julia? As pessoas me paravam na rua pra perguntar se era boneco, porque ele era muito observador. E eu botava ele no babybag, de frente pra vida né? De frente pro mundo...então, e tem sido assim hoje. Na faculdade de Medicina já é monitor, já tá trabalhando no hospital de servidores, tem 19 anos, namora há 2 anos, e eu amo a minha nora, e ciúme...ele me aprendeu a não ter ciúmes. Meu filho me aprendeu a entender o que é ciúme e não ter ciúmes, porque a pessoa que trabalhava conosco, que hoje eu me chamo de vó do filhinho dela, e...a mulher do pai dele, eu digo: são mães também meu filho, quem te ama, quem te acolhe é mãe. É isso...não sei...acho que é isso. Meu deu vontade de falar isso, e fiquei emocionada. Um beijo. Tchau.

É que cortou no meio...a pergunta foi: se um dia você morrer, eu posso te reiniciar? E daí veio a minha resposta.

Durante toda a gestação, minha barriga crescendo e eu fazia questão de entrar na empresa de top e a barriga bem pra fora, e...e seios. Botei seios.. eu era magrinha...então, ahh eu fui uma mãe, uma gestante bem exibicionista. A sensação que eu tinha é que flores se abriam no chão sabe? Por onde a gente passava...ah, um privilégio né também...eu tô falando de uma posição de uma mulher classe média, né...enfim...branca e tal...parará parará, mas essa é a minha experiência, e ele acompanhava dentro do meu útero toda a gravação. Quietinho, mas quando chegava em casa...o bicho...ele ficava enlouquecido. E depois me acompanhou muito lá dentro do projac, nos estúdios globo...muito, muito, muito. Sempre muito bem querido, muito bem recebido, e muito observador cheio de questões sobre certas pessoas...muito interessante. Foi uma experiência muito feliz, e se eu pudesse teria mais uns 20 filhos...um beijo querida

Desculpe, eu falei errado. Ele me aprendeu, que ótimo né? Freud, lacan, Jung...deve saber o que é esse inconsciente...me aprendeu não, me ensinou a não ter ciúmes. A não ter ciúmes. É isso...me aprendeu não. Me ensinou. Desculpe. É isso.



E sim, tive com o marido o privilégio de ser pediatra na época, e hoje é psicanalista..É...que foi de extrema solidariedade, companheirismo, apoio fundamental! Fundamental! Tá? Pronto...chega né?

Tem um documentário do Domingos de Oliveira sobre maternidade que ele me convidou. Eu e Gabriel estávamos presente, passeando ali de skate, pequenininho lá e cá...e eu me lembro que eu falei: coitado do meu filho, não fosse o meu trabalho...porque eu acho que seria uma mãe..risos...extremamente possessiva talvez? Não sei...e, ele ficou meio assim em dúvida e tal...ele questionou algumas coisas..mas que sorte do meu filho ter tido uma mãe que trabalhou, trabalhou muito e trabalha muito, e que teve alguém ao lado que foi uma outra mulher maravilhosa que cuidava da gente...ela não..eu não passava os deveres de ser mãe pra ela, era o que eu queria e como eu queria. E ela era uma mulher espetacular, que é a Nana que ele chama de manana. É...então eu tive toda a boa sorte do mundo. Não sei se é isso o que você quer falar no seu trabalho...me desculpa tá? Beijo.

Julia, eu tava com essa sensação...porque passa muito tempo, são muitas coisas que passam na cabeça e o HD vai ficando enferrujado né? ...a quantidade de meninas, meninos, de alunos, de ex alunos que eu tive nessa época da Laura Alvim e até bom tempo depois que me encontram na rua e vem falar comigo junto a mãe...que me reconhecem. Eu fico chocada. Não, eu não tinha o Gabriel, mas eu tinha vocês. E vocês me ensinaram muito...é...muito! Eu sou muito grata a essa época da Laura Alvim. Quanto a atriz, eu não deixei de atuar. Eu fiz ,NAO ENTENDI O QUE ELA FALOU, fiz perrengue, eu fiz teatro, tudo com o Gabriel já nascido e eu fiz cinema...eu dizia: mãe tá indo, beijo e tchau...volto logo, me espera! O fato de ok, ter um salário bacana, bom e não sei o que, ajuda e muito...óbvio! Mas se não houvesse, eu tenho certeza que eu ofereceria para as escolas onde ele estudou, meu trabalho como atriz, como professora, como orientadora de alguma forma em troca de um desconto sabe? Não atrapalhou o fato...não atrapalhou a minha atriz...eu fui...puxa, eu tive uma kombi, ainda não tinha Gabriel, mas eu tive uma kombi que era a kombi da tia paloma do teatro, só deu essa kombi de transporte escolar pra sobreviver, pra trabalhar. Trabalhei em loja, entendeu? Então quando o Gabriel chega, ele chega num momento em que eu tô estabelecida, não pela empresa, mas pela minha luta. Pela sua. Pela as dos seus pais que pagavam lá a Laura Alvim, né? Eu tô estabelecida por um todo. Então, e obrigada...tô eu de novo comovida. Eu ando um poço de comoção. Mas não. Eu não sei quando se fala atravessar a atriz ou a atriz ser atravessada. Não, não foi. Teve um trabalho que eu fiz que é a série "bramar" (não entendi também o que ela falou), que quem me ajudava não só a decorar mas me dava uns toques era o Gabriel. Ele tinha na época 8, 7 anos...falava " mãe, não acha que aqui..." ele veio contribuir pra essa atriz que teve que se recolher e a gente tem que ir a luta e ter dinheiro pra sobreviver e viver. Um beijo meu amor

Letícia Colin

Bom, com certeza a configuração que se estabeleceu ali da diretora em geral ser a Luisa Lima, uma mulher com quem eu já tinha trabalhado, uma mulher que tem filhos, uma artista progressista e acolhedora e também eu ter feito um teste. Eu acho que a minha caminhada em direção a essa personagem passou por



um processo de teste. Então eu tinha, nós tínhamos antes do... eu já estava quando eu descobri que estava grávida na verdade no processo da preparação né. Já em sala de ensaio com o nosso preparador e que recentemente transicionou, o Theo Lena, na época era a Tati Lena, então eu já estava com ele ali fazendo exercícios e uma pesquisa tanto da parte médico-hospitalar, então eu fiz um curso de socorrista como essas vivências dentro no hospital, vendo cirurgias, vendo o comportamento ali dos residentes e também a parte da cracolândia, a parte do uso da dicção. Então eu tava entrevistando muitas pessoas, ex-usuários, indo às reuniões do AA. Eu já tava muito mergulhada no processo, eu acho que foi uma soma de acontecimentos assim... Com certeza isso de eu já estar muito ocupada por essa personagem. Então a gente já vinha fazendo leituras e estruturando a cena ali com ela, ela já tava muito em mim, a Amanda. E é isso, eu tinha uma intimidade, uma relação muito boa, um papo muito reto com a diretora porque nós... porque eu tenho uma afinidade com ela, porque eu confio muito no trabalho dela, e acredito que ela no meu. E também a pessoa que estava fazendo a gestão dessa parte de escalação na globo na época, que era a Mônica Albuquerque, eu também fui comunicá-la que tinha acontecido isso, que eu tinha descoberto a gravidez né porque eu sabia que isso tinha que ser sabido e dado um ok né. Tinha que ser confirmada a minha participação a partir dessa notícia porque... não só pela gravidez em geral assim que acho que já é uma condição que altera nosso ritmo, nossa saúde, o processo biológico que tava acontecendo no meu corpo, mas também por conta da densidade dessa personagem. Então acho para qualquer personagem seria uma questão a ser colocada né, já que muda fisicamente a estrutura e meu trabalho é muito... acontece muito na estrutura do meu corpo também né. O corpo tá ali para ser filmado como um todo então uma questão que se eu tenho qualquer mudança na minha aparência eles precisam ser comunicados né, como quem corta o cabelo, como quem... isso do micro ao macro né. Então eu sofreria ali alterações morfológicas por assim dizer e então ainda mais pela densidade do personagem, o que me preocupava era esse mundo em que a personagem tá envolvida, de ser um mundo muito denso, muito tumultuado, que é o mundo do dependente químico, dessa dependência absoluta das drogas e tal. Mas, assim, também eu acho que... Então é isso, são pessoas que eu já conhecia previamente, que já conheciam meu trabalho. E quando elas disseram que sim, que ficaram muito felizes com a gravidez, que ia dar tudo certo e vamo nessa do mesmo jeito como se... assim, que não era um impedimento, porque eu achei que poderia ser impedida de fazer né. Porque eu até acho que de algum jeito as mulheres talvez não possam desempenhar toda e qualquer função estando grávidas. Acho que funções que colocam em risco realmente né... sei lá, trabalhos que você possa ter uma contaminação por algum material, trabalhos que são tóxicos no sentido mesmo né da respiração, ou enfim, que estejam em ambientes que possam comprometer a sua gestação, isso existe, trabalhos que são contraditórios, impeditivos da mulher grávida fazê-los existe. E eu também acho que tava numa linha cinza de decisão sobre fazer ou não. Eu fico imaginando assim se eu fosse as pessoas que estão nesse lugar de dizer o sim ou não, do que se pode fazer ou não se pode fazer estando grávida como atriz dentro uma personagem que vai enveredar por um caminho vertiginoso, de uma densidade emocional muito grande. Temos muitas cenas de muito impacto. Mas eu já tava... eu já sou muito sensível, fiquei ainda mais por estar grávida então acho que isso também me ajudou a chegar em estados que essa personagem pedia né, porque ela tá realmente fora da curva emocional e convencional de uma personagem que não estaria em adicção ou não grávida então acho que há pontos de convergência nesse lugar da



hipersensibilidade. Eu acho que por mais contraditório que seja a gravidez e o lugar da dependência química como por exemplo o lugar de quem tem ansiedade e depressão, que é minha condição também, eles nos colocam em alguns cruzamentos assim dessa... do estado emocional em que a gente vive. Como essas pessoas que passam por isso estão num lugar de lidar consigo mesmas de um lugar mais atento, mais presente, mais atencioso, mais cauteloso, com uma rede de proteção maior. Eu sempre tive analista e psiquiatra por exemplo todas mulheres, por coincidência ou não, que estavam perto de mim mais ainda, estando grávida, da obstetra e da... médico de criança, como chama? Pedagogo não. Pediatra. Depois eu trouxe mais pessoas ainda pra essa minha rede de proteção pessoal. Porque eu acho que o trabalho do ator sempre me exigiu muito um time, um verdadeiro time correndo na paralela da equipe da novela e do projeto da maneira que ele vem, com os profissionais que ele vem lá da origem dele, da globo no caso. Mas eu sempre convoco outras pessoas para trabalharem junto comigo como massagistas, fisioterapeutas, quiroprata, toda uma parte também holística, espiritual, dos florais, então pra mim é um trabalho que mexe em todos os campos, os campos sutis também. Então eu acho que assim eu tava muito acostumada a trabalhar com... nessa voltagem da hipersensibilidade porque eu sempre fui essa pessoa, eu me conheço trabalhando, eu consigo mesma né, nessa investigação dessa ferramenta que sou eu mesma, que é meu corpo de atriz, minha cabeça de ser humano assim desde os oito anos eu comecei a trabalhar como atriz então eu acredito também que a própria história assim da minha caminhada me ajudou também a poder pilotar esse corpo, essa mente e esse coração ali para cuidar de outra pessoa. Porque eu também pra mim era importante que eu mesma me sentisse segura para fazer essa série né, que eu não tava colocando em risco, ou afetando, ou nada disso, o meu filho. E pelo contrário, o fato de estar com ele o tempo todo me deu um distanciamento daquilo tudo né... daquela obra, da minha própria paixão por aquela personagem, da minha própria relação de entrega do trabalho como protagonista, de tudo que isso simbolizava para mim na minha trajetória toda, mas tinha um passo para trás que eu olhava e dizia: mas ao mesmo tempo o que mais importa é esse pequeno ser ali com o qual eu tinha que ter uma responsabilidade, um compromisso de o tempo todo estar dizendo é mentira, eu tô aqui te protegendo, então de fazer disso um processo criativo prazeroso e iluminado de um trabalho tão sombrio né. Então eu acho que foi a melhor coisa que me aconteceu como intérprete, como ser humano e como artista. Tanto é que essa personagem chega tanto nas pessoas, ela toca os corações e ela aconteceu de uma maneira tão crível porque eu tinha muito forte essa presença da luz e da sombra que a gravidez me trouxe. A gravidez por si só já levanta isso né, ela levanta nossos fantasmas todos também, nossos medos, nossas angústias, nossas relações mal resolvidas, os esqueletos no armário todos, então uma coisa ajudou a outra né. O meu processo de estar cuidando daquele ser. Eu ainda não me sentia mãe, eu fui me sentir mãe só um ano depois que o meu filho nasceu, mãe, mãe mesmo né porque pra mim foi uma relação absolutamente construída, ela não foi dada a partir do momento que eu pari, ela foi se fazendo né. Então foi muito bom porque ela estabeleceu de partida um autocuidado comigo mesma e uma atenção plena que eu levei para outros trabalhos depois. Eu achei que foi muito melhor eu estar com algumas ressalvas do que estar totalmente disponível e aberta a qualquer processo pro trabalho. Então eu mudei muito depois desse processo de ter trabalhado junto com o meu bebê, enquanto feto ali, me ensinou muito como metodologia de atriz desse entendimento de criar esse espaço, desse distanciamento entre o que se está fazendo, a paixão em se fazer o que se quer alcançar



com aquele trabalho, a quantidade de entrega e algum respiro né que tem que ser dado entre isso e a sua vida pessoal né, o seu mundo particular, a sua privacidade, os seus limites. Eu achava antes que ter limites era uma coisa a ser desconstruída, mas eu acho que não precisam ser totalmente desconstruídos os limites entre você e a personagem. Eu acho que se eles são bons, eles são saudáveis, eles trazem ainda mais qualidade para o seu trabalho de atriz. Ah, e só complementando, além disso, as mulheres também que ocupavam cargos muito importantes como por exemplo do figurino, da maquiagem, a chefe de caracterização que era a Ana Vestin, a Tica Bertani que era parte do figurino, que era a cabeça do figurino. Isso tudo, se não fossem mulheres com quem eu me senti absolutamente confortável, à vontade tanto pra abrir, por exemplo, na hora de caracterizar, a Ana Vestin foi uma das primeiras pessoas a saber da equipe ali né porque eu não poderia usar nenhum tipo de maquiagem que fosse... ou tinta de cabelo, nada disso né, um monte de ferramentas que a gente teria pra fazer nessa personagem, em uma mulher sem nenhuma restrição né, então eu tive que abrir pra ela. Então a gente enveredou por um caminho de produtos naturais, veganos, coisas que não tivessem corantes, nada que prejudicasse o desenvolvimento do meu bebê e foi muito legal assim porque a Ana tem um filho também e ela tava muito feliz e todas as mulheres ao meu redor estavam vibrando comigo, mães ou não mães, mas querendo que eu brilhasse e dispostas a fazerem as adaptações necessárias né, porque elas foram necessárias, não é um trabalho como se fosse uma mulher não grávida, não é, mas elas estavam lançando mão dos recursos assim, colocando eles em cena de tudo o que a gente pudesse ter e usar com o que existe no mundo hoje em dia de opções e alternativas para que o trabalho fosse o melhor possível. Então isso também em relação ao figurino da Tica. A gente fez muito esse recurso de ir aumentando o número das roupas né porque eu precisava parecer mais magra e no meu planejamento inicial, antes de estar grávida, eu teria perdido mais peso né, eu estaria com uma cara mais abatida, mas a gente conseguiu esse resultado através dos figurinos, através da maquiagem, de sombras, de efeitos né, para que a gente conseguisse contar essa história usando mesmo do talento dessas mulheres. Elas lançaram mão mais ainda das suas criatividade, das suas potências, e do seu trabalho, da experiência que elas já tinham, dessa trajetória toda, então todo mundo usando todos os recursos possíveis para que a gente pudesse ir mais longe juntas né, e sempre celebrando muito, eu me sentia muito acolhida, muito à vontade para conversar, para chorar, pra existir né. Existir de uma maneira inteira. Foi muito elevado o clima que se estabeleceu porque essa condição também quando ela é vista como potência por todas as pessoas que estão ao seu redor como lugar de respeito e de potência e não de uma fragilidade no sentido pejorativo da coisa né, de um estado de algo que te desabone ou que te enfraqueça, mas pelo contrário, uma condição especial mesmo. Especial no sentido extraordinário e como extraordinário algo que deva ser reverenciado, comemorado, protegido por todos. Isso ganha um efeito muito grande no coletivo, né? De se fazer uma série, um projeto que tenha uma cara bastante cinematográfica. É uma união. Acho que é algo que trouxe também uma união maior e um cuidado maior de quem estava lá para esse projeto. Já era um projeto especial para todos, eu acredito, porque as pessoas sabiam lendo o texto do potencial criativo e o impacto dramaturgico de uma série dessas levantada assim... E aí ainda mais quando tem uma condição assim né, uma figura central nessa história, nessa engrenagem toda que estava nessa condição... Então as pessoas também se serviram disso de uma maneira inteligente e amorosa, que eu acredito que a energia do amor ela é muito inteligente e poderosa no sentido da prosperidade da coisa mesmo, do sucesso.



Quando realmente a gente atinge esse lugar do amor, do afeto, o sucesso acontece. Foi a série mais vista do Globoplay, uma referência... enfim, para todos nós em todos os nossos setores, não estou falando do meu trabalho. O meu trabalho ele junta, ele mostra tudo dos outros setores. Então a roupa que aquela profissional pensou, o cabelo que aquela pessoa pensou, o cenário onde aquela pessoa foi lá e escolheu, eu estou por ali, né. Então foi um ponto de brilho para todas nós.

Sobre como as artistas mães né conseguem estar num projeto. Eu realmente não sei. Acho que as soluções vão se criando pela rede de proteção que cada uma consegue estabelecer. É uma coisa muito pessoal, muito privada, né? É uma rotina nossa do audiovisual muito extensa, muito árdua, né, uma rotina muito árdua agora, uma rotina de 12 horas, às vezes, agora tão conseguindo em alguns âmbitos do cinema, pelo menos no cinema acho que agora já são duas folgas semanais, mas na televisão ainda continua uma folga semanal, é e é um acordo que se dá informalmente, um acordo nosso com nossos filhos, porque a gente não tem nada previsto pra nós mães, um acordo trabalhista, que sei lá tivesse uma creche, ou uma diferenciação pra profissionais que têm filhos até uma certa idade, e que tem uma demanda, até amamentação, se bem que tem a legislação pro intervalo pra amamentar q a pessoa pode ficar numa sala privada e que os trabalhos até deveriam ter, né, esse espaço pra pessoa amamentar; mas acho que o que rola na prática são os acordos de aldeia, né, eu acho que criar um filho é um trabalho de aldeia, que a gente deveria resgatar né, das nossas indígenas, nossas ancestrais, num cultivo mais amplo dessas relações, pra criança não precisar ficar sozinha com uma babá, ou uma pessoa da família, mas sim expandir isso pra creches parentais, células familiares maiores, acho que as famílias, as crianças, deveriam ser de todos nós, ela tem ali um cuidador mais direto, que é o pai ou a mãe, ou os pais ou as mães, ou a mãe, ou o pai, mas enfim, deveria se ter uma rede social de cuidados, que deveria ser tomado partida inclusive do contratante, e uma união maior né, entre esses cuidadores todos, pra que juntassem filhos de até de idades diferentes já que é tão rica a convivência e isso poderia ser mais saudável pra todos nós de repente se os filhos de quem a gente trabalha pudessem conviver e ficarem juntos e diminuiria custos e encargos e até poluentes, se tivesse um ambiente comum, isso é um sonho... um sonho de uma sociedade mais integrada, onde todos olham pras crianças com o mesmo cuidado e afeto que olham para as suas crianças, né? Porque as nossas crianças são todas, é o que eu penso que deveria ser, não só aquela criança que vc é diretamente o cuidador dela, que vc gerou, que vc adotou, mas todas as crianças, e que houvesse um diálogo desses pais se fortalecendo, né, dessas mães, desses cuidadores, se fortalecendo, trocando, se apoiando, a gente tem muita falta né, muito carente de creches, de espaços abertos na cidade, isso é uma grande tristeza, né, de o Rio de Janeiro ser tão com uma riqueza natural imensa, e ao mesmo tempo uma cidade tomada, pelo tráfico, pelas milícias, pela criminalidade, o que faz com que a gente não possa usufruir dos espaços públicos, então os espaços públicos são restritos e a nossa sociedade muito machista, mas o Brasil é um país muito patriarcal, então as mães dobram sempre as jornadas duplas, triplas, o trabalho da casa que é um trabalho não remunerado extremamente cansativo, eu sei que eu vivo uma situação de privilégio, que eu posso ter uma funcionária, com carteira assinada, duas funcionárias no meu caso eu tenho, que é a babá, pra que eu possa sair, trabalhar tranquila, e pra que o meu marido também possa, pra que ninguém fique sobrecarregado, né, porque a maternidade é um trabalho exaustivo, e eu realmente não sei como seria a nossa vida, pra mim e pro meu marido, se a gente não tivesse esse privilégio que é a gente poder



ter duas funcionárias contratadas, uma que é pro bebê e uma que é pra casa, alimentação, né e tal. Então eu sei que eu falo de um lugar muito de bolha, específico, mas é o que nos faz conseguir também nos reconectar; nesses últimos dois anos de pandemia nós ficamos vivendo só pro Uri, só com ele, só pra ele, e foi maravilhoso, mas também exaustivo, mas pra que ninguém fique sobrecarregado, acho que tem que ter um terceiro elemento, que eu acho que no mundo lá fora poderia ser esse lugar do coletivo, essa rede de apoio para todos. Eu sinto que é um desafio gigante, um desafio, a jornada é muito desgastante, a jornada da maternidade também é muito desgastante, e o que acontece às vezes é que eu acho que falta uma compreensão, uma empatia e um acolhimento porque, em vários seguimentos eu digo isso, no emocional, no prático, no operacional da coisa, né, eu acho que deveria ter algum sistema de prevalecer, prevalecer é uma palavra que parece que eu quero pedir algo além, não é isso, de amparar, acho que poderia amparar, igual tem programas pra outras características de pessoas que trabalham, essa mãe solo. Com certeza. É uma coisa que eu parei, eu paro pra pensar sempre. Não preciso nem parar na verdade. É natural. Eu com toda essa infra que eu consigo ter, eu me sinto muito cansada, muito sugada, é um cansaço mais dessa ordem, eu acho que eu poderia, eu acho que é isso, não sei qual é a solução, que deveria se pensar, porque nós somos geradoras, e são as mães, são as mulheres que vão fazendo a coisa é continuar, se desdobrar, seguir, né? Então, assim sendo, poderia haver algum benefício, ou incentivo, ou estímulo, que existisse especialmente pras mães solas, que eu não sei o que é também, mas que compensasse esse desgaste, que reconhecesse, acho que falta muito reconhecimento, porque é como se a mulher tudo que ela faz é um pouco assim pela obrigação que ela tem de fazer, e não é assim, né, se ela é uma mãe maravilhosa, é, meus parabéns, é assim, é o mínimo, a gente sabe que a maternidade é uma escolha, é uma construção social, histórica, a maternidade é algo a se desenvolver, a se desenrolar, de uma maneira paulatina, é um afeto que se constrói, um elo cultural, também, escolhido, eu como mãe biológica do meu filho, eu senti isso assim nitidamente, que eu não cuidava dele porque ele nasceu de mim, porque eu pari ele, mas eu cuidava dele porque ele era um bebê indefeso, porque os bebês são indefesos, mas eu cuidaria de qualquer bebê. Eu fiquei intrigada com essa pergunta e eu acredito que o que faz muito mal é essa separação insistente do trabalho e da vida e da maternidade e do mundo. Claro, às vezes tem projetos que a gente tem que se isolar. Mas quando tem projetos assim, talvez tivessem que ser criados por iniciativas até das pessoas envolvidas nos projetos criadas alternativas dessas creches parentais perto do lugar onde o projeto vai acontecer, né? Imagino que seria muito melhor se pudesse seguir né, como se fosse uma caravana mesmo, principalmente os filhos das mães solas, e das mães que ainda amamentam, né?

Pra isso, as pessoas que tiverem na, há que se haver uma união dos cuidadores e cuidadoras, e da pessoa que encabeça esse projeto e que se reconheça o potencial dessa proximidade. Pessoas que trabalham mais felizes, mais motivadas, mais presentes, mais atentas, mais empoderadas. Acho que seria mais revolucionário.

Então, eu exercito isso o tempo todo porque é uma coisa arraigada na nossa cultura, cristã. Meu filho outro dia me perguntou “Mamãe, o que é culpa?” E eu disse: Eu não gosto dessa palavra, eu prefiro responsabilidade. Por exemplo, se vc escolher não escovar os dentes agora, mais tarde quando vc tiver com mais sono vc vai ter que escovar, uma atitude que vc tem que tomar, uma escolha que vc tem que fazer. Então a gente tá tentando ressignificar essas palavras, tudo que a gente conta pra ele, falo a gente



porque eu e meu marido que é o pai dele, nós nos damos muito bem, então, e somos os dois muito presentes, nosso vínculo com nosso filho é muito forte, e meu marido explicou assim: ah, é, o jeito que de fazer uma coisa, quando vc faz de um jeito e vc fala puxa, eu preferia ter feito de outro, vc gostaria de voltar e refazer a coisa de outro jeito, mas não tem como, o que aconteceu, aconteceu, o que passou passou, então, eu fico numa, faço análise há muito tempo, períodos que eu faço duas vezes por semana, pra me libertar disso, mas eu acho que é uma vigilância constante, da gente se cuidar uma das outras, também, de dizer não porque vc tá assim, você pode sim sair um dia, deixar seu filho em casa, se ele tiver bem assistido bem cuidado, vc pode namorar, pode se separar, pode querer ter outro filho, pode não querer ter, pode não querer tá afim de estar com seu filho também, assumindo os nossos limites assim, mas é um trabalho árduo, porque a gente escorrega facilmente e se culpa e se cobre e assume mais funções, como se a gente fosse mais capaz assim, é uma ideia de uma superestima que eu também tento desconstruir, acho que ela tá muito próxima da culpa, não, mas eu consigo, mas não me custa nada, mas eu posso, e quando a gente vê a gente tá adoecendo, vai enfraquecendo e tudo mais.

Caroline Inácio

Então, quando eu engravidei, eu acho que eu estava num momento de um certo avanço como atriz, um certo crescimento, eu comecei muito crua na CAL né, e eu era atriz pra UFRJ, pros diretores em formação e eu tava num momento de me conhecer como atriz e tava conseguindo canalizar mais as minhas emoções pra atuação, enfim, eu acho que eu tava num momento que eu sentia que eu tinha um avanço, sabe? E eu tava feliz, com o meu trabalho, eu tava fazendo uma peça que era o marido ideal e aí eu engravidei, eu queria engravidar, mas eu não tinha noção do que estava por vir como atriz. Eu já estava escalada pra uma outra peça que era finalização do curso desse diretor e aí eu contei que eu estava grávida, eu tava fazendo a peça normalmente, eu tava grávida de acho dois meses, e no momento em que eu contei pra ele ele já me cortou da outra peça, eu estaria com cinco ou seis meses, eu poderia perfeitamente fazer a peça, era sobre o sagrado feminino, e aí ele me cortou porque eu estava grávida e aquilo me marcou porque eu vi que o buraco ia ser muito mais embaixo. Aí, foi muito difícil, sobre, porque acho que eu já senti que não ia ser fácil. Então, é isso, eu acabei o Marido ideal, tava com três meses, depois eu fiquei só grávida e trabalhando como dentista, só grávida, rs, só gerando, gestando, e trabalhando como dentista, que pra mim era frustrante porque eu gostava muito do teatro, mentira, agora que eu lembrei, eu tava fazendo outra, eu tava fazendo um ensaio, era um projeto que nem finalizou, a gente tava num outro projeto que era Jesus Preto, e aí a gente tava falando sobre a apresentação e tal, e eu falei, mas eu vou estar parindo, eu vou estar com um bebê nessa época, e ela, ah mas, eu tava eu e meu companheiro, os dois fazíamos os ensaios, enfim o projeto, e ela falou ah, você pode ficar em casa com o seu filho, sua filha, uma das atrizes falou, era uma mulher e o meu companheiro também tá, e nenhum momento ela ponderou que ele também teria que estar porque eu estaria parindo ou porque eu estaria bem no início. E aquilo me magoou muito, principalmente vindo de uma outra mulher. Foi muito difícil voltar a estudar teatro, a trabalhar, enfim, porque eu sentia que é, acho que o mais difícil foi o seguinte: eu sinto que eu não vou conseguir estar lá, principalmente no início, porque qualquer coisa que acontecer eu que vou ter que abrir mão, então foi



muito difícil entrar num projeto com continuidade, eu fiz um curso no início que era uma vez por semana de palhaçaria, eu sentia que eu tava muito mais sensível, que eu dava uma supervalorização pra aula, o que era pra ter um peso leve ganhou um peso muito maior, porque era só aquilo que eu tinha, era só um dia na semana, e olhe lá, e ao mesmo tempo que eu ia muito feliz, eu ia com muito peso. E depois sempre que eu pensava em fazer um projeto maior, que me exigisse um pouco mais, eu pensava não, à noite é ruim, ela vai precisar de mim, se ela ficar doente eu vou ter que parar tudo então nem vou começar. Então, só agora que eu tô voltando, faz um ano que eu voltei a estudar teatro com mais continuidade, faz pouco tempo que eu fiz uma apresentação pública, mesmo que pequena, e é um paradoxo porque ao mesmo tempo que eu senti que a maternidade me alimentou como atriz, minha subjetividade, o meu, a minha alma, minha, internamente como pessoa eu cresci, e isso automaticamente pra mim alimenta a minha atriz, eu queria usar tudo isso, mas eu sinto que eu não tenho muito chão em relação à minha filha, em relação à maternidade, apoio, eu sinto que o teatro não é um lugar que abriga crianças, a não ser que a criança supertranquila que fica ali, vendo um celular, ou brincando, durante três horas que é mais ou menos o tempo que leva né pra um ensaio ou uma aula, é isso, é, eu acho que é isso, ficou meio fora de ordem, talvez, e tô voltando agora, aos poucos, mas assim eu ia fazer uma faculdade, aí eu pensei calma, não faz uma faculdade, faz um curso técnico. Aí o curso técnico ficou num horário que não me abrigava como mãe e aí eu pensei também não pode ser e fui pra um outro curso que são duas vezes por semana e eu consigo dar conta mais. Mas é isso, o corpo rígido, o corpo não tão disponível ainda, mas ao mesmo tempo muita vontade de ser atriz, de exercer, de fazer teatro, de estar ali. E é isso. E eu também sinto que eu gosto de mostrar pra minha filha que eu faço o que eu gosto, que eu acredito no teatro, nesse ofício, e que esse ofício é maravilhoso mesmo com todas as dificuldades, e é riquíssimo. Enfim, usei muito também teatro na maternidade, isso é uma coisa que eu não tinha pensado agora, eu sei que ninguém vê, eu uso muito teatro com a Maria, faço personagens, e muitas vezes uso eles pra conseguir coisas com ela, que ela deve fazer, como manobra, sabe? não quer tomar banho ou não quer comer, então eu faço um personagem, faço uma brincadeira e eu sinto que isso acessa muito ela, e isso pra mim é muito gratificante, ninguém vê, ninguém sabe, mas eu consigo ver o quanto é potente, através da Maria também, criar com ela que é uma coisa que não tem tanta exigência, eu tá criando ali com ela, eu sinto que a minha energia criativa flui. Enfim. Acho que é isso, espero que eu possa contribuir ou tenha contribuído de alguma forma. obrigada porque de qualquer forma eu me sinto escutada, viu?. Nem eu sabia o quanto é importante... Bom saber que você está escutando mães atrizes. Tá? Te amo. Obrigada, viu?

Liliane Rovaris

Oiii, bom, vamos lá. Pensei um bocado esses dias e rever tanto tempo assim, a Clarinha nasceu há nove anos atrás e no momento agora eu não sinto essa, a maternidade como eu vou dizer, sinto a maternidade como eu vou dizer, a maternidade assimilada na vida, já virou muito parte assim, mas no início que foi mais, eu parei um pouco, eu não sei muito bem como dizer da minha relação de atriz com a maternidade porque eu peguei uma época que eu tava fazendo duas peças, que era o Nada, uma peça pra Manoel de Barros, com a direção da Miwa Ianagizawa e do Adriano Guimarães, e que se constituiu uma família, né?



E eram muitos atores, eram oito atores se não me engano, era uma trupe. Então eu tive a Clarinha, eu tava grávida, quando eu fiz o Nada, e pela personagem tudo bem, era uma tia meio que era meio desmemoriada, e a gente brincava que ela tinha ficado grávida de um cara qualquer, que ela era muito animada, não era senhora não, era desmemoriada por condição, assim, era meio essas pessoas com um leve atraso mental, eu não sei, mas era possível ela estar grávida. E depois a gente parou com a peça e acabou que quando voltou, olha só, aí que depende da equipe, né? O Adriano Guimarães exigiu que fosse outra época, que eu lembro que o CCBB de Brasília ofereceu um período em que a Clarinha ia ter dois meses, e ele falou não, é muito importante a personagem da Liliane, só ela, ele chegou até a conversar com outra atriz, mas aí ele voltou atrás e bateu o pé e conseguiu dois meses depois, Clarinha tinha quatro meses. Então eu tive muita sorte, que eu estava com o Nada, que é uma peça que até hoje reverbera os encontros, e a gente já tinha encontros anteriores, com a Miwa principalmente, foi lá que eu conheci a Camila e o Adriano, foi uma peça muito bem-sucedida, familiar, e aí fomos pra Brasília e pra São Paulo, e a Clarinha ficava, entrava no final, ficava no camarim e entrava no final, em Brasília. Em São Paulo ela ficava com a babá de uma amiga minha que trabalhava de manhã pra filha da minha amiga, e à noite ia pro hotel, 18h ia pro hotel e ficava com a Clarinha. Então todo esse período foi muito bom, eu não tive muita questão em relação ao trabalho, o Cacau, o meu marido, sempre ajudou muito também, sabe, dividia bem essas coisas todas, e logo depois eu fui pra Portugal com uma peça que eu já fazia desde 2010, Clarinha nasceu em 2012, que era Não tem nem nome, também de uma cia que eu tinha na época, com Emanuel Aragão, Rossini Viana, uma família que tavam todos na maternidade quando a Clara nasceu, então assim eu tive dois projetos de muito, que todo mundo acolheu muito, aí fomos pra Portugal, eles deixaram que eu fosse depois, tinha que fazer uma residência, tinha uma oficina antes, eles me liberaram da oficina, lá eu contratei uma baby-sitter que o teatro me indicou, ficamos todos numa casa, saíam à noite e eu não saía. Então em relação ao primeiro ano da Clarinha, ela ia comigo pra qualquer lugar. Mas o que é legal desse podcast que eu tô fazendo é ressaltar a questão da cia, né? Como o teatro pode virar uma família e acolher a questão da mãe que tá ali né, quando essa personagem não é aquela coisa naturalista e tal. Depois desse tempo eu dei oficinas com a Miwa, a Clarinha ficava com os meus pais, a gente tinha uma senhora e tal, é classe alta, meio alta, média, classe média, média, a gente tem esse privilégio, tinha ao menos, aí eu fiz até uma residência com a Lola Arias, uma peça, quando a Clarinha tinha 2 meses, e ela ficava no ensaio, a Lola Arias também recebeu superbem, inclusive queria que a babá entrasse no palco, ficaram amigas as duas, mas a babá não quis não, que era pra falar sobre a questão de babá, de mulher branca, e a babá era uma mulher preta, maravilhosa, mas ela não quis, a Monica. Isso foi antes do nada, foi quando a Clarinha tinha dois meses, e Cacau ficava com ela no camarim, durante a peça, eu foi um fim de semana só. Depois eu fiz, sempre a grande questão pra mim foi paralela pra mim, de achar que eu tenho que correr muito, todos temos, né, na verdade, mas é uma outra questão, sabe? eu sempre ter que correr muito pra ter um trabalho, não ser convidada sabe, essa bobagem, que ultimamente até tenho sido, né, pra fazer preparação de elenco; e é isso, a rede de apoio, Adriano, Miwa, Maria Silvia, Camila, o Manu também, eu lido com essas pessoas no trabalho, fora disso, é muito difícil e sempre foi. Acho que essa questão não é relacionada com a maternidade, é sobre outras questões minhas como atriz que eu tenho que trabalhar. É.. eu acho que eu nunca, vou falar uma coisa assim, eu nunca deixei de fazer algum trabalho, me atrapalhou algum processo



ter sido mãe, nunca deixei de ter feito nada, e a questão da culpa vem muito forte nas viagens, que depois dessas que ela foi, eu viajei bastante, fiz plano sobre queda, a gente ficou em São Paulo, depois fiquei bastante tempo fazendo filme em Brasília, mas sempre indo e vindo, e o Cacau, realmente nessa hora o parceiro ele ajuda muito, né? E ele fica com ela, a gente divide muito isso. Então é isso, eu acho que eu queria ressaltar a questão do teatro, sempre trabalhar com cias, a rede de apoio, né, acho que nnao vou te acrescentar em nada nessa questão, uma coisa que diminuiu que talvez seja complexa, sair, assistir os amigos, eu tento, aí sim, tenho tido vontade, porque Clarinha tá numa fase gostosa de conversar, de falar e de ficar ou por causa da pandemia, eu tenho tido vontade de sair menos, agora que eu tô voltando, e é muito bom também e acho que faz parte assistir tudo, tudo não mas dentro da medida possível. E outra coisa também que, aí sim, não é nem no mercado, são os momentos de silêncio e solidão, que me faziam falta antes de ela ir pra escola né, agora não. Mas momentos mais de cansaço, dessa coisa de, reflexiva, mais do que relacionada ao trabalho, se é que pode separar reflexão do trabalho, mas não era algo pra estudar, direcionado como por exemplo o mestrado, no mestrado ela não me atrapalhou em nada, porque foi tranquilo, a dificuldade era minha, nossa falei à beça, beijos.

Ilunga Malanda

Eu sou Ilunga Malanda, atriz e multiartista. Zambiana abrasileirada. E faz quase um ano que eu me tornei mãe de uma linda erê chamada Moisa. A maternidade é uma daquelas coisas que é difícil descrever. As palavras não contemplam a grandiosidade dessa travessia. É como amor, que você entende quando você sente, quando você vive. Existe um campo mágico no trabalho com a atuação. Os lugares que a gente acessa. Os processos que a gente desperta em nós mesmos e em quem nos assiste. Lugares profundos, mares de emoções. Tudo aquilo que a gente se propõe a transmitir enquanto artistas e enquanto pessoas. Esses tipos de reflexão foram elevados à enésima potência com a chegada da minha pequena. Se como artistas a gente sempre deve se questionar sobre as nossas urgências, sobre tudo aquilo que nos urge comunicar, que nos urge movimentar uma vez que eu fui lar e portal para a chegada desse ser nesse plano, nesse mundo que hoje, mais que nunca, pede para que a gente pare para pensar, pare para repensar a forma como estamos existindo em relação a todas as outras formas de vida no planeta, repensar a forma que nos relacionamos entre nós dentro das nossas mais diversas vivências. Isso tudo foi posto sobre perspectiva pra mim. Que mundo é esse que eu estou construindo pra minha pequena? E que ser é esse que eu estou guiando para caminhar neste mundo? Essa dança constante entre a leveza e o entendimento dessa grande responsabilidade atravessa todo o meu fazer artístico. Onde é importante que eu invista a minha energia artística? O que eu quero despertar? O que eu quero que reverbere com esse papel, com esse projeto? Tudo isso mudou e se ampliou ao mesmo tempo que ficou ainda mais assertivo. A maternidade me fez entender em um novo patamar a importância da arte na vida. Na minha vida e na vida no geral. E que a vida é arte e que, sem arte, eu não tenho vida. E quão importante e imprescindível o fazer artístico nos contextos políticos mais polarizados, engruvinhados e apocalípticos. Atuar também é maternar. Gestar ideias, parir utopias, maternar possibilidades. Campos de diálogo e de ação. Presença. A presença que tenho em palco. A presença que tenho frente às câmeras quando o meu corpo é habitado por um



personagem que vem contar a sua própria história. É uma presença que foi ampliada porque maternar é presença. Se eu fico pensando no ontem ou projetando o amanhã eu perco os mais lindos sorrisos, as mais gostosas gargalhadas, o brilhinho no olhar de quem tá descobrindo e aprendendo tudo pela primeira vez. Momentos mágicos, únicos e irrepetíveis. Presença. Hoje tudo se entrelaça. E nessa encruzilhada entre a mãe e a atriz, sou eu, essa mulher que vos fala. Axé, arrô e amor.

Isabelle Nassar

Falar da maternidade pra mim é um lugar muito confortável, eu acho. A maternidade na minha vida ela se apresenta muito diferente daquilo que eu já fiz porque e aquilo que eu pensei que um dia eu podia. Eu trabalho desde muito, aos anos quatorze anos viajei pela primeira vez a trabalho. E desde muito cedo eu tinha objetivos muito latentes na minha vida, e todos envolviam realizações profissionais e a maternidade não passava nem de longe. E aos 22, eu estava morando na Italia eu fui surpreendida com essa maternidade que me visitou. Ela não foi uma escolha consciente mas eu acatei esse acontecimento, só que eu, obvio, não estava preparada nem como mãe, como mulher e financeiramente principalmente.

Quando a Maria nasceu eu tinha vinte então e dois pra vinte e três anos, a Maria nasceu em fevereiro eu sou de abril né? Então, a gente tem esses dois "mesezinhos" de diferença... Quando a Maria nasceu eu entendi que muito rápido eu precisava dar uma vida melhor para essa menina, ela não merecia passar pelas dificuldades que eu passei, ela merecia um futuro melhor. Quando ela nasceu eu morava num quitinete em Copacabana a gente dormia no mesmo quarto, e me veio uma ânsia, uma vontade muito forte de transformar a vida dela e isso era muito maior do que realmente transformar a minha, assim. Durante muito tempo na minha carreira de modelo e com essa transição que eu fiz com o nascimento dela entre modelo e atriz, eu procrastinei, eu malandrei durante muito tempo. E, depois do nascimento dela eu entendi que eu tinha que ser a melhor profissional que eu pudesse ser, porque o futuro dela dependia de mim e quando nasceu a Maria, nasceu também uma Isabelle, atriz/

Logo depois desse período da amamentação, eu comecei a fazer Martins Pena. A Maria em todos os momentos comigo minha maternidade ela me acompanhou. Eu levava, muitas vezes ela para Martins, eu estudava a noite e ela ficava no finalzinho da sala ali dormindo. Vários amigos tomavam conta dela. Conforme eu fui crescendo como atriz, como profissional, conforme eu fui me descobrindo essa mulher-mãe-atriz ela foi crescendo também, né? Ela primeiro estudava num colégio em público depois ela passou pro Pedro II, depois da pandemia ela está estudando na Parque. Ela não nasceu num berço pronto. as coisas que foram se estabelecendo.

Então, eu sinto que a minha maternidade ela está muito relacionada com a artista. Aquilo que eu desejo pra minha artista é aquilo que eu espelho na minha maternidade. Aquilo que eu dedico a minha artista também é o que eu muito dedico com a maternidade. Talvez por não ter tanta noção, consciência sobre a maternidade, eu tive muita coragem. E hoje em dia às vezes, eu não tenho nem tanta coragem em relação ao meu trabalho. Eu perdi um pouco isso. Mas eu teve muita coragem em saber que as coisas iam dar certo, sabe? Eu ainda tenho muitos objetivos profissionais pra realizar, assim como eu tenho muitos objetivos em relação a educação dela, a minha maternidade em geral. O futuro da Maria. E a minha



maternidade, por mais que ela tenha sido muito difícil, ela foi muito leve. Eu encontrei leveza na dificuldade. Eu achava que não tinha esse direto, de ser mãe, de ter família, de ter amor. E hoje eu percebo que, eu posso, né? Eu tenho uma família, eu tenho amor, tenho coisas que me resguardam assim. Então, eu não sei se eu te responde, Júlia, mas eu acho que esse é o fato, sabe? Esse espelhamento entre a minha maternidade e minha carreira.

Tassia Leite

Oi amiga, vou mandar áudio, bom, vou falar assim, mas é um tema que dá pra abrir mil canais, mil vertentes, e também partindo da minha maternidade, né? De como eu escolhi viver isso, Mas o que me vem à cabeça sobre maternidade e ser atriz, me vêm muito a questão do corpo, do quão é importante a minha presença, não é questão de ser insubstituível, mas é uma questão de que tá aqui as coisas, por exemplo na peça, eu ensaiei por muito tempo, gravei o texto, sei os movimentos, então tá em mim, e na maternidade a mesma coisa, o leite tá em mim, tudo que eu passei com a Nina tá em mim, sabe? Então, me vem muito essa coisa do corpo, de ser algo intransponível, mas algo parecido, e enfim... E agora abrindo outras portas, né? A questão também a questão depois que eu, como eu tive essa experiência, essa oportunidade tipo você, né, essa oportunidade de tá com bebê pequeno e fazer peça, a questão da concentração foi terrível pra mim, voltar e ter concentração na hora de fazer cena, sabe? Porque, a maternidade, ser mãe é muito intensa, então atravessa você em tudo que vc faz, não tem como vc permanecer do jeito que era nas outras coisas, então senti muito forte essa coisa da concentração que foi, que é algo ainda que eu tenho que lutar pra não ficar com a cabeça nela e mil funções.

Uma questão também mais romantizando um pouco porque também não é fácil, mas, uma questão sublime da arte que vc meio que esquece de vc pra estar em prol daquela história, em prol daquele personagem. E a maternidade não deixa de ser um pouco isso também, seu corpo é um instrumento, tanto pra gerar, tanto pra fazer aquele ser sobreviver assim, a gente sabe que não é ideal, mas muitas vezes a gente se deixa de lado, deixa o ego de lado, tipo, cara esse aqui, essa pessoa, esse ser é mais importante do que eu nesse momento. E é isso, teatro também tem um pouco disso, de vc abdicar do seu ego e tipo dar vazão pra outras coisas pra além da vida esperada, sabe?

Amiga, acabou que eu não te mandei o áudio e eu espero que ainda dê tempo, porque eu vou te mandar agora. Mas assim essa semana foi super complicada, fiquei doente, e última semana também lá da peça, enfim. Mas cara minha volta foi bem curiosa assim. Tipo.. É... Foi um misto de sentimentos muito louco, que eu ficava, me sentia muito bem de saber que ia voltar pro teatro, mas eu ficava muito ansiosa também porque eu ficava pensando em relação à Nina assim, como seria, né? Porque a peça era bem no horário que ela dorme e tipo a gente segue muito uma rotina aqui, não por querer manter isso, mas é porque realmente a gente não sai muito, e eu não tenho trabalhado muito também, então acabou que a gente estabeleceu essa rotina e é uma rotina que a gente faz todo dia, com algumas poucas exceções, e é isso, aí o Dudu dá banho nela e depois quem bota pra dormir sou eu porque ela dorme mamando, né? E a peça é bem no horário que ela dorme, 20h. E eu fiquei muito ansiosa achando que não ia dar assim, que sei lá, eu ia traumatizar ela, que ela ia chorar muito, e que eu não estaria com ela, mas acabou que agora depois que acabou a temporada eu vejo que deu tudo certo assim, mas foi bem punk o processo porque voltando



a ensaiar assim eu tinha muita dificuldade de concentração, ficava pensando, minha cabeça fica muito nela, e depois também, tipo nos dias assim, quando, aí eu me arrumava toda, botava tudo que dava pra botar de figurino eu botava e terminava de botar lá no instituto, botava maquiagem, ficava pronta, acabava o banho, dava mamá pra ela, deitada com ela e tal e aí quando ela acabava de mamar eu pegava do uber e ia, quando ela não dormia eu pegava, deixava ela com o Dudu e ele fazia ela dormir. Mas quando ela não dormia era muito ruim porque não sei assim, na hora me dava uma vontade muito louca de ficar em casa, queria ficar em casa, não dava vontade de ir pra peça, aí eu ia pra peça, e quando era bom, também porque teatro tem isso, tem dia que é bom e tem dia que não é bom, de energia, performance, você, né, tipo, a gente sabe disso, tem dia q é bom e tem dia que não é bom. Aí, quando era bom, eu entendia, aí que bom, que bom que eu tô aqui e tal, alegria e tal, quando não era bom, gente, eu ficava, meu deus do céu, eu voltava correndo pra casa e ficava meu Deus porque que eu tô fazendo isso, sabe, ganhando pouco, podendo estar com a minha filha, e tipo foi bem, é bem difícil, porque ainda não é uma coisa que me dá dinheiro, sabe? Então eu abdicar de estar com a minha filha pra seguir um amor assim mesmo, uma paixão que é um sonho de estar ali, de me aprimorar como atriz, e de estar fazendo o ofício, enfim, e isso me dava muitos pensamentos assim, ambíguos, de tipo ao mesmo tempo me achava um pouco egoísta pensando em mim, e depois falar fala sério, pelo amor de deus, tô trabalhando, entendeu, mas basicamente é assim, tipo, agora nesse final eu tava feliz de estar acabando, sabe? Porque realmente tem que ter um fôlego a mais, que é, diversas vezes eu passo o dia, o Dudu trabalha durante o final de semana e aí eu ficava sozinha com ela durante o dia e aí ter que ir pra peça, é bem cansativo, muitas vezes eu cheguei com vontade de, muito cansada, vontade de chorar, porque eu tava exausta fisicamente e mentalmente também e aí teve um dia que eu não consegui entrar, assim, me entregar, não conseguia, não conseguia, foi bem difícil, tanto que no dia seguinte eu não fui, eu tava o pó da rabiola, mas eu não sei amiga exatamente se é isso que vc quer saber, foi meio que assim, difícil e bom ao mesmo tempo, e várias vezes, também, várias vezes não, mas algumas vezes eu pensava eu queria não ter que voltar correndo, ainda mais, quando a gente não é mãe a gente tem muita liberdade, mas a gente só percebe isso depois que é mãe, às vezes eu tinha vontade de sei lá, sair, comer alguma coisa, conversar, só sabe, mas aí eu voltava rápido porque ela ainda não pegou fórmula ainda direito, e aí eu ficava pensando nela, e tinha outras vezes que não, que eu voltava correndo, tipo ai meu amor, amor da minha vida, e, mas é isso, assim, é muito louco, cair essa ficha de que é mãe assim, aí eu fiquei com medo também de perder qualidade depois de ser mãe, meu deus do céu isso não é pra mim mais, passou minha fase, passou meu tempo, ainda mais essa cena do bar que é cheia de coisa corporal, mas enfim no final deu tudo certo, e é só um pouco essa coisa de ser atriz e mãe eu acho que é um pouco angustiante mas mais pela questão financeira, estabilidade, é um pouco isso, se vc tiver uma pergunta que eu puder responder, que vá mais pelo caminho da sua pergunta, vc me manda. E é isso.



Referências Bibliográficas:

- ADICHE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: Um manifesto. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BADINTER, Elisabeth. O Conflito. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- BARBA, Eugenio. Novas Palavras para Antigos Caminhos. Revista Brasileira de Estudos da Presença. Tradução Patrícia Furtado. Porto Alegre: v.9, n.3, e88132, 2019.
- BELKIN, Lisa. The Opt-Out Revolution. The New York Times Magazine, 2003. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2003/10/26/magazine/the-opt-out-revolution.html>. Acesso em: 11/03/2022.
- BENEVIDES, Luisa. azul de um minuto; poemas entre mãe e filho. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2019.
- BENJAMIN, Walter, SCHÖTTKER, Detlev, BUCK-MORSS, Susan e HANSEN, Mirian. Benjamin e a obra de arte. Técnica, imagem, percepção. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- BOYD, Kealey. The Very Real “Motherhood Penalty” in the Art World. Hyperallergic, 2021. Disponível em: <https://hyperallergic.com/645965/the-very-real-motherhood-penalty-in-the-art-world/>. Acesso em: 15/04/2022.
- CANANÉA, L. V. T.; ROCHA, M. M. V.; TARGINO, M. G. Maternidade em pauta: reflexões sobre ativismo digital e sua relação com a competência em informação. Perspectivas em Gestão & Conhecimento, v.8, n.3, p.20–39, 2018.
- CANETTI, Elias. Massa e Poder. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019.
- CASHDAN, Marina. You can be a mother and still be a successful artist. Artsy. Artsy Editorial. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-why-motherhood-won-t-hinder-your-career-as-an-artist>. Acesso em: 20/04/2022.
- CIXOUS, Hélène. O Rido da Medusa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CONCEIÇÃO, Evaristo. Insubmissas lágrimas de mulheres. 1ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- CLAYTON, Lenka. Artist Residency in motherhood. Disponível em: <https://www.artistresidencyinmotherhood.com>. Acesso em: 15/08/2022.
- FEDERICI, Silvia. O Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2017.



- FEDERICI, Silvia. O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, reprodução e Luta Feminista. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2019.
- FEDERICI, Silvia. Mulheres e caça às bruxas. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. 1ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.
- GROTOWSKI, Jerzi. Você é filho de alguém. Tradução de Celina Sodré, 1986.
- GROTOWSKI, Jerzi. o Performer. Tradução de Celina Sodré, 1986.
- DESPENTE, Virginie. Teoria King Kong. 1ª ed. São Paulo: N-1, 2016.
- DE LA BELLACASA, María Puig. “The Disruptive Thought of Care” in Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2017.
- DORNATH, Orna. Mães arrependidas. Uma outra visão da maternidade. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira. 2015.
- GROSKOP, Viv. Tracey Emin: 'I'm not flaky and I don't compromise'. Red Magazine. Disponível em: <https://www.redonline.co.uk/red-women/interviews/a506662/tracey-emin-interview/>. Acesso em: 13/04/2022.
- GRIMBERG, Felipe. Rio abre oito mil novas vagas em creches, mas fila de espera chega a 21 mil crianças. Jornal O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/rio-abre-oito-mil-novas-vagas-em-creches-mas-fila-de-espera-chega-21-mil-criancas-1-25375451>. Acesso em: 18/06/2022.
- GUIMARÃES, Mariana de Souza. O fio como inven o de outros possíveis: a casa, o jardim, a mulher e a obra. / Mariana de Souza Guimarães: Rio de Janeiro, 2021.
- hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Dossiê Feminismo e Antirracismo: Revista Brasileira de Ciências Políticas, Brasília. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: 24/08/2022.
- IACONELLI, Vera. Mal-estar na maternidade. Do infanticídio   fun o materna. 1ª ed. São Paulo, Anna Blume psicanalítica. 2015.
- IACONELLI, Vera. Café Filosófico, programa da TV Cultura, online, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nLpGnkeCMA8>. Acesso em: 22/08/2022.
- JONES, Bernie D. Women Who Opt Out: The Debate Over Working Mothers and Work-Family Balance, 1ª ed. Nova York: New York University Press, 2012.



JONES, Bernie D. *The opt-out revolution, ten years later*. NYU Press, 2013. Disponível em: <<https://www.fromthesquare.org/the-opt-out-revolution-ten-years-later/>>. **Acesso** em: 18/04/2022.

JUDAH, Hettie. “‘Motherhood is taboo in the art world – it's as if we've sold out’: female artists on the impact of having kids”, *The Guardian*, 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2020/dec/02/motherhood-taboo-art-world-sold-out-bourgeoisie>>. **Acesso** em: 20/04/2022.

JUDAH, Hettie. *Full, Messy and Beautiful. Representation of Female Artists in Britain During 2019*. Disponível em: <<https://freelandsfoundation.imgix.net/documents/Representation-of-female-artists-2019-Clickable.pdf>>. **Acesso** em: 20/04/2022.

LINDENBERG, Julia. *Maternar: corpo em trabalho*. Revista *Acesso*: PPGCA UFF. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1L9aycjcE2PMgkFc60gQvLh19OIenK_-E/view>. **Acesso** em: 20/03/2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MERUANE, Lina. *Contra os filhos*. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2018.

MONTENEGRO, Fernanda. *Prólogo, ato, epílogo. Memórias*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PATMORE, Colventry. *O anjo da Casa*, 1920.

RIBAS, T. Cristina. *Negar cuidado: cuidados reprodutivos e o cuidado como direito*. Instituto Mesa, 5ª edição, 2015. Disponível em: <<http://institutomesa.org/revistamesa/edicoes/5/cristina-ribas/>>. **Acesso** em: 06/05/2021.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIVERA, Tania. *Um amor outro: Ensaio psicanalítico sobre feminilidade, criação e maternidade*. Artigo publicado em STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Organização: STEVENS, Cristina 1ª ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.



RIVERA, Tania. Subverter o cuidado: reflexões e ações entre arte e saúde. Instituto Mesa, 5ª edição, 2015. Disponível em:

<http://institutomesa.org/revistamesa/edicoes/5/tania-rivera/>. **Acesso** em: 08/05/2021.

SIBILIA, Paula. O show do eu. A Intimidade coo espetáculo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

VIVAS, Esther. Em defesa das crianças. Revista IHU Online, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600027-em-defesa-das-criancas-artigo-de-esther-vivas#>. **Acesso** em: 15/05/2021.

VIVAS, Esther. Mamãe desobediente: Um olhar feminista sobre a maternidade. 1ª ed. São Paulo: Editora Timo, 2021.

WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.